

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ÁREA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

**AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM:
O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA
LINGUAGEM**

**Porto Alegre – RS
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

**AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM:
O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA
CRIANÇA NA LINGUAGEM**

MARLETE SANDRA DIEDRICH

Orientadora: Dr. Carmem Luci da Costa Silva

Este trabalho é requisito para a Defesa de Tese de Doutorado, a ser apresentado à banca de avaliação, com vistas à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

**Porto Alegre – RS
2015**

CIP - Catalogação na Publicação

Diedrich, Marlete Sandra

Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem / Marlete Sandra Diedrich. -- 2015.

147 f.

Orientadora: Carmem Luci da Costa Silva.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. aspecto vocal da enunciação. 2. aquisição da linguagem. 3. propósitos significantes sobre a significância. I. Silva, Carmem Luci da Costa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela sua bondade infinita para comigo, que me deu forças para enfrentar mais este desafio.

Agradeço à minha família: à minha mãe, D. Ana, pela candura e pelo apoio incondicional em todos os momentos; ao meu esposo, Edson, pelo incentivo constante; ao meu filho, Bernardo, pela compreensão e pela sabedoria colocada à prova a cada ausência; aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, pela preocupação e pelo carinho.

Agradeço às amigas: à Patrícia e à Claudia, por acreditarem e por se alegrarem com minhas pequenas conquistas.

Agradeço aos colegas: do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo; do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo apoio e pelas palavras sempre motivadoras.

Agradeço às instituições de ensino: à Universidade de Passo Fundo, pela oportunidade e pelo apoio; à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo acolhimento.

Agradeço à criança em cujas enunciações me apoiei para realizar a investigação, a qual, com sua singularidade, iluminou este trabalho. Sem dúvida, a disponibilidade em ajudar de seus pais foi fundamental para a realização desta pesquisa e, por isso, agradeço a eles também.

Manifesto meu agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Dr. Carmem Luci, pelo saber compartilhado, pela sutileza em indicar caminhos e pela sua presença inspiradora.

Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente a “criação do mundo” se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco.

(BENVENISTE, 1963/2005, p. 30-31).

RESUMO

Nosso tema de investigação é o papel do aspecto vocal da enunciação na manifestação da experiência da criança na linguagem. Trabalhamos com a hipótese geral de que, se a enunciação, enquanto fenômeno geral, é a apropriação da língua pelo locutor, o qual, assumindo sua posição de sujeito, implanta o outro diante de si, há, na aquisição da linguagem, um funcionamento particular do aspecto vocal da enunciação, enquanto fenômeno específico, constitutivo da relação de cada criança com o(s) outro(s) de suas relações, por meio do qual se realiza a tríade homem-linguagem-cultura, capaz de revelar a experiência singular da criança na linguagem. Movidos por essa hipótese, elegemos como objetivo geral: Explicitar como a especificidade do aspecto vocal da enunciação constitui a relação homem-linguagem-cultura no ato de aquisição da linguagem, manifestada na experiência da criança na linguagem. Para alcançarmos esse objetivo geral, perseguimos os seguintes objetivos específicos: 1) descrever o que é próprio do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição; 2) identificar, no quadro formal de realização da enunciação, como o aspecto vocal se manifesta na constituição desse quadro no ato de aquisição e de que forma afeta a conversão da língua em discurso; 3) explicitar, por meio dos fenômenos derivados do aspecto vocal da enunciação, a singularidade da criança que se apropria da língua por meio do discurso marcado pelos vestígios de sua cultura em sua experiência na linguagem. Em nossa fundamentação teórica, ganham relevo quatro problemáticas benvenistianas que nos possibilitaram definir o aspecto vocal da enunciação como *arranjo integralizador do discurso implicado na emissão e na percepção dos elementos vocais da língua em atos individuais*. A partir dessa definição, relacionamos o aspecto vocal à experiência da criança na linguagem. Em nossa metodologia, propomos uma análise translinguística de fatos enunciativos que marcam a experiência de uma criança cujas enunciações acompanhamos por sete meses: dos dois anos aos dois anos e sete meses de idade. A análise se pauta nos propósitos significantes sobre a significância discutidos por Benveniste e que se realizam na experiência da linguagem por meio da interpretância da língua em relação aos demais sistemas. Essa experiência revela o semantismo social incorporado ao vocal e evocado a cada relação de interpretância da língua: a criança, portanto, ao mobilizar *arranjos vocais* em sua enunciação, apropria-se do geral da língua e, por sua vez, da cultura nela impressa, para nela(s) singularizar-se. Os *arranjos vocais* constitutivos dos atos de emissão e de percepção permitem, assim, que a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaure-se no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito da/na linguagem.

Palavras-chave: Aspecto vocal da enunciação. Aquisição da linguagem. Propósitos significantes sobre a significância.

RÉSUMÉ

Notre thème de recherche est le rôle de l'aspect vocal de l'énonciation dans la manifestation de l'expérience de l'enfant dans le langage. Nous travaillons avec l'hypothèse générale que, si l'énonciation, en tant qu'un phénomène général, est l'appropriation de la langue par le locuteur, celui qui, en assumant sa position de sujet, installe l'autre devant soi, il y a, dans l'acquisition du langage, un fonctionnement particulier de l'aspect vocal de l'énonciation, en tant qu'un phénomène spécifique, constitutif de la relation de chaque enfant avec l'(les)autre(s) de ses relations, par lequel a lieu la triade homme-langage-culture, capable de révéler l'expérience singulière de l'enfant dans le langage. Inspirés par cette hypothèse, nous avons choisi comme objectif général : expliquer comment la spécificité de l'aspect vocal de l'énonciation constitue la relation homme-langage-culture dans l'acte d'acquisition du langage, manifestée dans l'expérience de l'enfant dans le langage. Pour atteindre cet objectif général, nous poursuivons les objectifs spécifiques suivants : 1) décrire ce qui est propre de l'aspect vocal de l'énonciation dans l'acte d'acquisition; 2) identifier, dans le cadre formel de réalisation de l'énonciation, comment l'aspect vocal se manifeste dans la constitution de ce cadre, dans l'acte d'acquisition, et comment il affecte la conversion de la langue en discours; 3) expliquer, par le moyen des phénomènes dérivés de l'aspect vocal de l'énonciation, la singularité de l'enfant qui s'approprie de la langue par le moyen du discours marqué par les traces de sa culture dans son expérience dans le langage. Dans notre cadre théorique, quatre problèmes benvenistiens prennent de l'importance, et cela qui nous a permis de définir l'aspect vocal de l'énonciation en tant qu'*arrangement qui intègre le discours impliqué dans l'émission et dans la perception des éléments vocaux de la langue dans des actes individuels*. À partir de cette définition, nous mettons en relation l'aspect vocal avec l'expérience de l'enfant dans le langage. Dans notre méthodologie, nous proposons une analyse translinguistique de faits énonciatifs qui marquent l'expérience d'un enfant, dont les énonciations nous ont suivi pendant sept mois : de deux ans jusqu'à deux ans et sept mois. L'analyse est basée dans les propos signifiants sur la signifiante discutés par Benveniste et qui se réalisent dans l'expérience du langage par le moyen de l'interprétance de la langue par rapport à d'autres systèmes. Cette expérience révèle le sémantisme social incorporé au vocal et évoqué à chaque relation d'interprétance de la langue : l'enfant, par conséquent, en mobilisant les *arrangements vocaux* dans son énonciation, s'approprie du général de la langue et, à son tour, de la culture imprimé dans la langue, pour y se singulariser. Les *arrangements vocaux* constitutifs des actes d'émission et de perception permettent ainsi que l'enfant, une fois qu'elle est immergée dans les cadres culturels, s'instaure dans l'appareil formel vocal de la langue, pour se singulariser comme sujet du/dans le langage.

Mots-clés : Aspect vocal de l'énonciation. L'acquisition du langage. Propos signifiants sur la signifiante.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Aspecto vocal da enunciação	57
Quadro 2: A realização vocal na experiência da criança na linguagem.....	71
Quadro 3: Síntese dos princípios metodológicos	77
Quadro 4: Sessões de coleta	82
Quadro 5: Normas de transcrição	88
Quadro 6: Síntese da análise da especificidade do aspecto vocal da enunciação na realização dos propósitos significantes.....	135

LISTA DE RECORTES ENUNCIATIVOS

Recorte Enunciativo 1: Vai lá	104
Recorte Enunciativo 2: Tirar as meias	105
Recorte Enunciativo 3: Já chega	107
Recorte Enunciativo 4: Branca de Neve	112
Recorte Enunciativo 5: A minha coroa	113
Recorte Enunciativo 6: Alô	114
Recorte Enunciativo 7: Dois-Três	115
Recorte Enunciativo 8: Gol	116
Recorte Enunciativo 9: Gatinho amarelinho	122
Recorte Enunciativo 10: Marota	123
Recorte Enunciativo 11: Cachorros	124
Recorte Enunciativo 12: Águas	125
Recorte Enunciativo 13: Leitura	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DO HOMEM NA LINGUAGEM: A VIVÊNCIA DE UM UNIVERSO CINDIDO	21
1.1 As problemáticas enunciativas	23
1.1.1 O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura.....	23
1.1.2 A comunicação intersubjetiva e a constituição do homem na linguagem.....	28
1.1.3 A forma e o sentido na linguagem e os níveis da língua.....	31
1.1.4 A língua no discurso e as relações de interpretância.....	34
1.2 O aspecto vocal da enunciação no ato de apropriação da língua	41
1.2.1 O aspecto vocal da enunciação: a busca de uma definição.....	42
2 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM	58
2.1 O aspecto vocal da enunciação e a experiência da criança na linguagem: princípios enunciativos	65
3 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO E A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA	72
3.1 Princípios metodológicos para o estudo do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem	74
3.2 Da coleta de fatos enunciativos da experiência da criança na linguagem	78
3.3 Os registros da experiência da criança na linguagem: transcrição ou interpretação?	82
3.4 Propósitos significantes sobre a significância: a análise do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem	92
4 A ANÁLISE DOS FATOS ENUNCIATIVOS: O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM	99
4.1 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso	102
4.2 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação à reprodução de acontecimentos e de experiências com a/na linguagem	110
4.3 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de substituição e de integração de unidades na relação de sentidos entre emissão e percepção vocal	121
4.4 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de escrita	129
4.5 O movimento que marca a historicidade da criança em sua experiência de aquisição da linguagem: a vivência do semantismo social incorporado ao aspecto vocal da enunciação	132
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
5.1 Retomada do caminho percorrido	137
5.2 Uma síntese: o que nos disseram os fatos interrogados	140
5.3 Palavras finais	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

INTRODUÇÃO

Nossa motivação inicial para este trabalho encontra-se em um texto de Benveniste de 1970 e amplamente explorado nos estudos da enunciação no Brasil: *O aparelho formal da enunciação*. Nesse artigo, o linguista reconhece um fenômeno geral da enunciação: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). No mesmo texto, apresenta três aspectos a partir dos quais a enunciação pode ser estudada enquanto processo: a realização vocal da língua, a conversão da língua em discurso e o quadro formal da enunciação. Ao final desse mesmo artigo, o autor faz referência à necessidade de se distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Com base na sinalização de Benveniste para a existência do aspecto vocal da enunciação e da possibilidade de estudá-lo em relação às suas especificidades, voltamos nosso olhar para a questão. Ao seguirmos essa direção, fomos levados a problemáticas envolvidas no estudo da linguagem sob a perspectiva benvenistiana, as quais nos mobilizam a refletir acerca do papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem a partir da tríade homem-linguagem-cultura. Vemos nessa temática a possibilidade de nos enveredarmos pelo viés linguístico cultural visualizado na obra benvenistiana, uma vez que, para o linguista em questão, o homem nasce na cultura, e isso se dá via linguagem.

Entender essa experiência a partir da investigação da aventura da criança na linguagem, uma aventura que se confunde com a própria constituição do homem, é, para nós, um desafio já anunciado nos estudos de Mestrado, nos quais também nos dedicamos a olhar a linguagem da criança em sua manifestação falada, desenvolvendo estudos apresentados na dissertação *O texto falado da criança: estratégias de reformulação*; naquela ocasião, movidos por outros interesses e fundamentos, mas que, certamente, também serviram de motivação para voltarmos, agora, a esse objeto de estudo tão intrigante e desafiador.

No presente trabalho, partimos do princípio de que a criança, imersa na cultura, apropria-se da sua língua por meio da vivência de situações enunciativas, nas quais se propõe como sujeito do seu dizer. Embora Benveniste não se ocupe especificamente do tema *aquisição da linguagem*, vemos, nos princípios propostos pelo autor, a possibilidade de iluminar a temática. Assim, elegemos como tema de investigação: **o papel do aspecto vocal da enunciação na manifestação da experiência da criança na linguagem.**

Para chegarmos a essa delimitação, trabalhamos com a seguinte hipótese geral:

Se a enunciação, enquanto fenômeno geral, é a apropriação da língua pelo locutor, o qual, assumindo sua posição de sujeito, implanta o outro diante de si, há, na aquisição da

linguagem, um funcionamento particular do aspecto vocal da enunciação, enquanto fenômeno específico, constitutivo da relação de cada criança com o(s) outro(s) de suas relações, por meio do qual se realiza a tríade homem-linguagem-cultura, capaz de revelar a experiência singular da criança na linguagem.

Com base nessa hipótese geral, tecemos as seguintes hipóteses específicas:

- 1) Se, conforme Benveniste (1970/1989), há um fenômeno geral da enunciação e o aspecto vocal se manifesta em relação a esse fenômeno, o aspecto vocal representa um fenômeno específico e, portanto, se apresenta de determinada forma em relação ao geral da enunciação no ato de aquisição, com especificidades em relação a esse ato.
- 2) Se há uma especificidade do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição da linguagem, essa especificidade integra o aparelho formal da enunciação proposto por Benveniste (1970/1989) e afeta a conversão da língua em discurso.
- 3) Se a especificidade do aspecto vocal integra o aparelho formal da enunciação, há manifestações dessa especificidade na voz do locutor, as quais revelam, no ato de aquisição, a singularidade da criança que se apropria da língua por meio do discurso marcado pelos vestígios de sua cultura em sua experiência na linguagem.

Movidos por essas hipóteses, temos como objetivo geral:

Explicitar o funcionamento particular do aspecto vocal da enunciação, enquanto fenômeno específico na experiência singular da criança na linguagem, constitutivo da relação da criança com o outro, na realização da tríade homem-linguagem-cultura.

Para alcançarmos esse objetivo geral, perseguimos também os objetivos específicos a seguir elencados:

- 1) Descrever as especificidades do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição, como fenômeno específico em relação ao geral da enunciação.
- 2) Identificar, no quadro formal de realização da enunciação, conforme Benveniste (1970/1989), como o aspecto vocal se manifesta na constituição desse quadro no ato de aquisição e de que forma afeta a conversão da língua em discurso.
- 3) Explicitar, por meio dos fenômenos derivados do aspecto vocal da enunciação, a singularidade da criança que se apropria da língua por meio do discurso marcado pelos vestígios de sua cultura em sua experiência na linguagem.

Em nossa investigação, a enunciação é vista a partir dos conceitos de subjetividade e intersubjetividade, abordagem que coloca o homem na língua, ou seja, o locutor e sua relação com a língua tornam-se objeto de estudo, permitindo, dessa forma, à comunidade científica, conhecer mais acerca dessa relação. Cremos que por esse viés haja a possibilidade de uma

melhor compreensão das relações sociais estabelecidas na cultura, uma vez que todas elas estão pautadas em atos enunciativos, por meio dos quais se realizam propósitos significantes que colocam o locutor em relação com a cultura que o cerca e da qual ele faz parte.

No que diz respeito à enunciação da criança, cremos também que conhecer mais profundamente a linguagem da criança, a relação da criança com a língua e com o outro da enunciação aponte para investigações capazes de revelar mais sobre a própria criança e sobre a língua com a qual ela constitui a sua linguagem, o que se mostra relevante tanto para os estudos na área da Linguística como na área da Aquisição da Linguagem. Ao elegermos o papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem como tema de nosso interesse neste trabalho, assumimos uma perspectiva teórico-metodológica concebida como enunciativo aquisicional. Voltamo-nos para os estudos da enunciação na perspectiva benvenistiana e percebemos que, nesse contexto, o aspecto vocal da enunciação foi destacado pelo linguista, mas não recebeu, em sua obra, um estudo que delineasse seus princípios teóricos. Encontramos em Benveniste o reconhecimento da realização vocal da língua como um dos aspectos a partir dos quais a enunciação pode ser vista, mas, em nenhum momento de sua obra, o autor tratou especificamente dessa questão. Tal fato poderia nos levar a abandonar o assunto, justamente por falta de recursos teóricos, no entanto, entendemos ser possível, a partir dos demais princípios propostos por Benveniste acerca da enunciação, encontrarmos “pistas” para a construção de uma proposta capaz de delinear as especificidades do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem.

O mesmo constatamos no escopo dos trabalhos em Aquisição da Linguagem¹. Certamente há muitos trabalhos que focalizam o aspecto fônico na perspectiva do sujeito e da relação dialógica, o que os aproxima do enfoque que propomos em nossa investigação, embora sejam pesquisas de outra natureza, movidas por outros interesses que não se identificam com os que aqui nos conduzem. Para melhor entendermos o cenário em que esses trabalhos emergiram, faz-se necessário que focalizemos antes algumas investigações na área da Fonética e da Fonologia.

Ao ler Borba (2003, p. 129), encontramos a seguinte afirmação acerca dos estudos dos traços prosódicos, apresentados por ele como aqueles relacionados à duração, ao acento e ao tom, nos limites da Fonologia:

¹ Como os estudos nessa área são muitos e variados, limitamo-nos a focalizar pesquisas no cenário acadêmico brasileiro.

as curvas melódicas e mesmo certos tipos de pausas muitas vezes decidem a própria interpretação dos enunciados. Por isso é tarefa da fonologia da frase ocupar-se das curvas melódicas e de certos tipos de pausas que delimitam construções ou que as distinguem.

Constatamos, com essa passagem, que, de fato, a fonologia da frase se ocupou dos aspectos prosódicos. Dessa forma, alguns autores da área passaram a relacionar seus estudos de Fonologia com a aquisição da linguagem, na busca de explicitar, por meio de análises descritivas, fenômenos característicos dessa realidade. Entre esses, lembramos as pesquisas de Claudia de Lemos e a repercussão do seu trabalho na constituição de grupos de pesquisa no Brasil. Assim, temos como destaque, hoje, no Brasil, no âmbito da Aquisição da Linguagem, os estudos de Scarpa (2005) acerca da prosódia. Segundo essa autora, por iniciativa de Claudia de Lemos, formou-se o grupo de pesquisa que consolidou o Projeto de Aquisição do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, em Campinas. O objetivo do grupo era, de fato, trabalhar com dados naturalísticos de fala de crianças, sob o olhar da teoria piagetiana e a gramática funcionalista. No entanto, percebeu-se que isso não seria possível e que uma vertente chamada sociointeracionista, na época, se aplicaria melhor aos propósitos dos estudos pretendidos. O diálogo e a interação dialógica, assim, são assumidos por essas autoras como constitutivos da aquisição da linguagem. Com esse olhar, Scarpa publica, em 1976, um estudo acerca das manifestações proto-(aspectuais), marcações vocais de cunho prosódico em eventos de interação. A autora assume seu interesse específico pela aquisição da entonação, abordada pelo viés dialógico. Nesse viés, as relações da criança com a fala do adulto assumem papel de importância, uma vez que “erros, migrações e extensões de contornos de altura e outras marcações prosódicas, como a duração, eram vistas como recontextualizações, reinterpretções e reorganizações do sistema entonacional, à luz de outras interações dialógicas” (SCARPA, 2005, p. 20). A partir desses estudos, Scarpa defende a ideia de que é com a materialidade fônica que a criança se depara na aquisição da língua materna e passa a indagar o que há nessa materialidade, instanciada na fala do outro, que afeta a criança e a encaminha para a entrada na língua. Para responder a essa indagação, a autora desenvolve trabalhos que focalizam aspectos melódicos e entonacionais por excelência, a partir da fonologia não linear, prevendo a interface entre os componentes e defendendo a ideia de que o acento nuclear é questão central na aquisição da linguagem, capaz de ser observado no segundo ano de vida da criança. Assim como Cavalcante (1994), Scarpa vê as modulações da voz da mãe, já nos primeiros meses de vida da criança, como porta de entrada do infante na língua. Vemos nesses estudos importantes contribuições para a Aquisição da Linguagem, no entanto não é pelo fato de se centrarem na

realização vocal da língua que podem ser entendidos como estudos da enunciação, uma vez que colocam em evidência aspectos oriundos da Fonologia, a qual se ocupa das regularidades do sistema linguístico. A realização vocal da enunciação, marcada pela singularidade do sujeito que se enuncia, não é seu foco de interesse.

Cavalcante, em sua tese de doutorado (1999), focaliza a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê, mostrando o espaço simbólico constituído na relação mãe-bebê e responsável pelas marcas prosódicas da fala dessa mãe. Cavalcante e Brandão (2012), em trabalho acerca da gesticulação e fluência em aquisição da linguagem, baseia-se em pesquisa de autores como Mcneill (2000) e Marcuschi (2005) para focalizar a relação da fala com recursos expressivos de outra ordem, como gestualidade, movimentos corporais e mímica. Por essa razão, as autoras entendem a fala como multimodal. Com seus estudos, Cavalcante tem mapeado a emergência dos gestos na primeira infância, considerando a produção de fala em situações dialógicas. Essas investigações a levam a entender o gesto como copartícipe na aquisição da linguagem e a defender a ideia de que não se pode privilegiar o estudo da produção verbal como sendo a única instância de realização do processo aquisicional, sob pena de limitar-se a compreensão do processo como um todo.

Também é foco de interesse de Barros e Cavalcante (2010) a discussão acerca do “manhês”, entendido pelas autoras como a fala dirigida ao infante com características específicas, como graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, modificações na frequência fundamental, uso de falseto, etc. As autoras percorrem diferentes estudos do tema para chegar à conclusão de que é desde os primeiros meses de vida e a partir dos deslocamentos propostos pela mãe e as modulações de sua voz que o infante é inserido na língua e torna-se falante. Trata-se de outra importante reflexão que poderá, inclusive, iluminar a temática que investigamos neste trabalho, uma vez que as autoras concebem a prosódia materna como recurso vocal capaz de garantir espaços de deslocamento do infante em sua relação com a língua e com o outro, no caso em específico da pesquisa, a mãe.

Os trabalhos mencionados até aqui marcam os estudos da área no Brasil e apontam para interessantes descobertas na área da Aquisição da Linguagem e derivadas dos estudos da realização vocal da língua, o que, de certa forma, aproxima-os de nossa proposta. No entanto, veem a realização vocal da língua a partir das regularidades do fenômeno de aquisição da linguagem, não se ocupando das singularidades que constituem tal aspecto. Por isso, nossa investigação assume outro viés que a diferencia não só dos estudos da Aquisição da Linguagem apontados aqui, mas de muitos outros deles que têm a materialidade fônica como objeto de estudo.

Na mesma linha dos trabalhos já mencionados, encontramos os de Maria Fausta Pereira de Castro. Embora não focalizem especificamente os traços das realizações vocais da criança, contribuem, com suas análises, para a discussão do tema. Em artigo publicado em 2010, a autora focaliza o papel da entonação na fala da criança como reveladora da relação da criança com a língua e com o outro, afirmando: “A fala infantil deixa sempre entrever um aspecto singular em jogo na relação da criança com o outro, com a língua ou com sua própria fala.” (CASTRO, 2010, p. 97). Vemos aqui o reconhecimento, por parte da autora, da existência do aspecto singular que marca as vocalizações da criança na aquisição da linguagem. O trabalho de Castro apresenta importante discussão a partir do enfoque da relação da criança com o outro, convocando conceitos freudianos e a teoria da infância de Agamben (2005), num franco diálogo com a Psicanálise e a Filosofia. As questões postas pela autora nos motivam ao desenvolvimento de nossa tese, pois vemos que outras pesquisas, com outros enfoques, também percebem as singularidades da realização vocal da língua. Salientamos, no entanto, que tais singularidades, para Castro, são focalizadas à luz de princípios que se distanciam daqueles que propomos nesta pesquisa. As singularidades das vocalizações da enunciação não são, para a autora, vistas como mobilização específica do aspecto vocal da enunciação, como as entendemos sob o olhar benvenistiano. Além disso, o conceito de sujeito trabalhado por Castro envolve o olhar da Psicanálise, com o qual não trabalhamos em nossa tese, embora reconheçamos a possibilidade de um diálogo a partir do que estamos propondo acerca da historicidade da criança em seu fazer enunciativo e as questões postas por Castro a respeito desse sujeito.

Outra pesquisadora que se ocupa de questões relacionadas à temática do vocal, focalizando o manhês, é Julieta Jerusalinsky, a qual trabalha na linha da Psicanálise Clínica. Em sua tese de doutorado (2009), há um capítulo intitulado *Prosódia e enunciação na clínica com bebês*. Nesse capítulo, a autora vê a prosódia da fala da mãe como convocatória dirigida ao infante. Baseando-se na noção laciana de *alíngua*, Jerusalinsky (2009) afirma que, para ser falante, não basta à criança incorporar as regras gramaticais e repeti-las, trata-se de um fenômeno muito mais complexo, no qual a voz dá destaque para o inconsciente. Nesse processo, vê como fundamental a articulação entre a prosódia convocante (da mãe) e a alternância sustentada pela mãe ao dirigir-se ao bebê para que se produza o enlaçamento do bebê no ato da enunciação. Aproximamo-nos da visão da autora em alguns pontos, mas temos clareza de que o percurso por ela traçado a partir das vocalizações da criança na díade mãe-criança é bastante diferenciado daquele por nós escolhido. Por tratar-se de um trabalho de Psicanálise Clínica, a realização vocal da língua na experiência da criança na linguagem está relacionada a uma outra

concepção de sujeito: não é o sujeito que advém da enunciação, conforme o concebemos a partir das noções benvenistianas; trata-se de um sujeito psicanalítico, marcado pelo desejo e pelo enigma propostos pela ordem psicanalítica.

Certamente, os trabalhos acerca do aspecto fônico apresentados até aqui dialogam com nosso interesse nesta pesquisa. No entanto, percebemos a possibilidade de “olhar” e “escutar” aspectos enunciativos envolvidos na materialidade fônica para considerar a relação forma-sentido mobilizada pela criança em sua enunciação por meio das especificidades da realização vocal. Não se trata de análises desenvolvidas a partir da forma, mas de uma discussão acerca dos princípios que regem a experiência da criança na linguagem a partir da vocalização que marca sua enunciação e, portanto, sua relação com o outro, imersa na cultura que caracteriza tal relação. Porque, como vemos em Benveniste (1966/1989), a linguagem, antes de tudo, significa. Logo, nosso trabalho se dedica a pensar a experiência da criança na linguagem via realização vocal da língua na enunciação, o que, para nós, é uma experiência de significação.

Ao trabalhar com a aquisição do aspecto vocal da enunciação, somos movidos pela afirmação de Benveniste (1966/1989, p. 222, grifo do autor): “a linguagem serve para *viver*”. Acreditando nessa afirmação, somos seduzidos a pensar que nosso estudo deve também dizer algo sobre esse viver, marcado sempre por atos enunciativos. Assim, discutir o discurso da criança e sua enunciação representa uma tentativa atual e necessária no cenário dos estudos linguísticos, uma vez que muitas operações reveladas nesse processo ainda não foram elucidadas pelos estudos na área da Aquisição da Linguagem. A exploração do viés enunciativo aquisicional é ainda recente e, portanto, as incursões investigativas nessa área são relativamente novas e poucas. A enunciação da criança, dessa forma, revela-se campo a ser desvendado no escopo dos estudos linguísticos, oferecendo a possibilidade de novas descobertas.

Vemos nessas novas descobertas a que nos aventuramos a oportunidade de reflexão sobre como o homem constitui-se por meio de atos enunciativos, na busca de cumprir-se o que Teixeira (2012) chama de “uma ciência geral do homem” a partir da teoria da enunciação proposta por Benveniste. Essa reflexão é bastante atual no meio acadêmico, uma vez que os estudos de Émile Benveniste têm sido revisitados por diversos pesquisadores nos últimos anos, dentre os quais destacamos Laplantine (2011), autora que investe na dimensão antropológica da reflexão de Benveniste na poesia, além de Coquet e Fenoglio (BENVENISTE, 2012), os quais organizaram estudo acerca das últimas lições de Benveniste no Collège de France, já traduzido para o português (BENVENISTE, 2014). Nessa esteira de revisitações e reinterpretações, há a possibilidade de expandir a visão dos princípios teóricos do linguista da enunciação, por meio da proposta que ora apresentamos.

Vivemos assim a “ultrapassagem” anunciada pelo linguista: o signo não é mais concebido como o princípio único no qual se fundamenta o funcionamento da língua, pois percebemos nesse funcionamento a referência à situação de discurso e à atitude do locutor, realidades que mobilizam sentidos no agenciamento de palavras. Vemos o aspecto vocal da enunciação cumprir seu papel nesse agenciamento, como resultado da ação do locutor na instância enunciativa. Ultrapassamos a análise “intralinguística” (BENVENISTE, 1969/1989), uma vez que investigamos, sob o olhar enunciativo, a experiência da aquisição da linguagem vivida pela criança. Propomos um olhar para as atividades significantes que constituem essa experiência, todas elas marcadas pelo mover da criança na linguagem, o que nos leva a uma análise “translinguística”, conforme proposta de Benveniste (1969/1989) em *Semiologia da língua*. Apoderamo-nos, portanto, de princípios semânticos para entendermos a constituição da criança no mundo dos homens, o que, para nós, pode ser entendido como um trabalho metassemântico.

Além disso, nossa reflexão, apesar de não ter como intuito principal a aplicação no ensino de línguas, trabalha com essa possibilidade. Reconhecemos que, ao nos propormos pensar a aquisição da linguagem pelo viés enunciativo, tocamos em questões concernentes à constituição do homem por meio da linguagem, o que acaba por apontar princípios que poderão ser levados em conta nas discussões acerca, principalmente, do ensino de língua materna. Da mesma forma, cremos que nossa investigação poderá ser levada em consideração nos estudos de sintomas da linguagem e problemas de ordem clínica, uma vez que, ao abordarmos o papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, pretendemos conhecer mais acerca da relação da criança com a língua no meio cultural do qual ela faz parte.

Percebemos que nossa investigação é altamente influenciada pelos trabalhos desenvolvidos por Silva, a qual apresenta, em pesquisa publicada em 2009, uma abordagem enunciativa da aquisição da linguagem, a partir dos princípios de Benveniste. Discutir de que forma a realização vocal da enunciação é responsável por características específicas no discurso contribui para elucidarmos a relação homem-linguagem-cultura. Assim sendo, o trabalho aqui apresentado poderá abrir possibilidades de compreensão do fenômeno da aquisição da linguagem a partir da relação enunciativa, ou seja, a criança passa a ser reconhecida como ser que se apropria, por um ato individual, da língua, na qual há valores culturais impressos. Ao analisar como, no ato de apropriação, esses valores se manifestam na realização vocal da língua na enunciação, estamos também reconhecendo que, para ter existência no mundo e na cultura, a criança precisa relacionar-se com seus interlocutores por meio do seu dizer. E isso acontece, precipuamente, por meio da realização vocal da língua. Por essa razão, olhamos para a

linguagem de uma criança, com o acompanhamento longitudinal de sua experiência na linguagem num recorte específico de sua vida: o período de 2 anos a 2 anos e 7 meses de idade. Optamos por acompanhar a criança nessa faixa etária, porque acreditamos que, nesse período de sua vida, ela já está imersa em uma história de enunciações, conforme aceção de Silva (2009), que lhe possibilita deixar vestígios de sua cultura nos seus atos vocais. Além disso, nas vocalizações produzidas nesse período, encontramos desde elementos em que as formas da língua ainda estão em processo de organização e, portanto, o dizer é sustentado por operações reveladas por meio da mobilização do aspecto vocal da enunciação, até elementos em que a língua já se presentifica de forma organizada, constituindo, com a realização vocal, uma unidade de sentido. No entanto, sabemos que, desde muito cedo, já nos primeiros meses de vida, a realização vocal evoca sentidos para quem escuta e, portanto, para quem se detém a escutar esses dizeres – o investigador de aquisição da linguagem. Acerca dessa realidade, destacamos os trabalhos de Silva e Surreaux (2011) e Silva e Milano (2013), os quais têm se voltado para dados da criança produzidos num período mais precoce de sua história de vida. Cremos que as autoras têm preenchido uma lacuna no universo dos estudos da enunciação, ao se dedicarem a analisar a enunciação falada da criança e o lugar da voz na aquisição. Por essa razão, também, não pretendemos apenas reforçar o que já tem se dito acerca da realização vocal da enunciação, mas investigar que papel o aspecto vocal da enunciação assume na mobilização de sentidos quando as formas da língua estão presentes nas vocalizações da criança.

Organizamos nosso trabalho em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais: no capítulo 1, buscamos, nos estudos da enunciação propostos por Émile Benveniste, a fundamentação de que necessitamos para entender a enunciação, o que fazemos a partir de quatro problemáticas benvenistianas: *O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura; A comunicação intersubjetiva e a constituição do homem na linguagem; A forma e o sentido na linguagem e os níveis da língua; A língua no discurso e as relações de interpretância*. Fazemos isso com base na orientação teórica apresentada por Flores (2013b), a qual aponta para uma rede conceitual de termos em Benveniste. Segundo Flores (2013b, p. 4), “os termos e as noções que fazem parte de um dado conceito contêm outros termos e noções e estes, por sua vez, estão contidos em muitos outros”. Com essa orientação, encontramos na organização das quatro problemáticas apresentadas, a possibilidade de focalizar diferentes termos e noções que dialogam entre si na obra benvenistiana, além de destacar a tríade na qual apoiamos nossa proposta: homem-linguagem-cultura. Nesse mesmo capítulo, buscamos princípios enunciativos apresentados por Benveniste que possam nos ajudar a entender o aspecto vocal da enunciação. Fazemos isso a partir da definição da “realização vocal da língua”

como um dos aspectos da enunciação. Chegamos à definição apresentada a partir da investigação dos termos e das noções que se complementam a todo momento na obra benvenistiana, já que não há, nos textos do autor, a explicitação de tal conceito. De posse da definição do aspecto vocal da enunciação, delineamos, assim, as especificidades desse fenômeno específico em relação ao fenômeno geral da enunciação.

No capítulo seguinte (2), voltamo-nos para o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, nosso interesse central neste trabalho. Para tanto, buscamos em Benveniste princípios capazes de nos auxiliarem a elucidar o que entendemos por “experiência” no contexto de nossa pesquisa. Com as reflexões desenvolvidas no capítulo anterior, por meio da leitura de textos do corpus teórico da obra de Benveniste e a partir de trabalhos desenvolvidos por Silva (2009), por Silva e Surreaux (2011) e por Silva e Milano (2013), numa abordagem enunciativa aquisicional, propomos nossos próprios princípios para a discussão do papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem.

De posse desses princípios teóricos, no capítulo 3, focalizamos princípios para uma metodologia enunciativa que comporte elementos do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição da linguagem, bem como refletimos sobre o papel do pesquisador nos atos de coleta e de transcrição dos fatos de linguagem que enunciam a experiência da criança na linguagem, além de propormos procedimentos de análises. Na constituição desse capítulo, convocamos o conceito benvenistiano de *interpretância* como basilar para a reflexão apresentada, uma vez que temos no centro da questão proposta o fato de trabalharmos com a linguagem da criança sob o enfoque da mobilização de sentido, o que nos leva a refletir sobre a noção de interpretância presente na relação semiótico-semântico e sobre como ela se manifesta na história de vivências construída pela criança por meio da linguagem. Além disso, sabemos que o papel do transcritor analista se pauta também no fato de que a língua é o interpretante de todos os demais sistemas, inclusive dela mesma, já que o trabalho realizado com os fatos da linguagem é o de interpretar, por meio de um dizer, o dizer da criança. Em função disso, mobilizamos também a noção de análise como comentário da enunciação apresentada por Normand (2009).

No capítulo 4, movidos pelos princípios teórico-metodológicos anteriormente discutidos, apresentamos as análises que fazemos dos fatos enunciativos da experiência da criança na linguagem por meio da exploração dos elementos do aspecto vocal capturados pela escuta e pelo registro do pesquisador. Fazemos isso com base na noção de interpretância apresentada por Benveniste (1969/1989, p. 66), a qual nos leva, nas análises empreendidas, a trabalhar com “propósitos significantes sobre a significância”, capazes de responderem às

questões de nossa tese, as quais buscam elucidar o papel do aspecto vocal na experiência da criança na linguagem sob o enfoque da tríade homem-linguagem-cultura.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos as conclusões a que chegamos, embora tais conclusões não encerrem a discussão acerca do tema, pois temos consciência das limitações de nosso trabalho, o qual representa, para nós, uma primeira experiência de investigação sob o olhar enunciativo dos fenômenos que marcam a aquisição da linguagem. Trabalhamos com a certeza de que muito ainda há por se dizer acerca do mover da criança na linguagem. O que aqui apresentamos, enfim, é uma perspectiva de leitura e de interpretação desse fenômeno, na busca de cumprir-se parcialmente o estudo anunciado por Benveniste (1952/2005, p. 67) acerca de “onde começa a linguagem e como se delimita o homem”.

1 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DO HOMEM NA LINGUAGEM: A VIVÊNCIA DE UM UNIVERSO CINDIDO

Após perceber, como apontado na Introdução, a possibilidade de tratamento do aspecto vocal da língua como manifestação da experiência da linguagem vivida pela criança no ato de aquisição da linguagem, buscamos, neste capítulo, configurar nosso *corpus* teórico para o estudo desse aspecto no âmbito da enunciação. Para tanto, optamos, como já anunciado, por fundamentar nossa pesquisa em estudos de Émile Benveniste para compor os princípios que nos conduzirão nesta jornada. Assim, inicialmente, indagamos: Por que Benveniste? Que princípios do linguista podem dirigir nosso estudo acerca da realização vocal da enunciação no ato de aquisição? Há, de fato, nos estudos do autor, fundamentos que nos apontam uma direção para a abordagem dessa temática?

Temos plena consciência de que Benveniste não é um autor da área da Aquisição da Linguagem e nem nos fornece uma teoria de análise enunciativa que, por si só, responde aos nossos questionamentos. Entretanto, vemos, como outros já o fizeram, em especial Silva (2009), nos trabalhos do linguista, princípios capazes de “sugerir” caminhos ainda não trilhados na área da Aquisição. Em nosso trabalho, portanto, aceitamos as sugestões enunciativas do linguista e percorremos o caminho apenas nos guiando por tais sugestões, mas com a pretensão de construí-lo no momento único em que o trilhamos: no aqui-agora das releituras de sua obra e no aqui-agora do desvelamento dos registros de enunciações da criança.

Para tanto, percorremos seus estudos tendo por base um conjunto de noções cujos termos se explicitam ao longo da sua produção, o que, segundo Flores (2013b), exige do leitor da obra benvenistiana um esforço em relacionar ideias e conceitos que se retomam e que dialogam entre si, mesmo que apresentados em textos, épocas e contextos diferentes. Traçamos esse percurso com base em um texto em especial, *O aparelho formal da enunciação*, no qual encontramos a definição de enunciação que nos guia: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). É nesse texto também que o autor apresenta os três aspectos da enunciação que conduzem nosso olhar investigativo: a realização vocal da língua, no qual baseamos nosso estudo; a semantização da língua, aspecto que direciona nosso olhar para a formação do sentido em palavras, convocando a dimensão da significância; e o quadro formal da enunciação, o qual revela caracteres necessários e permanentes e outros incidentais. Desses três aspectos, interessamos, em especial, o primeiro deles: a realização vocal, tema de nossa investigação. No entanto,

traçaremos relações desse aspecto com os outros dois, uma vez que os entendemos como constitutivos do ato de enunciação.

A reflexão em torno da enunciação e dos aspectos elencados por Benveniste derivam de uma reflexão maior do autor nas suas duas grandes obras: *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. O fato de as obras receberem a denominação de “Problemas” nos encaminha a trazer para nosso estudo o que estamos elegendo como as grandes problemáticas do mestre: 1) O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura; 2) A comunicação intersubjetiva e a constituição do homem na linguagem; 3) A forma e o sentido na linguagem e os níveis da língua; 4) A língua no discurso e as relações de interpretância do homem em sua experiência na linguagem. Ao discutirmos essas problemáticas, percebemos que no centro de todas elas encontra-se a figura do *homem*, o que aponta para uma visão bastante atual da obra benvenistiana, segundo a qual é possível afirmar que o trabalho do linguista vai além do estudo das marcas linguísticas, possibilitando entrever uma antropologia da linguagem. Dessons (2006, p. 26), ao apresentar sua crítica à forma como o trabalho de Benveniste tem sido recebido por alguns pesquisadores na atualidade, afirma que, muitas vezes, ao abordar-se a obra benvenistiana, se reduz a teoria somente à análise das marcas formais da enunciação, ignorando-se a concepção original apresentada por Benveniste sobre as relações entre a linguagem e o homem.

Teixeira (2012) reconhece na obra benvenistiana a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem numa mesma ciência, para a qual a Linguística tem muito a contribuir. Entendemos com Teixeira (2012) e Barthes (1988) que, nos princípios de Benveniste, encontramos base para discutir o conceito de homem a partir da sua experiência na linguagem. Detemo-nos, assim, no fato de que, na constituição da tríade homem-linguagem-cultura, encontramos o homem na vivência de experiências sustentadas por determinados hiatos². Cada uma das problemáticas benvenistianas aponta para a existência de tais hiatos, os quais abordaremos neste capítulo. Nesse universo cindido, a realização vocal da enunciação assume seu papel na experiência do homem na linguagem.

² Apropriamo-nos do conceito de “hiato” a partir da leitura que fazemos de Benveniste, em especial, do texto *Semiologia da língua* (1969/1989, p. 66), no qual o autor afirma que um hiato separa o signo da frase. Logo, entendemos que a criança, em sua experiência na linguagem, vivencia esse hiato.

1.1 As problemáticas enunciativas

A discussão que apresentamos a seguir, envolvendo as quatro problemáticas já elencadas, é fundamental para, neste mesmo capítulo, em que trataremos das especificidades do aspecto vocal da enunciação, podermos deslocá-las para a construção de um dispositivo teórico próprio capaz de revelar princípios enunciativos do aspecto vocal da enunciação.

1.1.1 O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura

Benveniste explora as concepções de língua, linguagem³ e cultura em praticamente toda a sua obra, contemplada nos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, levando-nos a entender a relação entre essas concepções como uma das problemáticas apresentadas pelo linguista. Sabemos que muitos outros conceitos marcam os textos do autor, mas nos concentraremos agora nessa primeira problemática e procuraremos ver como ela se manifesta ao longo da obra benvenistiana, numa relação de complementaridade e continuidade do ponto de vista que sustenta a ideia de que o homem constitui-se na linguagem e de que, nessa constituição, língua e cultura encontram-se entrelaçadas.

Em publicação no *Journal de Psychologie*, em 1954, intitulada *Tendências recentes em linguística geral*, Benveniste (1954/2005, p. 13) discorre sobre o que a Linguística tem feito e se pergunta: “Será possível destacar, no aparato da cultura, estruturas formais do tipo das que Lévi-Strauss introduziu nos sistemas de parentesco?” Numa referência ao trabalho *Estruturas elementares de parentesco*, do antropólogo Lévi-Strauss, o autor questiona-se acerca da possibilidade de trabalhar-se com estruturas formais no âmbito da cultura e, em seguida, afirma que esse é o problema do futuro. Com essa certeza, o autor vislumbra uma busca futura de compreensão dos processos de significação, tanto na língua como fora dela. Vê tais processos como resultantes de um funcionamento inconsciente, o que os aproxima das estruturas dos comportamentos. Entende, portanto, que psicólogos, sociólogos e linguistas associariam com vantagem os seus esforços numa pesquisa dessa natureza.

A afirmação de Benveniste nos motiva a olhar a linguagem no seio da vida social. E, para isso, o texto de 1954 nos é bastante direcionador, pois nele encontramos a crítica do

³ Em nosso trabalho, os termos “língua” e “linguagem” são entendidos da seguinte forma:

A língua é um sistema organizado em níveis e unidades, integrados pela forma e pelo sentido. O sistema da língua é interpretante dos demais sistemas semiológicos, conforme reflexão que desenvolveremos nos itens 1.1.3 e 1.1.4. Já a linguagem é constitutiva da natureza humana, tornando o homem único entre os animais. Por isso, não é um instrumento fabricado pelo homem, mas uma faculdade simbólica atrelada à função de significar, conforme reflexão que desenvolveremos neste item 1.1.1.

linguista às aplicações da lógica simbólica na Linguística, uma vez que, nessa aplicação, em geral, recusa-se a linguagem “ordinária”, considerada incerta e flutuante. Para Benveniste (1954/2005), trata-se justamente desta “linguagem ordinária” o objeto de estudos da Linguística. O autor destaca, ainda, o fato de a língua conter nela impressa a cultura, a qual, segundo ele, tem se revelado limitada aos estudos do léxico e que poderia e deveria ser melhor explorada. Afinal, a linguagem é um fato humano, uma vez que ela “é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação” (BENVENISTE, 1954/2005, p. 17). A partir dessa relação, vislumbra outra Linguística a estabelecer-se sobre o trinômio língua, cultura, personalidade. Sem dúvida, trata-se de um linguista com pensamento extremamente avançado para seu tempo, uma vez que hoje ainda estamos buscando essa Linguística.

Para Benveniste, portanto, o papel do linguista deve dar conta da língua enquanto realidade humana. E, como já afirmamos, essa realidade não é una, ela se constitui na vivência humana de um universo de realidades cindidas, marcado por hiatos, sendo que o primeiro deles diz respeito à relação entre natureza e cultura. Entendemos essa realidade da seguinte forma: o ser humano, ao nascer, vive sua primeira cisão: nasce na natureza, cumprindo uma função biológica, mas se constitui homem na cultura que o envolve, conforme depreendemos do seguinte raciocínio:

Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31-32, grifo do autor).

Com essa concepção de cultura, o autor a vê como inteiramente simbólica, definida por representações complexas determinadas por valores como tradição, religião, leis, política, ética, artes: “tudo isso que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 32). Entre o homem, a língua e a cultura há um vínculo que se mantém no simbolismo articulador entre essas entidades, uma vez que a linguagem “manifesta e transmite” a cultura e “pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 32). Eis o entrelaçamento língua e cultura, constitutivo da inserção do homem na linguagem.

Acerca dessa relação, também em *Comunicação animal e linguagem humana* Benveniste (1952/2005) traz questões capazes de iluminar a relação linguagem e cultura, uma

vez que nos leva a entender que, pela intervenção de um aparelho vocal, a linguagem humana manifesta-se em voz, o que a diferencia de todas as demais expressões dos animais. Este é um dos fundamentos de nossa tese: a voz humana permite a realização vocal da língua como um dos aspectos da enunciação, contribuindo, dessa forma, para a entrada do homem na cultura. Além disso, o diálogo é a condição da linguagem humana; em sua ocorrência, a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação misturam-se livremente, na vida em sociedade. Vemos em Benveniste (1952/2005, p. 65) que “o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição”. Por fundamento da tradição, alcançamos o homem na cultura, uma vez que a tradição é a história da cultura marcada na linguagem. E isso acontece no seio da sociedade, uma vez que a sociedade é a condição para a existência da linguagem.

Em texto de 1958, *Da subjetividade na linguagem* (1958/2005), o autor condena a comparação da linguagem com um instrumento, afirmando que tal comparação deve ser vista com desconfiança, uma vez que a ideia de instrumento opõe o homem e a natureza. Entretanto, a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou, ao contrário do que fez com instrumentos, como arco e flecha. Para o linguista, é ingênua a ideia de um período original na história do homem, no qual o homem encontraria outro homem e, assim, descobririam a linguagem. Trata-se, segundo o autor, de pura ficção, pois:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285).

O homem, dessa forma, define-se pela linguagem. Essa ideia é central para a compreensão do ato de aquisição, uma vez que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 286, grifo do autor). Portanto, toda existência humana se dá na cultura. E, aqui, encontra-se o princípio defendido quando nos voltamos para a questão do entrelaçamento língua e cultura: toda a existência do homem se dá na cultura, constitutiva e constituinte na e pela linguagem.

Em *Estruturalismo e Linguística*, Benveniste (1968/1989) diz que o aprendizado de uma língua, por parte da criança, não é resultado de uma faculdade natural, pois, na verdade, o que uma criança aprende quando aprende uma língua é o “mundo dos homens”. E por mundo dos

homens o linguista entende todos os dados que a linguagem traduz, e isso se dá no seio da cultura: quando o homem enuncia, o faz de forma a imprimir à sua língua valores culturais. Assim, “o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 24). Podemos dizer, então, com base nessa afirmação, que a linguagem dá à criança um mundo. Se temos convicção disso, assumimos mais um hiato vivido pelo homem: para assumir sua existência no mundo, ele precisa apreender esse mundo via linguagem. Para tanto, desloca-se na cultura, já que a apreensão de uma língua não é faculdade natural. E é nesse mundo dado que o homem aprenderá a agir, a partir do acesso garantido pela língua convertida em discurso. Conversão da língua em discurso funciona, para o homem, como espaço de passagem no universo marcado por hiatos, que é o universo da linguagem e da cultura.

Acerca do acesso ao mundo via linguagem, encontramos raciocínios de Benveniste apresentados em 1963, no texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, no qual afirma: “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido.” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 26). Eis aí para o autor a dupla função do ato de discurso: para o locutor, trata-se da representação da realidade; para o ouvinte, a recriação da realidade. Essa dupla função constitui a linguagem como fundamento da comunicação intersubjetiva. Tem-se indivíduo e sociedade como termos complementares, ou seja, graças à língua, a sociedade é possível e também o indivíduo, pois “O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27). Vemos aqui o aspecto vocal como elemento mediador entre aquele que fala e aquele que ouve. Nessa mediação, são mobilizados os valores culturais que a linguagem traduz, os quais são evocados na relação entre *eu* e *tu*. É a intersubjetividade constitutiva da vocalização que permite aos homens fundamentarem-se na linguagem.

O autor explica esse fenômeno por meio da faculdade de simbolizar, considerada inerente à condição humana. Pensar na linguagem implica, portanto, pensar na sua faculdade simbolizante no seio da sociedade. Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste (1968/1989) reafirma que não encontramos jamais linguagem separada de sociedade, apesar de essas entidades apresentarem estruturas diferentes. Nesse processo, a sociedade torna-se significante na e pela língua. Para tanto, a língua deve manter-se capaz de registrar, de designar e orientar as mudanças que caracterizam o interpretado, ou seja, a sociedade. Lembramos que, conforme Benveniste, a significância da língua se dá em relação a

todos os demais sistemas significantes que constituem a cultura humana e que toda criança apreende, com a língua, os rudimentos da cultura.

É justamente a faculdade simbolizante que distingue o homem do animal e é a fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. Esse aparato simbólico possibilita a relação entre o homem e o mundo, entre os homens, estabelecendo-se, dessa forma, por meio da linguagem, a estrutura social, conforme afirma Benveniste (1963/2005, p. 31, grifo do autor):

[...] a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato.

Com base nesse princípio, entendemos que há, portanto, uma experiência de aquisição da linguagem vivida pela criança, “uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). E, nessa formação, Benveniste reconhece o papel do adulto, uma vez que é no mundo do adulto, na sociedade dos homens que a criança viverá sua experiência na linguagem.

Essa experiência é marcada pelo simbólico da linguagem, por meio do qual a cultura deixa seus traços impressos na língua, da qual cada homem se apropria para *viver* suas experiências de significação com outros via discurso. Por isso, a interpretação do sentido se dá sempre no seio de uma cultura, a partir dos traços reveladores de valores impressos na língua, os quais podemos resgatar a partir da observação dos diferentes empregos possíveis da língua e que revelam o semantismo social a que Benveniste se referiu (1969/1989), o qual entendemos como resultado das relações entre sistema interpretante, a língua, e sistema interpretado, a cultura e seus esquemas sociais.

Com esses elementos, consideramos posta a problemática *O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura*. Entendemos que a noção de linguagem, tal qual apresentada pela leitura que fazemos de Benveniste, comporta a noção de língua e de cultura capaz de explicar como o homem se desloca na tríade homem-linguagem-cultura.

Na sequência, direcionamos nosso olhar para as demais problemáticas benvenistianas na busca de respostas para as questões que nos instigam nesta investigação: Como a realização vocal da língua na enunciação revela a experiência do homem e, portanto, do homem na linguagem? Quais são suas especificidades?

1.1.2 A comunicação intersubjetiva e a constituição do homem na linguagem

Em texto já citado, *Da subjetividade da linguagem*, encontramos a seguinte afirmação: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). Com essa afirmação, Benveniste apresenta a palavra como atualização da linguagem, condição para garantir a comunicação. E essa condição, segundo o autor, está relacionada à propriedade da subjetividade: “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 286). E isso se dá via contraste, revelador de mais um hiato na história do homem, uma vez que só se emprega “eu” dirigindo-se a um outro, a um “tu”. “Eu” e “tu”, portanto, constituem realidades distintas, mas, na enunciação, encontram-se relacionados pelo princípio da intersubjetividade, conceito fundamental em nossa investigação.

A linguagem, para Benveniste, só é possível em função de cada locutor apresentar-se como sujeito, e essa possibilidade encontra no discurso sua emergência: trata-se da “língua assumida pelo homem que fala, e sob a condição da *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 293). Para entendermos tal condição, é importante que percebamos o fundamento apontado pelo linguista: “língua assumida pelo homem que fala” significa não que homem e língua encontrem-se separados, mas que, pelo ato de apropriação, o homem imprime à língua um estatuto próprio e particular. Esse ato emerge na relação *eu-tu*.

O autor vê nesse fato da linguagem o efeito de singularidade, como afirma em *A linguagem e a experiência humana*:

A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (BENVENISTE, 1965/1989, p. 69).

Com essa definição, destacamos o papel central da instância enunciativa no ato de linguagem. Entendemos, a partir desse princípio, que o locutor apropria-se da língua por meio da vivência de diferentes instâncias de emprego das formas da língua, e essas instâncias são decisivas para a constituição da sua linguagem, pois é nas instâncias de emprego da língua que:

O sistema das coordenadas espaciais se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele próprio designado como centro e ponto de referência. (BENVENISTE, 1965/1989, p. 70).

Ou seja, toda a referência espacial se dá em função e em relação ao *eu* no ato de enunciação. É ele que mobiliza toda a estrutura da língua em conformidade com a situação vivida em cada ato enunciativo. O mesmo se dá com a temporalidade: o que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de definir-se e de organizar-se como função do discurso. Seu centro é o presente da instância da fala. Segundo o autor, o presente é reinventado a cada vez que um homem fala, porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido; um presente que se desloca com a progressão do discurso.

Entretanto, para que haja significação, faz-se necessário que a temporalidade do *eu* seja assumida pelo *tu*. O tempo é, portanto, fator de intersubjetividade, pois, conforme Benveniste (1965/1989, p. 78), “O hoje pronunciado é necessário e suficiente para que o parceiro o ligue na mesma representação”. Em relação à temporalidade, o linguista lembra ainda que, em um texto escrito, há a necessidade de constituir o sentido da forma temporal “hoje”, explicitando o dia a que esse “hoje” se refere, como, por exemplo, “hoje, 12 de junho”, em função da necessidade de atualizar o sentido em relação à cena enunciativa. O inverso ocorre com o discurso oral, manifestado nas enunciações faladas, em que o tempo linguístico relaciona-se diretamente com o *agora* da cena enunciativa, permitindo a correferência, relação necessária entre *eu* e *tu*, pelo simples fato de se dizer “hoje” no aqui-agora da cena enunciativa: “É sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.” (BENVENISTE, 1965/1989, p. 80).

Ato de fala no processo de troca, eis o estatuto da intersubjetividade, sempre presente na experiência humana inscrita na linguagem. Ou seja, a cada ato de enunciação, a linguagem manifesta-se como uma realidade que carrega vestígios de uma historicidade enunciativa, a experiência humana inscrita na linguagem, que define o próprio homem. Homem e língua, dessa forma, não se encontram mais cindidos, mas a definição de um confunde-se com a definição do outro, pois somente dessa forma há comunicação e as existências humanas podem ser unidas.

No centro dessa questão, o autor discute o papel dos pronomes pessoais como primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade e das demais classes que participam desse mesmo *status*, dependentes que são do *eu* que se enuncia. Essa relação pode ser melhor compreendida a partir do que propõe o artigo *A natureza dos pronomes* (1956/2005). Nesse texto, Benveniste anuncia que o problema dos pronomes só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem e representa, portanto, um fato de linguagem, dada a sua universalidade. E, como fato de linguagem, o autor (1956/2005, p. 277) não os vê como uma classe unitária, já que pertencem a domínios linguísticos diferenciados: “uns

pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos ‘instâncias do discurso’”.

Seguindo esse viés, o autor mostra que a noção de pessoa, na definição comum acerca de *eu*, *tu* e *ele*, é abolida, pois essa noção só é própria de *eu* e *tu*; falta em *ele*. E, assim, apresenta seu complexo raciocínio acerca do papel desses pronomes na enunciação. Aproveitando ideias de Charles Morris, assume que o enunciado que contém “eu” pertence ao nível ou tipo de linguagem pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que o empregam. O que entendemos com essa ideia? Entendemos que o pronome “eu”, a cada vez que é enunciado, encontra sua definição no próprio ato enunciativo: “a forma *eu* só tem existência linguística no ato de palavras que a profere.” (BENVENISTE, 1956/2005, p. 278). Essa forma só pode, portanto, ser identificada pela instância de discurso que a contém, e a realidade a que se refere é a realidade de discurso; “eu” só pode definir-se em termos de locução e não de objeto. Benveniste vai além e apresenta a situação de alocação, na qual se tem a definição de “tu”.

A relação entre *eu* e *tu*, fundamental para que entendamos a enunciação tal qual proposta por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação* (1970/1989), une *eu/tu* a uma série de indicadores, conforme propõe o autor, pertencentes a classes diferentes, o que acreditamos pertencer ao quadro figurativo da enunciação: pronomes, advérbios, entre outros, mobilizados pela relação *eu/tu* na instância de discurso, refletindo o emprego da língua na enunciação.

Esse fenômeno representa um problema de comunicação intersubjetiva, o qual a linguagem resolveu criando um conjunto de signos vazios, não referenciais com relação à “realidade”, mas que se tornam plenos assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso. Ou seja, o pronome “eu” e o pronome “tu” encontram-se vazios até que um locutor os empregue numa situação de discurso e, assim, os torne plenos: “*eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu.” Consequentemente, *tu* é definido como “o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu” (BENVENISTE, 1956/2005, p. 279). Diferentemente, ocorre com o pronome “ele”, não marcado pela pessoalidade, mas munido de uma referência objetiva, que assume, na língua, uma função substitutiva e não se refere especificamente à instância do discurso.

Teixeira (2012) focaliza essa relação quando analisa os princípios benvenistianos postos em *A natureza dos pronomes* e sua recepção por pesquisadores de outras áreas, as quais extrapolam a Linguística. Citando trabalhos de Agamben, Castro, Dufour, entre outros, a autora (2012, p. 72) propõe o deslocamento dos princípios benvenistianos para além do âmbito intralinguístico, “na direção das atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social”. Apoiando-se em Dufour, afirma:

Na cena enunciativa, os papéis de *eu* e de *tu* são inversíveis (BENVENISTE, PLG I). *Eu* e *tu* se asseguram de sua presença mutuamente e por contraste. Usar *eu* é reconhecer-se com direito à fala, ou seja, é dar-se um lugar no espaço simbólico, mas para isso é necessário que alguém se institua como *tu*. Se o outro falta ou se não dá crédito a meu dizer, minha fala se transforma em pura fonação desprovida de eficácia. O *eu* esvazia-se, de imediato, da substância que havia adquirido no ato. (TEIXEIRA, 2012, p. 79).

Vemos nesse raciocínio de Teixeira possibilidades de entender a problemática benvenistiana de forma bem mais complexa do que comumente vemos na abordagem do índice de pessoa. Segundo a autora, a questão vai além das marcas linguísticas e convoca à análise questões que dialogam com conceitos do próprio homem, numa verdadeira antropologia da linguagem.

Afinal, “a língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva a toda a coletividade” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 101). No texto citado, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste retoma os índices de pessoa, mostrando que a oposição entre *eu* e *tu* é uma estrutura de alocação pessoal, enquanto a oposição *eu-tu/ele* efetua a operação de referência que possibilita a realização do discurso sobre o mundo. Dessa forma, o falante se inclui em seu discurso, havendo o desdobramento de uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos da enunciação.

Encontra-se explicitada, para os limites desta pesquisa, a problemática benvenistiana acerca da comunicação intersubjetiva e da constituição do homem na linguagem, fundamental para entendermos o aspecto vocal da enunciação e tratarmos dele na aquisição da linguagem.

Seguimos nossa fundamentação teórica com o enfoque da terceira problemática, na busca de melhor compreendermos como se dá a relação entre forma e sentido e os níveis da língua.

1.1.3 A forma e o sentido na linguagem e os níveis da língua

Elegemos a temática **a forma e o sentido e os níveis da língua** como uma das problemáticas de Benveniste a serem discutidas em nossa pesquisa por considerarmos ser essa questão bastante pertinente para a construção de uma proposta que pretende esclarecer a experiência da criança na linguagem, por meio da apropriação do aspecto vocal da língua em atos enunciativos, com índices próprios que singularizam suas enunciações.

Encontramos Benveniste (1967/1989) falando a filósofos com o texto *A forma e o sentido na linguagem*, no qual o autor focaliza o problema da forma e do sentido na linguagem a partir da constatação de que “as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 221, grifo do autor). Para melhor esclarecer essa relação, define o sentido como “noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” enquanto a forma é “a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 222). Segundo o autor, não se trata de oposição entre os termos, uma vez que eles contêm o ser mesmo da linguagem: o problema da significação. Entendemos com Benveniste que, antes de tudo, a linguagem significa. E essa condição está na própria natureza da linguagem. Outra condição apontada pelo autor é o fato de a linguagem realizar-se por signos vocais que se organizam em palavras dotadas de sentido, questão central em nossa investigação.

Ao abordar a significação, Benveniste traz à discussão a ideia saussuriana de que a língua é um sistema de signos e afirma que, em seus investimentos teóricos, irá além do que propôs Saussure. Assim, delimita o signo como “unidade semiótica dotada de significação na comunidade daqueles que fazem uso da língua”. Explicita essa relação afirmando que só quem manuseia a língua pode dizer se uma determinada forma significa ou não, se existe ou não. É, portanto, no uso da língua que o signo assume sua existência. E, assim, o autor apresenta o princípio: “tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 227). Semiótico é definido como intralinguístico. E essa é, segundo Benveniste, uma das maneiras de a língua ser língua no sentido e na forma.

A outra maneira apresentada pelo linguista é a língua como semântica, que envolve outro domínio e outra função. Nesse novo domínio, encontramos a função mediadora da língua entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo. Trata-se de uma relação diferente da anteriormente apresentada: a semântica resulta de “uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 230), instaurando-se, assim, a aplicação particular, de tal forma que podemos afirmar que o signo tem o significado como parte integrante, enquanto o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

Deparamos-nos aqui novamente com outro hiato vivido pelo homem em sua experiência na linguagem: a vivência, na linguagem, de mundos distintos revelados no semiótico e no semântico. No domínio do semiótico, uma entidade precisa ser reconhecida como signo no universo da linguagem: “a questão não é mais definir o sentido” (BENVENISTE, 1967/1989,

p. 227), mas reconhecer que a entidade tem um sentido. Já no domínio do semântico, há a comunicação da experiência, por meio da qual o sentido se realiza formalmente na língua pelo agenciamento de palavras, pela relação que elas exercem umas sobre as outras, na atualização da língua pelo locutor. No entanto, semiótico e semântico “se superpõem na língua tal como a utilizamos” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 233), uma vez que os dois domínios compõem no discurso, possibilitando que estejam implicados no que o autor chama de língua-discurso.

A relação entre forma e sentido e suas diferenças no mundo da língua e do discurso já haviam sido abordadas por Benveniste em texto de 1964, *Os níveis de análise linguística*. O autor faz isso focalizando a língua como sistema de signos e propondo uma análise de língua pautada em operações de segmentação e de substituição. A segmentação compreende chegar a porções da língua cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Em paralelo a essa operação, identificam-se os elementos resultantes das substituições admitidas, configurando-se a segunda operação. A partir dessas operações, o autor propõe que os conceitos de forma e sentido sejam definidos um pelo outro. Assim, a forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade em dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido, por sua vez, encontra definição na capacidade que a forma linguística tem de integrar-se a uma unidade de nível superior. Com essa concepção, o linguista chega ao nível da frase e reconhece que com ele chegamos a um novo domínio, uma vez que uma frase não serve de integrante a outro tipo de unidade. Segundo Benveniste (1964/2005, p. 139), é a frase “a própria vida da linguagem em ação”. Entendemos que a frase, para o autor, é do domínio do discurso. E, por isso, ela pode ser entendida como unidade, mas não pode ser distintiva em relação a outras unidades do mesmo nível. Mas também é uma unidade completa, uma vez que traz sentido, porque nela há significação; e referência, uma vez que se refere a uma determinada situação. Trata-se da dupla propriedade da frase, capaz de torná-la analisável para o próprio locutor, o qual assume uma noção empírica do signo na frase, decorrência do exercício da sua atividade de linguagem em todas as situações; e analisável para o linguista, que parte das unidades elementares para chegar ao discurso.

As relações semiótico-semântico são retomadas e redimensionadas pelo linguista em *Semiologia da língua* (1969/1989), quando trata da dupla significância da língua. O semiótico designa “o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64, grifo do autor). Com o semântico, o linguista reconhece a entrada no modo de significância “engendrado pelo DISCURSO” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 65, grifo do autor). O semiótico deve ser reconhecido, enquanto o semântico precisa ser compreendido. Essa dupla significância não ocorre nos demais sistemas, sendo que

o privilégio da língua, conforme o linguista, é o de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Acerca dessa simultaneidade, voltaremos a discorrer mais adiante, uma vez que ela abrange a discussão que proporemos sobre a experiência da criança na linguagem.

Posta está a terceira problemática, cuja compreensão é imprescindível para os fins desta pesquisa, uma vez que, na busca de construirmos princípios teóricos capazes de explicitar a realização vocal da enunciação no ato de aquisição, estamos mobilizando a relação forma-sentido, a qual perpassa todos os níveis da língua. Perguntamo-nos: Estaria o aspecto vocal em um nível? Teria o aspecto vocal forma e sentido? Deixemos essas questões suspensas até o item 2.2.1. Detemo-nos, na sequência, na problemática seguinte, a qual focaliza o discurso e as relações de interpretância.

1.1.4 A língua no discurso e as relações de interpretância

Vimos até aqui, com as problemáticas benvenistianas focalizadas, que jamais encontraremos homem sem linguagem, uma vez que a própria definição de homem se dá na e pela linguagem, a qual constitui a cultura e é constituída pela cultura no seio de uma sociedade. Somente na experiência da linguagem se consolida a existência do homem. Nesse contexto, a língua, estrutura definida e particular, se manifesta em diferentes empregos, fruto do ato de apropriação do locutor. Trata-se do discurso, realização da língua no domínio da frase, por meio do qual se cumpre a função mediadora da língua entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo.

Temos consciência de que, nos diferentes empregos da língua, encontra-se a sua capacidade simbolizante, o que traz para o centro de nossa discussão a língua no discurso e as relações de interpretância. Em *Semiologia da língua*, Benveniste (1969/1989, p. 52), a partir de Saussure, mostra que a vida em sociedade, desde muito cedo, se constitui com a utilização de vários sistemas de signos: “Nossa vida inteira está presa em redes de signos que nos condicionam a ponto de não se poder suprimir apenas um sem colocar em perigo o equilíbrio da sociedade e do indivíduo”. A partir dessa constatação, Benveniste passa a buscar as características de um sistema semiológico, capazes de ordenar as relações entre tais sistemas e delimitar seus conjuntos. Assim, entende que um sistema semiológico se caracteriza por seu modo operatório (sentido ao qual ele se dirige – visão, audição, ...); por seu domínio de validade (em que se impõe que deve ser reconhecido); pela natureza e o número de seus signos (função das condições do modo operatório e do domínio de validade); e por seu tipo de funcionamento

(relação que une os signos e lhes confere função distintiva). Os aspectos relativos ao modo operatório e ao domínio de validade fornecem as condições externas do sistema; os outros dois dizem respeito às condições internas, semióticas.

O linguista vê dois princípios que conduzem as relações entre sistemas semióticos: o primeiro deles é o princípio de não-redundância entre sistemas, segundo o qual não há sinonímia entre dois sistemas semióticos e, por isso, não são mutuamente conversíveis: “O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação.” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54, grifo do autor). O segundo princípio completa o primeiro: dois sistemas podem ter um mesmo signo em comum sem serem sinônimos; ou seja, o valor de um signo se define no sistema que o integra.

Para melhor entender a relação entre os sistemas semióticos, o autor propõe que ela seja determinada primeiramente pela ação de um mesmo meio cultural, capaz de alimentar todos os sistemas que lhe são próprios. Além disso, o linguista propõe que se determine se um sistema semiótico pode se autointerpretar ou se deve receber a interpretação de outro sistema. Assim, temos sistema interpretante e sistema interpretado. Acerca disso, o linguista (1969/1989, p. 55) afirma: “Os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então o interpretante da sociedade”. Essa ideia já foi apresentada em nossa fundamentação, quando abordamos a problemática *O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura*. Trata-se do princípio de hierarquia, segundo o qual a língua assume uma situação particular no universo dos sistemas de signos.

Dito isso, o autor estabelece três tipos de relações entre sistemas semióticos: a) relação de engendramento, segundo a qual um sistema pode engendrar outro sistema de mesma natureza, sendo que o segundo é construído a partir do primeiro para preencher uma função específica; b) relação de homologação, com correlação entre as partes de dois sistemas semióticos, instaurada a partir de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos; c) relação de interpretância, instituída entre um sistema interpretante e um sistema interpretado. Segundo a relação de interpretância, constata-se que nenhum outro sistema dispõe de uma língua na qual possa se categorizar e interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode tudo categorizar e interpretar, até ela mesma.

Essa dimensão semiológica traz à língua um novo estatuto, segundo o qual “somente a língua torna possível a sociedade” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63), pois, para o linguista, constitui o que mantém juntos os homens como fundamento das relações da sociedade. Por esse prisma, é possível dizer que é a língua que contém a sociedade.

A língua, conforme análise do autor (1969/1989, p. 63), é o único modelo de um sistema semiótico simultâneo na sua estrutura formal e no seu funcionamento: ela se manifesta na enunciação, que contém referência a uma situação⁴; ela consiste em sua forma de unidades distintas, sendo cada uma um signo; ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma sociedade; ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Partindo da teoria do signo de Saussure, Benveniste argumenta que esta serve de base à pesquisa no domínio semiótico, mas para o semântico, um novo aparelho se faz necessário. Acreditamos ser este aparelho o aparelho formal da enunciação, expresso no artigo de 1970, no qual nos motivamos para a definição de nossa delimitação temática.

O artigo *O aparelho formal da enunciação* inicia com a apresentação das limitações das descrições linguísticas pautadas no emprego das formas, distinguindo esse emprego do emprego da língua. Benveniste (1970/1989, p. 81) faz isso afirmando ser essa distinção “uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar”. Essa afirmação do autor lança, aos nossos olhos, luzes sobre os fenômenos da aquisição da linguagem: os fenômenos aqui estudados por nós certamente já foram analisados sob outros vieses, mas, seguindo o que propõe o linguista da enunciação, outras maneiras de descrever e interpretar tais fenômenos se apresentam quando se descortinam os aspectos da enunciação.

Ao fazer essa distinção entre emprego das formas e emprego da língua, o autor tece críticas ao grande número de modelos consequentes da descrição do emprego das formas, e o faz a partir da constatação de que “a diversidade das estruturas linguísticas não se deixa reduzir a um pequeno número de modelo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Por isso, defende o estudo do emprego da língua, com ênfase naquele que realiza este emprego: o homem.

Feita a crítica aos modelos, o autor apresenta o que ele entende por emprego da língua: “Coisa bem diferente é o emprego da língua”. E, para mostrar a diferença, define esse emprego como “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira”. Trata-se da enunciação: “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Destacamos nessa definição a ideia de ação, proposta pelo verbo “colocar” e confirmada em seguida pelo linguista (1970/1989, p. 82) quando afirma: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. Novamente nos deparamos com um hiato na experiência humana, um hiato que separa o locutor da língua. Ao apropriar-se da língua, o locutor vive a experiência de tentativa

⁴ O termo “situação”, na acepção benvenistiana, diz respeito ao aqui-agora em que ocorre a enunciação.

de superação de mais esse hiato e é justamente essa experiência que vai defini-lo como sujeito do seu dizer. O locutor apropria-se do aparelho formal da língua e, nesse ato de apropriação, particulariza o emprego das formas a tal ponto que elas se configuram no aparelho formal da enunciação. No centro dessa vivência, está o funcionamento da língua, o que nos leva a refletir sobre o que, de fato, significa língua em funcionamento. Quando a língua funciona? Cremos que por “funcionamento da língua” estamos tratando, com Benveniste, da comunicação humana. Afinal, a língua existe para que os locutores possam constituir-se como protagonistas de sua comunicação. Mas o conceito de enunciação diz mais: “por um ato individual de utilização”, o que nos leva a direcionar nosso olhar para as implicações de considerar-se a enunciação como um ato individual. Nos estudos da aquisição da linguagem, encontramos um histórico marcado pela definição de estágios e modelos no intuito de padronizar as etapas de aquisição. O que vemos com essa definição é bastante diferente: se entendemos a enunciação como um ato individual, as regularidades características da língua dão lugar às singularidades advindas da individualidade posta em cena na conversão da língua em discurso.

Seguindo nosso percurso pelo artigo *O aparelho formal da enunciação*, encontramos uma orientação preciosa acerca dos estudos da enunciação: a relação do locutor com a língua deve ser considerada da seguinte forma: como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. Sem dúvida, como afirma Benveniste (1970/1989), trata-se de um grande processo. Para dar conta desse grande processo, o autor propõe três aspectos, dentre tantos, sob os quais se pode estudar esse fenômeno.

O primeiro deles é a realização vocal da língua. Acerca desse aspecto, o autor afirma:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82).

São muitas as possibilidades de interpretação do que de fato Benveniste propõe quando faz referência à realização vocal da língua. Na citação anterior, o autor se ocupa, com esse aspecto, do som em sua realização linguística. No caso de nossa pesquisa, é bastante significativa a passagem em que o autor refere a possibilidade de se estudarem os sons como processo de aquisição, de difusão, de alteração, entre outras, pois acreditamos que, se há um fenômeno geral da enunciação e a realização vocal se manifesta em relação a esse fenômeno, esse fenômeno específico se apresenta de determinada forma em relação ao geral no ato de aquisição. Acerca desse aspecto ainda, Benveniste (1970/1989, p. 83) revela uma característica

fundamental para nossa investigação: “os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente”, ou seja, mesmo quando se repete a experiência, os sons reproduzidos apresentam nuances diferenciadas que se encarregam de mobilizar, no discurso, sentidos diferentes. Essa constatação nos leva a indagarmos: Que caracteres linguísticos marcam o fato de o locutor colocar a língua em emprego? E que relação há com a realização vocal da enunciação? Deixemos essa questão suspensa por ora para discuti-la mais adiante, ainda neste capítulo.

Assim, chegamos ao segundo aspecto: a conversão individual da língua em discurso, ou seja, como o sentido se forma em palavras. Segundo Benveniste (1970/1989), trata-se da semantização da língua. Percebemos que esse aspecto está no centro do estudo enunciativo, uma vez que todos os outros aspectos elencados servem ao processo de semantização, ou seja, em enunciação, estamos sempre interrogando como o locutor faz, ao apropriar-se dos mecanismos linguísticos, para produzir sentidos. Em nosso trabalho, esse aspecto assume a posição de condutor de todos os demais, pois, afinal, o que pretendemos é analisar como o sentido é mobilizado no discurso e que fatores da realização vocal da língua na enunciação influenciam essa mobilização.

O autor propõe ainda que se estude o terceiro aspecto da enunciação: o quadro formal de sua realização, ou seja, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Ao apresentar esse aspecto, Benveniste (1970/1989) afirma existirem caracteres necessários e permanentes e outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido. Propõe-se a discutir dados do francês usual e da língua da conversação. Por língua da conversação, interpretamos, para os fins a que nos propomos nesta investigação, já que o termo não se encontra definido pelo autor, mas apenas mencionado, a língua usada em situações de diálogo, em que o falante se propõe a manipular os caracteres formais da língua na mobilização de sentidos constitutivos da relação do locutor com o outro da enunciação. Assim, são levados em consideração o próprio ato de enunciação, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização. No que diz respeito ao ato, o autor salienta a relação existente entre o locutor e o ouvinte por meio da forma sonora em instância de discurso. Destacamos, para os fins de nossa pesquisa, a expressão “forma sonora”, já que nos ocupamos da realização vocal da enunciação. Esse ato, portanto, envolve um processo de apropriação: “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e procedimentos acessórios” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84). Entendemos o termo “apropriação” como “tornar próprio”, ou seja, imprimir ao aparelho formal da língua características individuais reveladas no uso. Isso envolve, conjuntamente, a implantação do outro, o que leva Benveniste a afirmar que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente,

uma alocação” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84), uma vez que ela exige um alocutário para que possa realizar-se. Essa descrição da enunciação enquanto ato, sem dúvida, traz à tona princípios teóricos fundamentais para nosso trabalho, uma vez que acreditamos ser possível verificar especificidades na relação do locutor com os índices específicos e procedimentos acessórios da enunciação na mobilização do aspecto vocal da língua.

Em relação à situação, Benveniste (1970/1989, p. 84) a define apresentando a ideia de que “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo”. Essa relação é mobilizada pela necessidade que o sujeito encontra de construir referências pelo discurso numa situação em que o outro constrói correferências. A referência, assim, é elemento integrante da enunciação.

Chegamos, dessa forma, aos instrumentos de realização da enunciação. Entendemos que, para Benveniste, os instrumentos dizem respeito a índices específicos e procedimentos acessórios, abordados pelo linguista. Entre os índices específicos, estão os índices de pessoa: *eu* e *tu* denotando, respectivamente, locutor e alocutário.

Entre as formas específicas da enunciação, entendemos que Benveniste insere também os índices de ostensão, ou seja, “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 85). Trata-se de formas linguísticas que só se revelam no aqui-agora da enunciação, dada a efemeridade do seu dizer. Sem dúvida, ao fazer referência aos termos que implicam um gesto, o autor baseia-se numa característica da enunciação falada, uma vez que prevê um emprego da língua que permite ao locutor a relação direta com a instância enunciativa em que se realiza esse emprego, o que explicita a relação intersubjetiva que promove a correferência.

Assim como também o são as formas temporais, responsáveis pela manifestação da temporalidade, produzida na e pela enunciação. Acerca dessa questão, na qual se detém, o autor afirma ser o presente o tempo da enunciação, uma vez que é da instauração da categoria do presente que nasce a categoria do tempo:

O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 85-86).

Com essa análise, o autor nos leva a pensar que o agora da enunciação é responsável pela mobilização de categorias linguísticas marcadoras do tempo no próprio ato de enunciação.

Dessa forma, Benveniste conclui a análise dos índices específicos da enunciação, afirmando: “Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86). Distingue-se, dessa maneira, os elementos de estatuto pleno e permanente e os que emanam da enunciação. Entendemos, com essa afirmação, apesar de o autor não o dizer explicitamente, que os procedimentos acessórios se encontram em toda a língua, pois variam conforme cada situação e são mobilizados pelo sujeito a cada ato enunciativo.

Além das formas, Benveniste apresenta as condições necessárias às grandes funções sintáticas, fornecidas pela enunciação. Trata-se, segundo ele, de um “aparelho de funções”. Esse aparelho está a serviço da relação locutor-alocutário, uma vez que o sujeito dele dispõe para influenciar de alguma forma o comportamento do outro. Baseando-se nessa relação, o autor apresenta, entre as funções, a interrogação, a intimação e a asserção. Não discorreremos acerca dessas funções neste momento, porque voltaremos a elas, na sequência, quando as relacionarmos especificamente à realização vocal da enunciação. Por ora, limitamo-nos a afirmar que Benveniste vê essas funções desempenharem seu papel de unir existências humanas, na relação *eu-tu*, o que, para nós, coloca em evidência a noção de *emissão* e *percepção* já referida pelo linguista ao tratar da realização vocal da língua no discurso, e que se revela extremamente importante na abordagem do vocal que estamos propondo.

Assim, pensamos que, de fato, encontra-se inserido no quadro figurativo da enunciação todo o aparelho da enunciação, envolvendo os índices específicos, os procedimentos acessórios e o aparelho de funções, imbricados nessa relação intersubjetiva.

Encontramos ainda nesse texto a reflexão em torno do que o linguista entende por diálogo e as diferentes formas de diálogo, apontando para a necessidade de se analisarem tais aspectos mais detalhadamente, assim como tantos outros “desdobramentos deveriam ser estudados no campo da enunciação”. Entre esses desdobramentos, o autor refere a necessidade de se distinguir a enunciação falada da enunciação escrita, referência esta que nos impele a pensar que, de fato, a enunciação falada apresenta particularidades que a distinguem da escrita, o que justifica nossa abordagem neste trabalho. Por isso, somos levados a nos questionar: como o locutor instaura-se na enunciação, via aspecto vocal, para revelar, nos seus atos enunciativos, sentidos singulares?

Ao chegarmos ao final do artigo *O aparelho formal da enunciação*, acreditamos que, além de princípios teóricos, Benveniste, ao fazer referência ao ato, à situação e aos instrumentos

de realização da enunciação, apresenta uma metodologia de trabalho, a qual nos guia na definição de nossos princípios metodológicos, a serem apresentados no próximo capítulo.

Por fim, objetivamos nos apropriarmos desses fundamentos benvenistianos propostos na abordagem das problemáticas apresentadas para chegarmos a uma problemática mais específica, objeto de nossa delimitação, conforme já anunciamos: *O papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. Acreditamos que, ao deslocarmos esses fundamentos para nosso estudo, precisaremos dar conta das especificidades do aspecto vocal, entendido como fenômeno específico em relação ao geral da enunciação. Além disso, percebemos, ao refletirmos sobre as problemáticas focalizadas por Benveniste, que cada uma delas aponta para um hiato vivido pelo homem em sua historicidade marcada pela linguagem na passagem de locutor a sujeito: natureza *versus* cultura; eu *versus* tu; semiótico *versus* semântico; língua *versus* enunciação.

1.2 O aspecto vocal da enunciação no ato de apropriação da língua

Entendemos a enunciação como um fenômeno geral, marcado pela singularidade do sujeito que se enuncia. Desse fenômeno geral, interessam-nos suas especificidades decorrentes do aspecto vocal. Com essa delimitação, buscamos traçar, a partir dos princípios teóricos delineados até aqui, um quadro de princípios que possam nos dizer que implicações teóricas encontramos ao definir a realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação como objeto de estudo. O que podemos entender, pela proposta benvenistiana, acerca da expressão “realização vocal da língua” como um dos aspectos da enunciação? Sabemos que, à semelhança de outros termos, Benveniste não se dedica a definir explicitamente essa expressão. Encontramos no artigo *O aparelho formal da enunciação* a referência à realização vocal da língua, entendida por Benveniste (1970/1989, p. 82) como “o mais imediatamente perceptível e o mais direto” dos aspectos da enunciação. No entanto, assim como Flores e Surreaux (2012) já identificaram, não há maiores ocupações do autor acerca da questão, apesar do destaque que procura dar a esse aspecto no estudo da enunciação. Sabemos que, com poucas referências à realização vocal, não há uma abordagem específica nos textos de Benveniste capaz de elucidar por si só o aspecto vocal da enunciação. Por essa razão, buscamos definir, a partir das leituras da obra do linguista, ao menos para os limites de nossa pesquisa, o que entendemos por esse aspecto da enunciação. Para tanto, apoiamo-nos nas problemáticas benvenistianas, mas traçamos nosso próprio percurso nessa empreitada, uma vez que consideramos a incursão autoral a condição para a realização de nosso estudo.

Frente ao universo de descontinuidades apresentado nas problemáticas benvenistianas, o homem move-se e produz sua história, que só encontra sua existência na linguagem. Na sequência, focalizaremos o papel que o aspecto vocal da enunciação exerce nesse mover do homem que marca sua historicidade.

1.2.1 O aspecto vocal da enunciação: a busca de uma definição

Como vimos anteriormente, Benveniste (1970/1989, p. 82) faz referência à “realização vocal da língua” como um dos aspectos a partir dos quais pode ser estudado o grande processo da enunciação. Destacamos o uso, pelo linguista, do elemento sintático determinante “da língua” e não da “enunciação” ao se referir à “realização vocal”. Além disso, não encontramos, nos textos do linguista, o uso explícito do termo “aspecto vocal da enunciação”. Na busca de definir o que, de fato, representa para nós esse aspecto na proposta que ora apresentamos, somos levados a refletir sobre essa questão terminológica em Benveniste.

Para tanto, retomamos o artigo *O aparelho formal da enunciação*, no qual o autor afirma que, em relação à realização vocal da língua, encontramos no centro da questão a emissão de sons em atos individuais:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível, numa produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82).

Com essa afirmação do linguista, autorizamo-nos a pensar a realização vocal da língua como manifestação da singularidade do locutor no ato de apropriação da língua, uma vez que esse ato é particular e individual: “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83). Essa condição revela especificidades acerca da relação do locutor com a língua relacionada à situação enunciativa, o que convoca à análise a relação locutor-língua, locutor-alocutário, locutor-enunciação, manifestadas nas vocalizações do locutor que se enuncia.

É interessante neste momento recorrermos à pesquisa de Knack (2012), que, ao explorar, sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Benveniste, o tratamento do texto em suas modalidades falada e escrita, procura garimpar, na obra benvenistiana, a presença de termos como “enunciação falada”, “língua falada”, “discurso falado”, “texto falado”, “oralidade”, “vocal”. Nessa incursão, destacamos a relação entre a natureza falada da língua e o vocal:

“sequência dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 225), em que o linguista coloca em relação de sinonímia a natureza falada da língua e o vocal. A enunciação como realização vocal da língua também é enfatizada por Ono (2007), quando afirma que “a enunciação é concebida como fonação”, ou seja, como fenômeno vocal em ato de realização. Essa discussão encontra eco na reflexão de Benveniste já destacada em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, em que defende a linguagem como sistema simbólico em dois planos:

de um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 30).

Mais uma vez vemos o autor destacar *emissão* e *percepção*, o que coloca novamente no centro de sua discussão a intersubjetividade e a comunicação de significados evocada pela emissão vocal do locutor em relação ao outro e, principalmente, o fato de se tornar acessível a experiência de um falante a outro. Em nossa pesquisa, em especial, na análise dos fatos enunciativos com os quais trabalhamos, questionamo-nos: O que é da ordem material do vocal? O que é da ordem imaterial?

Knack (2012) destaca que, em relação ao fato físico, há termos que se repetem nos artigos de Benveniste e que remetem à natureza vocal da linguagem: “ouvinte”, “ouvir”, “aquele que ouve”, “forma sonora”, “proferir”, “pronunciar”, fato atestado em outra passagem de *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*:

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve aprende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 26).

Relacionamos essa passagem ao tratamento que o autor dá ao aspecto vocal da enunciação, ao afirmar que “os sons emitidos e percebidos [...] procedem sempre de atos individuais” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Nas duas passagens, o linguista indica a possibilidade de entendermos a realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação, o que nos leva a destacar a intersubjetividade constitutiva desse ato. A realização vocal da língua, assim, envolve a *emissão* e a *percepção* dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.

Para darmos conta da definição do aspecto vocal da enunciação, entendemos ser necessário discutir os conceitos de emissão, percepção e situação, nela implicados, à luz da teoria benvenistiana. Tomemos, inicialmente, o conceito de emissão. Entendemos que no artigo em que é referido, *O aparelho formal da enunciação*, ele está relacionado ao fato de o locutor se apropriar dos sons da língua e enunciá-los à sua maneira, o que constitui a subjetividade da enunciação fônica, na qual o *eu* da enunciação se marca. Nessa realidade, a emissão dos sons da língua é também marcada por traços individuais decorrentes das situações nas quais a enunciação é produzida, o que entendemos como a singularidade do aspecto vocal da enunciação. Ao nos voltarmos para a singularidade da situação enunciativa, convocamos o conceito de percepção, o qual está em relação de complementaridade com o primeiro conceito. Relacionamos a ideia de percepção à presença do outro, do *tu*, na enunciação, uma vez que, desde o momento em que o locutor assim se declara e assume a língua, “ele implanta o *outro* diante de si” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84, grifo do autor). Logo, se há uma singularidade na emissão dos sons da língua, decorrente da subjetividade com que o locutor se apropria dos elementos vocais, entendemos que há também singularidade na recepção desses sons, o que marca a relação de intersubjetividade entre *eu* e *tu*. Por fim, voltamo-nos ao conceito de situação, referido por Benveniste como o responsável pelas diferenças de cada enunciação fônica do mesmo sujeito que se apropria dos sons da língua. Situação é a instância de discurso em que a enunciação acontece: o *aqui-agora* de cada enunciação, definido pela relação entre *eu* e *tu*. Em resumo, ao propor a possibilidade de se estudar a realização vocal da língua como um aspecto da enunciação, Benveniste apresenta uma ideia que vem se opor ao que vinha se fazendo, na época, no universo dos estudos fonéticos e fonológicos, pois afirma que o aspecto referido de um modo geral não é visto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Ou seja, os estudos em torno da realização vocal da língua mencionados por Benveniste, pautados na Fonética e na Fonologia, buscam, em geral, as regularidades dessa realização. O que propõe o linguista, entretanto, diz respeito às singularidades desse fenômeno, o qual, por essa razão, precisa ser visto como um dos aspectos do grande processo que é a enunciação, nosso objetivo nesta tese.

Somente assim, “a realização vocal da língua” referida por Benveniste (1970/1989, p. 82) assume seu estatuto de aspecto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Afirmamos isso motivados pela mesma metodologia usada pelo linguista no artigo *O aparelho formal da enunciação*, ao considerar, segundo Flores (2008, p. 22), que a língua, como sistema que é, contém um aparelho de formas, cujo uso é dependente da enunciação. Flores (2013c, p. 168) afirma: “Ora, o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com

ela um aparelho de enunciação”. Segundo o autor (2013c, p. 168), “o dito aparelho formal de enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente”, pelo contrário, ele é construído a cada enunciação, a partir do aparelho de formas da língua. Seguindo esse raciocínio, entendemos que o que se realiza na enunciação fônica é a língua, mas completamente dependente do *aqui-agora* mobilizado na relação entre *eu* e *tu*, tal qual constata Benveniste quando afirma:

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 1966/1989, p. 230).

Por isso, trabalhamos em nossa tese com o termo “aspecto vocal da enunciação”, porque entendemos que se trata de um dos aspectos propostos por Benveniste para o estudo da enunciação, o qual coloca em evidência a realização vocal da língua no discurso, marcada pela subjetividade do locutor que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira na instância enunciativa, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação. A instância enunciativa na qual se dá a realização vocal da língua é responsável pelas singularidades que marcam a *emissão* e a *percepção* dos elementos vocais na enunciação.

Estando circunscrita a questão terminológica acerca de “o aspecto vocal da enunciação”, passamos, na sequência, a refletir sobre esse aspecto específico da enunciação em relação ao quadro geral que a caracteriza. Partimos do princípio de que os sons da língua apresentam regularidades que os caracterizam no universo linguístico, no entanto, nosso interesse de pesquisa se detém nas singularidades das emissões vocais manifestadas na enunciação. Para tanto, voltamo-nos aos procedimentos que singularizam a emissão e a percepção das unidades vocais da língua, o que coloca em relevo as relações entre semiótico e semântico, língua e enunciação, locutor e sujeito.

Para o estudo do aspecto vocal da enunciação, pautamo-nos, em especial, no artigo *O aparelho formal da enunciação*, porque entendemos que é nesse texto que Benveniste apresenta e situa a realização vocal da língua no campo da enunciação. No entanto, como já afirmamos, a obra benvenistiana nos leva sempre a tecer uma rede de conceitos, o que nos faz buscar em outros textos do autor as complementações necessárias para entender seus princípios e é isso que fazemos aqui. Sendo assim, situamos o aspecto vocal da enunciação em relação às problemáticas enunciativas que elegemos nos estudos benvenistianos para sustentar a proposta que apresentamos.

A primeira problemática que enfocamos trata do entrelaçamento da língua e da cultura e coloca o homem no centro da linguagem. A partir do que explanamos ao abordar essa problemática, questionamo-nos: Que relação o aspecto vocal da enunciação estabelece com a questão? Vemos na emissão e na percepção das unidades vocais da língua o simbolismo unir forma e sentido. É justamente por meio da emissão e da percepção dos sons da língua que o homem entra na linguagem e, conseqüentemente, nos dados que ela traduz no seio da cultura, uma vez que é ela, a linguagem, “a atividade significativa por excelência” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 223). Ou seja, ao mobilizar os elementos vocais da língua em palavras, o locutor mobiliza um conjunto de valores que marcam o mundo à sua volta. E, ao fazê-lo, imprime à emissão vocal as particularidades advindas da sua constituição como homem nesse meio cultural.

Nessa constituição do humano via linguagem, destaca-se a comunicação intersubjetiva, nossa segunda problemática enunciativa, com a qual relacionamos o aspecto vocal da enunciação. Ao abordarmos essa relação, lembramos que, conforme Benveniste (1963/2005), locutor e ouvinte estão relacionados pela troca e pelo diálogo. Essa relação se dá no discurso, por meio de *emissões* e *percepções vocais*, as quais, para o locutor, representam a realidade; para o ouvinte, recriam a realidade.

Benveniste (1963/2005, p. 27) afirma: “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe da enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo”. Essa implicação do outro traz à luz da discussão, imbricado no conceito de subjetividade, o conceito de intersubjetividade, segundo o qual a linguagem, em sua ação simbolizante, “torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 30). É a intersubjetividade mobilizadora do que Benveniste entende como um sistema simbólico especial, constituído pela materialidade dos elementos vocais, emitidos pela mediação do aparelho vocal e percebidos pela mediação do aparelho auditivo; e pela imaterialidade dos significados evocados. Essa singularidade da emissão vocal traz o traço do humano à linguagem articulada pelo homem, uma vez que a realização vocal encontra a palavra; na natureza, a relação é outra: estando a palavra ausente, os animais não saem nunca da pura voz da natureza, comum à espécie inteira. O homem, segundo Benveniste (1963/2005, p. 29), “inventa e compreende símbolos”, desde muito cedo, quando ainda criança, o que o distingue do animal, o qual nunca chega a essa capacidade.

Essa discussão ecoa para além da Linguística, pois também Zhumthor (2010, p. 13) afirma: “O som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências”. Ou seja, a realização vocal da enunciação deve-se à especificidade linguística de toda comunicação vocal, uma vez que, nessa condição, por parte de dois sujeitos, encontra-se imbricado o mesmo, mas não idêntico investimento de energia psíquica, de valores míticos, de “sociabilidade” e de linguagem. Sendo assim, o autor, ao discutir a Oralidade Poética, aborda a oralidade de forma geral, e, no centro dessa abordagem, focaliza a voz:

Tão fortemente social quanto individual, a voz mostra de que modo o homem se situa no mundo e em relação ao outro. Efetivamente, falar implica uma audição, atuação dupla em que interlocutores ratificam, em comum, pressupostos fundamentados em um entendimento, em geral tácito, mas sempre (no centro de um mesmo meio cultural) ativo. (ZHUMTHOR, 2010, p. 29-30).

Depreendemos que a relação com o outro, no seio de uma cultura, leva o locutor a emissões de cunho vocal, as quais mobilizam sentido, na acolhida por um outro que partilha de determinados valores culturais e que, portanto, se acha em condições de empreender esforços na busca do entendimento.

Portanto, em relação à segunda problemática benvenistiana focalizada em nosso trabalho, a comunicação intersubjetiva, o aspecto vocal da enunciação assume a função de unir duas existências, na realização do que é especificamente humano: a faculdade simbolizante da linguagem.

Voltamo-nos para a terceira problemática enunciativa por nós elencada, a forma e o sentido e os níveis da língua. Ao entendermos a realização vocal da língua como um aspecto da enunciação, estamos frente ao fenômeno geral da enunciação, o qual se caracteriza pela conversão da língua em discurso. No centro dessa questão, encontra-se a teoria do signo e a análise da significância. Logo, perguntamo-nos: De que forma as manifestações da realização vocal podem ser entendidas na relação língua-discurso? Que papel exercem nessa relação os procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram, referidos por Benveniste? Vimos duas características que marcam essa relação: a primeira delas diz respeito ao fato de a significação estar na natureza da linguagem; e a segunda, imbricada na primeira, é o fato de a linguagem realizar-se por signos vocais que se organizam em palavras dotadas de sentido.

Benveniste (1970/1989) explicita essas características também no artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, fazendo referência a duas propriedades inerentes à língua: uma delas diz respeito ao fato de a língua ser formada de unidades significantes; a outra, à capacidade

de arranjar essas unidades de maneira significativa. Essas propriedades são unidas por uma terceira propriedade, a sintagmatização, entendida como a capacidade de combinar os signos de maneira significativa a partir de certas regras de consecução. Entendemos que o aspecto vocal da enunciação, portanto, diz respeito ao arranjo que afeta, na sintagmatização do discurso, a significação das unidades da língua para a produção de sentidos singulares na relação intersubjetiva constituída entre *emissão e percepção*.

Voltaremos a discorrer acerca da ideia de “arranjo”, mas, antes, para tratarmos dessa complexa questão, precisamos discutir como o aspecto vocal da língua significa no modo semiótico e como mobiliza operações particulares para comunicar no modo semântico. Os signos, unidades semióticas, assumem sua existência no uso da língua: “tudo que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 227). Para tanto, basta ser distinto dos demais signos. Os sons da língua são, portanto, reconhecidos no universo da língua e se unem para formar o signo, cujo valor é genérico, uma vez que não se admite, no semiótico, “significado particular ou ocasional” e tudo que diz respeito às individualidades e às circunstâncias é ignorado.

No domínio semântico, os signos são convertidos em palavras pelo locutor que se apropria da língua. Essa conversão diz respeito à sintagmatização responsável pela atualização do sentido do signo em palavras, ou seja, as unidades da língua, assim, são mobilizadas por mecanismos de sintagmatização, por meio dos quais se tem a frase, a qual se reveste de sentidos particulares dependentes do *aqui-agora* da enunciação. Acerca dessa dependência, tratando especificamente do aspecto vocal da enunciação, Benveniste (1970/1989, p. 83) afirmou que “os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente” e que “as diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida”. Sendo assim, a realização vocal da língua se converte em aspecto vocal da enunciação na medida em que seu sentido é particularizado, circunstanciado de forma a implicar referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

Em *Os níveis da análise linguística* (1964/2005), o autor apresenta o mundo dos signos e o mundo do discurso como dois universos diferentes. A diferenciação proposta pelo linguista nos auxilia a situar o aspecto vocal da enunciação no universo do discurso e, portanto, da frase. Em nosso trabalho, justamente por entender o aspecto vocal da enunciação como decorrente do arranjo de formas que caracteriza o discurso, circunscrevemo-no aos mecanismos de ordem não segmentável, mas que afetam as unidades segmentáveis da língua. Fazemos isso com base em princípios benvenistianos, o que nos leva a resgatar, inicialmente, a abordagem que o autor faz

das operações de segmentação e de substituição. Por meio dessas operações, demonstra que os fonemas, por exemplo, são unidades segmentáveis, uma vez que se deixam dividir em traços distintivos, ao mesmo tempo em que são substituíveis. Já os traços distintivos não são segmentáveis, apenas substituíveis. Tal análise se presta ao exame dos elementos que compõem o universo do signo, mas não ao exame da frase: “Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma de suas partes.” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 132). Para melhor entendermos essa propriedade, o linguista apresenta as noções de *relação distribucional*, entre elementos de mesmo nível; e *relação integrativa*, entre elementos de nível diferente. Dessa forma, a frase comporta elementos constituintes, mas não pode integrar nenhuma unidade mais alta. A diferenciação entre elementos constituintes e integrantes determina a relação entre *forma e sentido*: quando uma unidade é reduzida aos seus elementos constituintes, obtém-se sua forma. Mas quando se observam esses constituintes em relação ao nível superior, temos a função integrante. A forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. Para Benveniste, este é o limite que atingimos na análise linguística que tem por base a unidade signo. Com a frase, outro domínio se inaugura: “pelo fato de não constituir uma classe de unidades distintivas, que seriam membros virtuais de unidades superiores, como o são os fonemas ou os morfemas, a frase distingue-se naturalmente das outras entidades linguísticas” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 138). Vemos, para Benveniste, a frase assumir duplo papel: por um lado, relaciona-se às unidades que a constituem, dando relevo ao signo; por outro lado, ela assume seu estatuto de unidade no discurso, exigindo um novo olhar para a noção de “sentido”, o qual implica a língua em relação com o mundo.

Por essa razão, entendemos que o aspecto vocal, ao ser compreendido como fenômeno específico em relação ao fenômeno geral da enunciação, diz respeito também a elementos não-segmentáveis que fazem parte da organização singular da frase e não pode, por isso, limitar-se às unidades segmentáveis da língua. Para dar conta da frase como unidade do discurso, o estudo do aspecto vocal da enunciação convoca um olhar para elementos de outra ordem, os quais vão além das unidades segmentáveis e dizem respeito a constituintes de natureza integralizadora. Isso porque o aspecto vocal da enunciação integra unidades da língua e evoca sentidos singulares na enunciação. Do contrário, não conseguimos sair dos limites da análise da língua como sistema de signos.

Relacionamos, portanto, o aspecto vocal da enunciação à ideia de arranjo, referida anteriormente por nós e apresentada em diferentes momentos do raciocínio benvenistiano. Em *Estruturalismo e Linguística*, o autor afirma:

Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção. Com muito mais razão, quando se trata de frases, não são os elementos constitutivos que contam, **é a organização do conjunto completo, o arranjo original**, então, cujo modelo não pode ter sido dado diretamente, que o indivíduo fabrica. (BENVENISTE, 1968/1989, p. 19, grifo nosso).

Ao apresentar essa ideia, o linguista relaciona o fato de o indivíduo fabricar o arranjo original das frases ao problema da aquisição da linguagem, afirmando que a criança, no ato de aquisição da linguagem, utiliza, em partes, estruturas dadas, as quais, de outra parte, são renovadas. Essa questão, em nosso trabalho, é central para situarmos o aspecto vocal da enunciação como parte do arranjo original da frase, o qual se encontra diretamente relacionado à atitude do locutor e à situação de discurso.

Apesar de não termos a pretensão de mapear todos os usos da palavra “arranjo” nos artigos de Benveniste, destacamos algumas referências do termo pelo linguista. Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, o termo aparece e novamente permite a associação que fazemos dele ao aspecto vocal da enunciação, como vemos a seguir: “ela (a língua) produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 103). O “arranjo” citado pelo autor é o arranjo da significação, o qual produz, indefinidamente, enunciações, com a criação de objetos linguísticos introduzidos na comunicação. Sendo assim, objetivamos, com a investigação do aspecto vocal da enunciação, ver a língua na comunicação viva, o que implica que olhemos para os *arranjos vocais*, os quais afetam formas e funções no discurso.

Chegamos, assim, à quarta problemática, a qual trata das relações de interpretância e do quadro formal da enunciação. Com base no que afirmamos até aqui, depreendemos que os arranjos decorrentes da mobilização da realização vocal da língua podem ser interpretados como um mecanismo de engendramento das formas linguísticas capaz de afetá-las no discurso. Sendo assim, a realização vocal da língua na enunciação diz respeito ao agenciamento sintagmático, uma vez que se trata de um procedimento capaz de afetar os elementos do enunciado em função da mobilização de um certo sentido. E, nesse agenciamento sintagmático, o qual, para Benveniste (1966/1989, p. 230), diz respeito à “ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada”, a atualização da linguagem faz com que as palavras contraíam “valores que em si mesmas elas não possuíam e

que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 232). Sendo assim, o aspecto vocal da enunciação, visto como um arranjo da frase, tem o poder de afetar, pela sua ação, no agenciamento sintagmático, o sentido das palavras empregadas. Nesse agenciamento, o vocal afeta níveis e unidades para “evocar” sentidos no outro para além das unidades sintagmatizadas, de forma que as palavras exercem ação umas sobre as outras. Trata-se da “sintaxe da enunciação” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27).

Acerca dessa propriedade, também Flores (2013a) apresenta seu raciocínio em *Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação*. Para o autor, a sintaxe da enunciação é a marca específica de uma relação singular entre *forma* e *sentido*, caracterizando a enunciação como uma tentativa de afunilamento do sentido, uma apropriação imaginária que se marca no simbólico por operações específicas. Vemos a mobilização do aspecto vocal da enunciação como uma operação concernente a essa sintaxe, uma vez que, ao revestir as formas linguísticas de determinadas características decorrentes do *arranjo vocal*, o locutor procura afunilar o sentido dessas formas, atualizando-o em relação à situação específica da enunciação, afunilamento que o outro da relação, em seu ato de percepção, também realiza.

Relacionamos, portanto, o aspecto vocal da enunciação ao aparelho de funções sintáticas, apresentado por Benveniste (1970/1989) em *O aparelho formal da enunciação*. É interessante destacar o papel que as modalidades da frase têm para o autor e como, por meio dessas modalidades, o vocal comparece vinculado à intersubjetividade inscrita na linguagem. Entendemos que o linguista apresenta o aparelho de funções como um elemento distinto das formas comandadas pela enunciação, interpretadas por nós como sendo os índices específicos que dizem respeito à pessoa, ao espaço e ao tempo. Esse elemento distinto é apresentado por Benveniste como “as condições necessárias às grandes funções sintáticas”. Entendemos por “condições” a própria constituição da enunciação, que se estabelece sobre a condição da intersubjetividade: “Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86). Encontram-se imbricadas nessa condição de influência vivida pelo *eu* em relação ao *tu* a *emissão* e a *percepção* dos sons constitutivas da realização vocal da língua na enunciação.

Sendo assim, em nossa pesquisa, a realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação encontra sua manifestação também no aparelho de funções sintáticas apresentado por Benveniste, já que este aparelho é responsável pela derivação de diferentes

formas e procedimentos que cumprem a função de influenciar o outro, o que só ocorre por meio da mobilização da língua na enunciação.

Focalizemos, na sequência, cada uma das funções sintáticas abordadas por Benveniste. A primeira delas, a interrogação, é apresentada pelo linguista como uma enunciação que suscita explicitamente uma resposta, o que o leva a entendê-la como “um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86) e justamente por isso capaz de unir duas existências a partir da relação emissão – percepção imbricada na enunciação. A interrogação, para Benveniste, está amparada nas formas lexicais e sintáticas que a compõem, nas partículas, nos pronomes e em muitos outros elementos que o autor deixa implícitos em sua enumeração. Para nós, no entanto, ganha relevância a referência à entonação, entendida em nosso trabalho como manifestação do aspecto vocal da enunciação e mobilizadora de sentidos particulares na instância enunciativa.

No que diz respeito à intimação, Benveniste (1970/1989, p. 86) a vê como uma enunciação que se constitui por meio de ordens, apelos, marcados por termos e formas que “implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro”. Apesar de o autor não referir manifestações específicas da realização vocal, sentimo-nos autorizados a entendê-las como parte da “relação viva e imediata do enunciador ao outro”, sendo capaz, inclusive, de, por meio de tons ascendentes e alongamentos vocálicos, por exemplo, categorizar graus de intimação em cada instância enunciativa. Assim como a interrogação, a intimação convoca à discussão os conceitos de *emissão* e *percepção* que caracterizam a “relação viva e imediata do enunciador ao outro”. Entendemos que os adjetivos “viva” e “imediate”, usados por Benveniste como determinantes do substantivo “relação”, colocam em relevo a enunciação como ato, o qual supõe o diálogo, pois desde que o locutor assim se declara e assume a língua, “ele implanta o outro diante de si” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84). Essa relação entre *eu* e *tu*, portanto, é viva e imediata, pois não há locutor sem o outro da enunciação; não há emissão sem percepção; e a intimação só se efetiva de fato na emergência da instância enunciativa.

A asserção, por sua vez, é vista como uma enunciação que visa a comunicar uma certeza, a qual também se apoia em formas linguísticas específicas, reveladas em seu rodeio sintático e em sua entonação, segundo o autor. Percebemos, mais uma vez, a referência à entonação como elemento presente no aparelho de funções sintáticas. Acreditamos que tal referência respalda a interpretação que fazemos do aspecto vocal da enunciação como constituinte com função integralizadora no discurso, tal qual apresentado anteriormente. Isso porque Benveniste refere as formas “sim” e “não” como instrumentos específicos dessa função sintática, mas nos leva a entender que o emprego dessas formas é completamente dependente da instância enunciativa,

o que nos permite entender o aspecto vocal da enunciação como uma operação que afeta tais formas linguísticas, mobilizando, a cada ato enunciativo, sentidos específicos na relação entre *eu* e *tu*, no aqui-agora da enunciação.

Trata-se, segundo Benveniste (1964/2005), das três funções inter-humanas do discurso que se imprimem nas três modalidades da unidade de frase, correspondendo, cada uma delas, a uma atitude do locutor. Vemos, em nosso estudo, na atitude do locutor, a mobilização de *arranjos vocais* característicos de cada uma das modalidades de frase, as quais dizem respeito à “língua assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 1958/2005. p. 293).

Benveniste (1970/1989, p. 87) aponta ainda as modalidades formais da língua “que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), pertencentes à fraseologia (“talvez”, “sem dúvida”, “provavelmente”) e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc. ou, deliberadamente, recusa da asserção”. Em nosso trabalho, relacionamos essas modalidades ao aparelho de funções sintáticas, porque entendemos que a mobilização do aspecto vocal da enunciação também assume funções modalizadoras na sintagmatização da frase, altamente dependentes da instância enunciativa e do ato de *emissão* e *percepção* das unidades vocais da língua cujo sentido se particulariza na relação intersubjetiva.

Assim, os elementos vocais da língua, em geral descritos como categorias intrínsecas à língua, e, por isso, vistos em suas regularidades, independentes da atualização da língua pelo locutor, passam a ser vistos no escopo da experiência intersubjetiva: “impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 229).

Justamente por se tratar do aspecto vocal da enunciação, efetiva-se a mudança radical a que se refere o linguista (1966/1989, p. 229): “do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva”, a qual, segundo Benveniste, implica que as noções vistas no estudo do signo retornem, mas outras e para entrar em relações novas. Sendo assim, os elementos que constituem o aspecto vocal da enunciação situam-se tanto no domínio semiótico como no semântico, uma vez que se tratam dos mesmos elementos que se encontram em um e em outro domínio, “dotados, no entanto, de estatutos diferentes” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229). Esses estatutos diferentes encontram-se relacionados, na enunciação, aos *arranjos vocais* que marcam a língua-discurso na busca de transposição do hiato que caracteriza os domínios semiótico e semântico. Essa condição do aspecto vocal da enunciação, nosso tema de pesquisa, aponta para os outros dois aspectos da enunciação mencionados por Benveniste (1970/1989)

em *O aparelho formal da enunciação*. Temos como princípio que os três aspectos da enunciação revelam uma imbricação necessária, já que constituem a própria definição de enunciação. Afirmamos isso porque, se entendemos o aspecto vocal da enunciação como um arranjo responsável pelas modalidades da frase, mobilizado na sintagmatização do discurso, categorizamos essa mobilização no quadro formal da enunciação, pois o aparelho de funções sintáticas constitui esse quadro. Além disso, toda escolha de formas linguísticas e de procedimentos, por parte do locutor, converge num trabalho de semantização, por meio do qual as palavras constituem o discurso. Eis a imbricação dos três aspectos da enunciação apontados pelo linguista.

A partir dessas relações, é importante destacar que, ao nos referirmos ao aspecto vocal da enunciação temos clareza de que não estamos trabalhando com unidades delimitadas, pois, quando trabalhamos com enunciação, estamos nos referindo à transversalidade enunciativa (FLORES, 2011; FLORES; SURREAUX, 2012). Ou seja, a enunciação não pode ser definida nos limites de um ou outro nível de análise linguística; ela é transversal a todos os níveis da língua, numa relação não linear no discurso. A realização vocal, portanto, realiza-se nessa transversalidade enunciativa, não estando presa a um nível em si, mas com a capacidade de afetar tais níveis e, por isso, em sua manifestação carrega aspectos vocais que dizem respeito aos elementos segmentáveis da língua e à integração de tais elementos na constituição da frase, o que possibilita a “evocação” de sentidos. Essa ideia é corroborada por Flores e Surreaux (2012), autores que nos auxiliam a ver essa questão com as reflexões apresentadas em trabalho sobre a temática voz e enunciação. Para os autores, os elementos vocais de natureza não segmental estabelecem uma sintagmática na enunciação dos elementos segmentais, como fonemas, palavras, sintagmas, etc., uma espécie de concatenação entre eles. A essa relação, os autores chamam relações gramático-vocais-enunciativas. Há, segundo a análise de dados apresentada por eles, um sentido mobilizado pela realização vocal da enunciação, já que podemos falar numa retórica argumentativa que independe de unidades fonológicas, lexicais e sintáticas, percebida, em especial, em um fato de linguagem de uma criança de aproximadamente um ano e meio de idade, a qual usa gestos e palavras indistintas para ocupar seu lugar enunciativo frente ao outro da enunciação.

Para melhor compreender a transversalidade, apoiamo-nos no dizer do próprio Benveniste, quando distingue o emprego das formas do emprego da língua. A realização vocal está relacionada ao emprego da língua, “mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Esse mecanismo, a enunciação, extrapola as unidades linguísticas pertencentes a cada nível de análise, uma vez

que, conforme o autor, não é o texto do enunciado que se coloca no centro da discussão, mas o ato mesmo de produzir o enunciado. E nesse ato emerge a figura do sujeito da enunciação. Flores discute a questão do “sujeito da enunciação” em Benveniste, destacando que o termo “sujeito da enunciação” não se encontra explícito nos trabalhos do linguista da enunciação, mas que é possível entrever sua existência na rede conceitual que marca toda a obra de Benveniste. Segundo Flores (2013b), o sujeito da enunciação advém da enunciação, uma vez que se marca via sintaxe da enunciação, no ato de tentar-se afunilar o sentido. Logo, os arranjos decorrentes da realização vocal da língua como um dos aspectos da enunciação dizem respeito a esse ato e se marcam na produção do enunciado, revelando o sujeito que advém de tais procedimentos.

Acerca dessa questão, encontramos também em Knack (2012) um olhar para as especificidades da enunciação falada. Em seu estudo, a autora destaca a intervenção, na enunciação falada, de elementos de ordem não verbal, como gestos, expressões faciais, além de elementos como a entonação e o ritmo, dentre outros. A autora questiona como, a partir da teoria enunciativa, dar-se conta de elementos dessa natureza, em especial, os de ordem não verbal. Como não é esse seu objetivo, limita-se a apresentar a questão. Nossa pesquisa, no entanto, motivada pelo questionamento de Knack, procura iluminar o fato a partir dos princípios propostos por Benveniste. Ao abordarmos o aspecto vocal da enunciação manifestado em arranjos na sintagmatização do discurso, vemos os gestos e as expressões faciais que acompanham os elementos verbais como pertencentes a esse mecanismo total entendido como o ato de produzir um enunciado, já que tais recursos afetam o sentido mobilizado no aqui-agora da enunciação. São, portanto, constitutivos do aspecto vocal da enunciação.

Entendemos que a realização vocal da língua gera uma sincronia responsável pela instauração do quadro formal da enunciação de forma específica, o que, em nosso trabalho, é visto no aparelho de funções sintáticas marcado por *arranjos vocais* reveladores da subjetividade-especificidade-historicidade de um sujeito que só pode ser assim designado porque assume seu papel na experiência da linguagem. Lembramos que quando trabalhamos com o sentido da frase, trabalhamos com a noção de referência, ou seja, o estado de coisas que provoca a frase, a situação de discurso, a qual não pode ser prevista ou fixada. Justamente por isso nosso estudo é altamente dependente da interrogação que fazemos dos fatos enunciativos com os quais trabalhamos. Antes disso, temos apenas uma imagem aproximada dos recursos vocais responsáveis pela singularização da realização vocal da língua, o que a converte em um aspecto da enunciação. Entre esses recursos vocais, elencamos a entonação por ter sido explicitamente abordada por Benveniste (1970/1989) como derivada do aparelho de funções sintáticas mobilizado pelo locutor. Além desse mecanismo, deixaremos os fatos enunciativos

analisados nos guiarem, uma vez que tais recursos são resultantes de “uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 230) e se marcam na frase, imprimindo um sentido altamente circunstancial e particularizado às unidades por eles afetados.

Destacamos que o aspecto vocal da enunciação aponta para realidades que colocam em evidência o sujeito e o trabalho de significação posto no discurso, o qual só é possível em função da percepção do outro, capaz de revestir as formas vocais enunciadas de sentidos específicos, a partir dos elementos culturais que marcam a relação *eu-tu*, já que, segundo Benveniste (1968/1989, p. 21), “a apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz”. Realiza-se, dessa forma, via aspecto vocal da enunciação, a tríade homem-linguagem-cultura de tal forma que a realização vocal da língua, vista como um dos aspectos da enunciação, revela-se capaz de transpor, ou, ao menos, de tentar transpor os hiatos que constituem a história do homem. Primeiramente, o aspecto vocal da enunciação garante o acesso à língua e, conjuntamente, à cultura. Isso só é possível porque o locutor, por meio do ato de apropriação da língua, enuncia-se a um outro, realizando o processo de troca imbricado na enunciação. Nesse ato-processo, a mobilização da língua na *emissão* e na *percepção* da frase cumpre sua função mediadora de integração da sociedade e de adequação ao mundo, o que faz com que a língua cumpra seu papel de interpretante de toda a sociedade, inclusive, dela mesma.

O percurso realizado até aqui nos permite propor uma definição do que estamos considerando aspecto vocal da enunciação neste estudo. Somos autorizados pelas trilhas que seguimos e que nos conduziram às problemáticas enunciativas. Portanto, trabalhamos com o aspecto vocal da enunciação entendendo-o como o arranjo organizador/integralizador do discurso implicado na *emissão* e na *percepção* dos elementos vocais da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida. Sendo assim, apresentamos, para fins elucidativos, o quadro de princípios com os quais trabalhamos nesta seção e que dizem respeito às especificidades do aspecto vocal da enunciação, referidas na definição por nós apresentada.

Quadro 1: Aspecto vocal da enunciação

- 1 O aspecto vocal da enunciação envolve a *emissão* e a *percepção* dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.
- 2 O aspecto vocal da enunciação traz impressas as particularidades culturais advindas do homem na sociedade.
- 3 O aspecto vocal da enunciação torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, resultante do *arranjo vocal* realizado numa determinada língua.
- 4 A realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação encontra sua manifestação no aparelho de formas e de funções sintáticas.
- 5 O aspecto vocal da enunciação não está apenas nas formas ou num ou outro nível da língua, mas no *arranjo vocal* que afeta, na sintagmatização do discurso, a significação das unidades significantes da língua para a produção de sentidos singulares na relação intersubjetiva constituída entre *emissão* e *percepção*.

Fonte: A autora (2013).

Percebemos nesse quadro que o aspecto vocal da enunciação aponta para realidades que colocam em evidência a atitude do locutor e o trabalho de significação posto no discurso, o qual só é possível em função da percepção do outro, capaz de revestir as unidades vocais enunciadas de sentidos específicos, a partir dos elementos culturais que marcam a relação entre *eu* e *tu*.

Com essa caracterização do aspecto vocal da enunciação, temos condições de nos voltarmos à temática no âmbito da Aquisição da Linguagem, numa perspectiva enunciativa, o que fazemos no próximo capítulo, na busca de responder nosso questionamento central: Que papel o aspecto vocal da enunciação exerce na experiência da criança na linguagem?

2 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Nos fundamentos teóricos apresentados até aqui, buscamos explicitar de que forma a realização vocal da língua pode ser interpretada como fenômeno específico em relação ao fenômeno geral da enunciação e como esse fenômeno aponta para a relação existente entre homem, linguagem e cultura. No capítulo anterior, focalizamos o estudo de quatro problemáticas benvenistianas, a partir das quais discutimos o universo cindido em que o homem se move ao produzir sua história *na* e *pela* linguagem. Em meio a esse universo, localizamos o papel do aspecto vocal da enunciação na constituição do homem.

Na sequência, procuraremos explicitar como se dá a realização do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, entendida por nós como ato enunciativo de aquisição da linguagem. Cabe-nos, portanto, discutir como se dá a relação homem, linguagem e cultura no ato de aquisição da linguagem pelo viés enunciativo e que papel o aspecto vocal exerce nessa experiência. No entanto, para darmos conta da temática a que nos propomos, necessitamos, ainda, definirmos, nos limites benvenistianos, tal experiência. Acreditamos que Benveniste apresenta princípios que possam nos auxiliar a entender o que é a experiência da criança na linguagem via enunciação; temos consciência de que esses princípios já foram estudados por Silva (2009), ao focalizar a linguagem da criança e vemos em seu trabalho a possibilidade de melhor elucidar a questão a que nos propomos, como explicitaremos na sequência.

Silva (2009) ocupa-se especificamente da aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa. Em sua proposta (2009, p. 200), ela apresenta o que chama de dispositivo enunciativo: *(eu-tu/ele)-ELE*, caracterizado por relações diádicas e trinitárias. Acerca das relações diádicas, parte do princípio de que a subjetividade e a intersubjetividade implicam sujeitos em relação intersubjetiva, *eu-tu*, o que, na Aquisição da Linguagem, aponta para a conjunção criança-outro. Esses mesmos sujeitos também revelam relação de disjunção: *eu/tu*, em que a criança se distingue do *tu* enquanto *eu* da enunciação. Apresenta ainda o estabelecimento da relação mundo/discurso, em que operações de semantização da língua ocorrem com a entrada da criança no semiótico: *(eu-tu)/ele*, em que *ele* representa as formas da língua, a não-pessoa que se instancia no discurso.

O estudo de Silva (2009) discute duas relações trinitárias. A primeira dessas relações, *eu-tu/ele* consolida a estrutura enunciativa, uma vez que a criança se reconhece como locutor e vê no *tu* o alocutário no diálogo. Nessa mesma relação, a criança reconhece a língua como

possibilidade de atualização no discurso. A segunda relação exposta pela autora, (*eu-tu/ele*)-*ELE* (instância da cultura), aponta para a operação de semiotização, em que a criança configura a relação língua-discurso, constituindo a faculdade simbolizante da linguagem e o fundamento da abstração. Para isso, a criança vale-se de diferentes formas e mecanismos da língua, integrantes da cultura, no intuito de enunciar sua posição de locutor na enunciação e produzir referências no discurso. A respeito desses mecanismos, a autora afirma:

Foi por meio da descrição das operações enunciativas de deslocamento da criança da enunciação para a língua e da língua para a enunciação que flagramos os instantes de inscrição do sujeito da aquisição da linguagem no funcionamento referencial e intersubjetivo da linguagem. O *eu* se desloca numa estrutura enunciativa que comporta o *tu* (outro), o *ele* (língua) e o *ELE* (cultura), sendo constituído pela língua-discurso ao mesmo tempo em que a constitui. (SILVA, 2009, p. 268).

Em sua pesquisa, a autora trabalhou com dados falados de crianças muito jovens, mas não tinha interesse específico na realização vocal da enunciação. Assim, entendemos que nossa proposta dialoga com a investigação de Silva (2009) por dois motivos. Primeiramente, porque o dispositivo enunciativo apresentado em seu trabalho abre caminhos para entendermos melhor a maneira como a criança torna-se sujeito do seu dizer. E, ainda, a metodologia empregada em sua investigação nos aponta direções a serem seguidas na abordagem do dado de enunciação falada da criança. Sem dúvida, os estudos da Aquisição da Linguagem receberam grande contribuição da abordagem enunciativa proposta pela autora, uma vez que sua investigação procurou restituir o lugar da referência e dos sujeitos na reflexão sobre o funcionamento da língua, concebendo a aquisição a partir da produção de referências no espaço enunciativo constituído pelo *eu* e pelo *tu*. A autora prevê ainda a instância da cultura como constitutiva das enunciações criança-outro.

Silva (2009) destaca a necessidade de, numa abordagem da linguagem da criança a partir de uma perspectiva enunciativa aquisicional, observar-se primeiramente o complexo mecanismo de conjunção/disjunção entre *eu* e *tu*, o qual permite a operação de antecipação de um lugar para a criança na estrutura da enunciação. Entendemos que é nessa operação de antecipação que se inicia a experiência da criança na linguagem, pois, conforme Benveniste (1965/2005, p. 80) afirma em *A linguagem e a experiência humana*, “É sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”. A criança, portanto, ao assumir o seu espaço de enunciação na relação com o outro, vive sua experiência na linguagem, a qual se constitui na e pela intersubjetividade, uma vez que, segundo Silva (2009), a criança passa da condição de convocada pelo outro à convocação do outro.

Em nosso trabalho, relacionamos essa passagem vivida pela criança no mundo da linguagem à superação dos hiatos que marcam sua existência, abordados no capítulo “O aspecto vocal da enunciação na experiência do homem na linguagem: a vivência de um universo cindido”. Ou seja, ao nascer, a criança vive sua primeira cisão: natureza *versus* cultura, travessia operada *na e pela* linguagem, conforme atesta a passagem abaixo:

A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem. (BENVENISTE, 1968/1989, p. 21).

Assim, não podemos pensar a aquisição da linguagem da criança sem levar em conta que a criança aprende, na verdade, o mundo do homem. E o que é o mundo do homem? Entendemos que o mundo do homem encontra sua manifestação na cultura de uma sociedade. E, acerca de cultura, Benveniste (1963/1995) também traz sua definição, considerando-a como um conjunto complexo de representações organizadas por um sistema de relações e de valores, expresso na e pela linguagem.

Isso fica claro para nós quando lemos: “A linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente.” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 24). Destacamos a palavra “inculcada”, usada pelo linguista. A que ela nos leva? Que sentidos traz para nossa concepção da tríade proposta? Percebemos o sentido de direcionamento imposto por alguém, por um outro, ou seja, “inculcar a linguagem nas crianças pequenas” representa o agir da cultura, capaz de direcionar, na percepção dos elementos vocais emitidos pelo outro, sentidos e empregos, garantindo a inserção da criança no mundo do adulto, no “mundo dos homens”, já que o domínio da cultura deriva de valores, de sistemas de valores que se imprimem na língua, a qual carrega consigo “toda uma série de dados herdados” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22). Essa mesma ideia está presente também em outro texto, em que o linguista afirma: “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). Entendemos que com “a linguagem ensina a própria definição de homem” Benveniste faz referência ao aparato cultural necessário e presente nos atos enunciativos por meio dos quais a criança se insere na língua e se constitui como sujeito de/na linguagem, atrelada ao outro.

No entanto, nessa vivência, a criança se depara com o hiato existente entre semiótico e semântico; entre língua e discurso. A vivência desses dois modos distintos de significação,

mobilizados na enunciação, constitui a experiência da criança na linguagem, que, afinal, é a experiência da significação. Nessa experiência, o signo, unidade semiótica, é reconhecido como significante na relação que a criança vive com o outro. Mas somente no engendramento do discurso é que ela entra no mundo da “língua como produtora de mensagens” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 65), e esse mundo necessita ser compreendido e não apenas reconhecido. Sendo assim, acreditamos que a experiência da criança na linguagem se caracteriza pelo deslocamento que constitui a língua-discurso e que permite à criança instaurar-se como sujeito do seu dizer. Em sua experiência de aquisição da linguagem, o locutor percebe, segundo Benveniste (1964/2005), a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos em contraste com o número restrito de elementos empregados. Dessa forma, realiza-se o mover da criança na linguagem: pelo discurso, no exercício da linguagem em todas as situações, reconhece o signo sob a espécie de “palavra”: “o signo é a unidade mínima da frase susceptível de ser reconhecida como idêntica num meio diferente, ou de ser substituída por uma unidade diferente num meio idêntico” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 140).

E, na experiência da linguagem, interessa-nos especificamente o papel do aspecto vocal da enunciação. Por isso, perguntamo-nos: que papel o aspecto vocal da enunciação exerce na experiência da criança na linguagem? Para responder a essa questão, contemplamos, inicialmente, um trabalho mais recente de Silva, em parceria com Stumpf (2012), *O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança*, o qual apresenta uma reflexão enunciativa sobre a aquisição da linguagem a partir da leitura que as autoras fazem de *O aparelho formal da enunciação*. Nesse trabalho, dá-se relevo aos aspectos da enunciação e à sua relação de interdependência com o quadro figurativo. As autoras discutem como a criança se apropria da língua e emprega índices específicos e procedimentos acessórios nas suas enunciações e metaenunciações. Com esse objetivo, afirmam: “A realização vocal da língua põe em cena a singularidade da enunciação, que é única a cada vez que um locutor oraliza a língua para o outro, por meio de índices e de procedimentos acessórios.” (SILVA; STUMPF, 2012, p. 124). As autoras também entendem que, além da realização vocal, a semantização da língua torna possível relacionar os procedimentos acessórios ao mecanismo de escolha, de diversificação e de engendramento das formas da língua, o qual tem relação com as grandes funções sintáticas de interrogação, de intimação e de asserção.

A partir de tal concepção, acreditamos que, em nossa investigação, a especificidade do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição da linguagem será revelada por meio de procedimentos sempre únicos que, de um lado marcam a relação da criança com as vocalizações

que emite e, de outro, singularizam sua enunciação a cada vez que a língua é convertida em discurso.

Nesse sentido, as mesmas autoras se posicionam:

mesmo sem se apropriar das formas da língua, já que está em processo de aquisição, acreditamos que a criança parece sustentar seu apelo ao outro via entonação, marcando ora um sentido interrogativo para suscitar a resposta do outro via elementos da realização vocal (prosódia, entonação e ritmo), ora incitando o outro à ação via um sentido por vezes de intimação, por outras de asserção. De modo análogo, parece ser “capturada” pelo discurso do outro devido às marcas entonacionais desse discurso, que busca fazer com que ela preencha um lugar enunciativo, respondendo a perguntas, agindo a partir de ordens etc. (SILVA; STUMPF, 2012, p. 125).

Com essa análise, Silva e Stumpf (2012) elegem procedimentos concernentes à realização vocal da enunciação da criança como necessários à aquisição, entendendo-os como procedimentos acessórios, na concepção benvenistiana do termo. Sendo assim, as funções sintáticas asseguradas pela mobilização de *arranjos vocais*, como a entonação, assumem papel de relevância na aquisição da linguagem.

A partir do que vimos em Silva (2009), podemos depreender que, no ato de aquisição, a criança entra em contato com o aparelho de formas fornecido pela língua e, ao apropriar-se desse aparelho em suas enunciações faladas, o faz de forma singular, tendo em vista, entre outros fatores, o fato de a realização vocal provocar uma atualização de tais formas atrelada às especificidades do ato e da situação enunciativa características do discurso marcado pelo *arranjo vocal* decorrente da mobilização dos elementos vocais convertidos em palavras. Embora as formas sejam as mesmas, a singularidade deve-se ao funcionamento da estrutura enunciativa, uma vez que há a mobilização da língua por uma sintaxe enunciativa na qual o aspecto vocal da enunciação tem o papel de engendramento de formas para produzir sentidos únicos, nas enunciações da criança e do outro, no jogo da *emissão* e da *percepção* de elementos vocais. Nessa relação entre *emissão* e *percepção*, atuam os elementos advindos do meio cultural como mobilizadores de sentido via aspecto vocal.

Vemos, com Silva e Milano (2013), que, antes de dominar as estruturas linguísticas de sua língua, a criança manipula contornos vocais em suas enunciações que, ao ouvido da mãe ou dos adultos que convivem com essa criança, são considerados como emissão de sentidos. As vocalizações que marcam o dizer da criança antes de ela apropriar-se das estruturas segmentáveis da língua são tomadas na relação com o outro da enunciação como sentido, o que faz com que esse outro reserve na enunciação o espaço para a criança se constituir como sujeito em seu discurso. Eis a porta de entrada da criança na experiência da linguagem. Ela se dá via reconhecimento, por parte do outro, da emissão vocal da criança na enunciação. É a

reversibilidade constitutiva do ato enunciativo que garante tal experiência, segundo Benveniste (1958/2005). Para o linguista, o contraste e a complementaridade que constituem a relação entre *eu* e *tu* se sustentam sobre a reversibilidade da enunciação: o adulto que se dirige à criança revestindo as emissões vocais dessa criança de sentido constitui-se como *eu* da enunciação, ao mesmo tempo em que garante à criança, por meio da reversibilidade, esse mesmo espaço de dizer para se fundamentar como *eu*.

Nessa relação, todo homem vive sempre o hiato entre o semiótico e o semântico. Na vivência dessas duas instâncias, constitui sua experiência de linguagem. Isso porque, como já apontado por Benveniste, a língua não nasce naturalmente com o homem. Isso só acontece via cultura, manifestada a cada enunciação, em que a língua se faz discurso por um ato de apropriação individual. Além de considerar que as emissões vocais carregam valores linguístico-culturais comuns a uma determinada língua, própria de uma sociedade particular, torna-se interessante considerar que o modo como cada locutor torna próprios esses valores marca sua experiência humana particular em suas enunciações, o que faz com que assumamos a aquisição do aspecto vocal como única para cada criança porque atrelada às relações intersubjetivas únicas que estabelece com os outros de seu convívio. Se são homens adultos que lhe inculcam o uso da palavra, essa palavra vem constituída por elementos vocais que lhe são inculcados. No entanto, a cada enunciação, o homem torna também própria sua relação com o aparelho vocal da enunciação. Com isso, a criança se move do geral para o específico e vice-versa, marcando sua experiência na linguagem.

Sabemos que a criança nasce e imediatamente vivencia a realização vocal, sua voz se revela presente desde sempre, mas ainda cindida com a palavra. A experiência na e pela linguagem é anunciada pela realização vocal, pois ela diz respeito ao lugar que a criança ocupa na relação com o outro, via intersubjetividade. Esse lugar, inicialmente, se garante pelos *arranjos vocais*, uma vez que o outro semantiza a materialidade fônica emitida pelo bebê ainda no berço, apesar da falta da palavra. A falta da palavra é preenchida pelo outro no quadro figurativo da enunciação em que o *eu* suscita do *tu* uma resposta. Essa resposta é marcada pelo conjunto de valores que compõe a cultura do mundo dos homens, do mundo dos adultos. O lugar enunciativo, portanto, na aquisição da linguagem, é garantido pela realização vocal da enunciação manifestada na frase, realidade da linguagem em ação. Essa realidade se configura em modalidades que unem a criança ao outro da enunciação por meio de interrogações, intimações e asserções. Mas isso só é possível em função da relação de reversibilidade que caracteriza toda enunciação e que impele a criança a constituir-se como sujeito da linguagem: rompe-se, via discurso, o mundo selado do signo, que passa a ser atualizado em palavra. Essa

é a experiência da linguagem, a qual não se encerra num determinado período cronológico que poderia marcar, como pensam alguns, o período de aquisição da linguagem. Essa experiência é vivida a cada vez que o locutor se torna sujeito, em todas as vezes em que o locutor se apropria da língua e atualiza sentidos, e mobiliza sentidos em situações particulares de uso dos signos. Essa experiência se instancia na realização vocal, mesmo quando, na falta das formas segmentáveis da língua, já se mobilizam sentidos por meio dos *arranjos vocais*, pois é o próprio fundamento da historicidade do ser humano. A realização vocal tem o poder de evocar sentidos, de tornar o dizer diferente do dito, de marcar a passagem da língua ao discurso e de possibilitar o acesso ao simbólico da linguagem desde o início da história de vida do ser humano.

Por essa razão, entendemos *aquisição* como uma experiência de significação, uma experiência de apropriação da língua no discurso, na qual a realização vocal exerce papel fundamental, conforme explicitamos no parágrafo anterior. Logo, o sujeito da linguagem é um ser inacabado, o qual se constitui e reconstitui a cada enunciação, a cada vez em que ele vivencia o hiato entre língua e discurso, a cada ato enunciativo, no qual seu empreendimento na mobilização da significação revela sua história. Se o homem tem acesso ao semiótico, é pela língua-discurso, já que o universo semiótico é fechado. Como não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventar sozinho, a linguagem tem sido sempre inculcada nas crianças em relação ao que se tem chamado realidades definidas como elementos de cultura. É com essa realidade que a criança se depara quando se encontra imersa na língua-discurso, lugar de apreensão, conforme Benveniste (1968/2005), dos rudimentos de uma cultura inscritos na língua que comparece nos discursos.

Assim, a aquisição da linguagem é concebida por nós como experiência e isso nos afasta de uma visão de aquisição marcada por estágios de desenvolvimento ou períodos cronologicamente definidos. Pelo contrário, ela se atualiza, se reinventa no decorrer da história de enunciações do locutor, mas está sempre presente na linguagem humana, já que tanto a criança como os outros estão modificando suas relações com a língua, questão corroborada por Benveniste (1968/1989, p. 18) quando afirma que “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida”.

E justamente por isso o sujeito da linguagem é sempre um ser inacabado, sua história será a história de suas enunciações, a qual está sempre por se fazer, no ainda de tudo o que não se disse, mas se tem a possibilidade de se dizer, na virtualidade da língua que tem existência na realidade de discurso. Acreditamos, portanto, que a criança, em sua relação com o outro, entra em contato com as formas da língua e as atualiza mobilizando sentidos, e, nessa mobilização, as operações decorrentes do aspecto vocal da enunciação influenciam sua linguagem e se

marcam linguisticamente em seu discurso, modalizando o seu dizer numa atualização constante. Mas como se dá essa atualização? Como se origina e como se mantém na constituição da criança em sujeito do seu discurso? Que rudimentos culturais impressos na língua-discurso asseguram a instauração da criança em sua língua materna? Que mecanismos vocais inscrevem a criança em sua língua-discurso?

2.1 O aspecto vocal da enunciação e a experiência da criança na linguagem: princípios enunciativos

A partir da leitura dos artigos de Benveniste e de trabalhos que também se apoiaram na visão de linguagem desse linguista, apresentamos, nesta seção, princípios norteadores para a abordagem do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Nosso objetivo é delinear um aparato teórico pautado nesses princípios que nos guie na abordagem do tema.

A inserção da criança no mundo/na cultura se dá via discurso, ou seja, pela vivência de experiências marcadas por enunciações. Para a criança constituir-se como sujeito do seu dizer e se historicizar na linguagem, ela precisa ocupar lugares na enunciação por meio de operações da realização vocal da língua. Temos clareza de que as primeiras enunciações com as quais a criança tem contato, desde seu nascimento, são as enunciações faladas, consideradas por nós como um fenômeno específico de atualização da língua e, por sua vez, representativo da descontinuidade existente entre língua e discurso, semiótico e semântico e constituído na dependência dos aspectos da enunciação apresentados por Benveniste (1970/1989): aspecto vocal, semantização, quadro formal. Ou seja, a criança, ao assumir ou ao ser assumida como alguém que diz, que evoca sentidos, está se historicizando de forma singular, dada a maneira como assume a sua língua e se singulariza por ela. No entanto, traz, em suas enunciações, vestígios da língua-discurso, do outro, representante da cultura na qual ela está imersa desde antes de seu nascimento. Essa cultura é revelada nos diferentes empregos da língua, caracterizados por atualizações decorrentes, inicialmente, na história de vida da criança, da realização vocal da língua em instâncias enunciativas.

Nessa experiência, a criança, logo ao nascer, brinca com os sons de forma indistinta, pelo seu balbucio. Esse balbucio é abandonado à medida que o seu dizer passa a ser semantizado pelo outro. Acerca desse abandono, encontramos em Jakobson (1968) uma ampla explanação. Em nossa pesquisa, no entanto, vemos esse fenômeno como resultado da ação da cultura constituinte da língua, a qual se encarrega de filtrar os sons produzidos pela criança, de tal forma

que ela passa a produzir apenas aqueles sons pertencentes à língua em uso, os quais servem à mobilização de sentidos autorizados na relação com o outro, que lhe “inculca” modos de agenciamento de formas, afinal, é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. Para realizar esse propósito que é tão fundamental para o humano que chega a confundir-se com a própria definição de homem, muito mais do que aprender uma língua, a criança aprende o mundo dos homens. Nesse mundo, há um modo de comunicar institucionalizado, o qual se revela, em parte, no aspecto vocal da enunciação manifestado no dizer do outro com o qual a criança se relaciona na enunciação.

No ato efêmero da enunciação, segundo Benveniste (1970/1989, p. 83), o locutor faz uso de “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram”, trazendo à discussão o conceito de significância, o qual está intimamente relacionado à noção de “interpretância”, uma vez que a língua categoriza e interpreta todos os demais sistemas, inclusive ela mesma. E é justamente por essa propriedade que a língua “constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 63).

A criança vive essa experiência no seio familiar desde cedo e, portanto, é capaz de mobilizar o aspecto vocal da língua em suas enunciações mesmo quando ainda não enuncia formas linguísticas coincidentes às do adulto em suas regularidades fônicas. É no exercício da frase, marcada pela realização vocal da língua na enunciação, na relação de *emissão* e de *percepção* dos elementos vocais, que a criança se singulariza na sua experiência de significação em meio ao mundo de significações que a rodeia e que se constitui a partir de valores culturais.

Essa é a manifestação da cultura enquanto conjunto de valores. Há, portanto, na aquisição da linguagem, uma relação de ausência *versus* presença constante e permanente, desde o nascimento. Segundo Silva e Stumpf (2012, p. 127), “Antes de querer significar o mundo ou correferir pelo discurso, o que é relevante para a criança, de início, parecer ser essa relação prazerosa com os sons a que se entrega diante da sustentação do outro”. Pensar nesse estatuto no ato de aquisição da linguagem nos leva a pensar na relação da criança com o adulto via discurso, uma vez que é do adulto que provém a institucionalização de valores linguístico-culturais pelo viés da linguagem.

A realização vocal da língua como um aspecto da enunciação atrelado à semantização e ao quadro figurativo, portanto, é constitutiva do jogo simbólico construído no indivíduo desde o seu nascimento. É a *emissão* e a *percepção* dos elementos vocais carregando a linguagem, pois emissão e percepção não são fenômenos puramente fisiológicos; as unidades vocais emitidas e percebidas encontram seu destino na relação simbólica homem-linguagem-cultura,

na qual as vocalizações da criança são revestidas de sentido na relação com o outro, possibilitando que as entendamos como manifestação da realização vocal da enunciação, uma vez que mobilizam sentidos únicos e particulares.

Entendemos esse estatuto como o primeiro princípio que marca o papel do aspecto vocal na experiência da criança na linguagem: *Na relação intersubjetiva, o aspecto vocal da enunciação carrega valores culturais impressos na língua, os quais possibilitam a experiência singular da criança na linguagem.*

Na relação intersubjetiva, faz-se presente o papel de *emissão* e de *percepção* dos elementos vocais da criança e do outro, como forma de sintagmatização na enunciação. Vemos a mobilização do aspecto vocal no dizer da criança atrelada à emissão e à percepção das vocalizações do outro. Mas não é um movimento em direção única. Salientamos que a polaridade emissão-percepção enunciativa pode ser vista pelo modo como as referências são atualizadas no fio do discurso nas relações enunciativas entre *eu* e *tu*. Além disso, é a realização vocal da língua na enunciação do outro, em geral, da mãe, que convoca a criança ao sentido, semantizando suas vocalizações, mesmo quando a língua ainda não está explícita na manifestação da criança. A percepção empreendida pelo outro pode ser entendida como um fenômeno que conduz a criança à passagem de não falante a falante e de locutor a sujeito. É pela percepção do outro que ela abandona a condição de *não falante* e vive sua experiência de linguagem, o que significa mover-se no mundo simbólico à sua volta, por meio da realização vocal da língua, mobilizando *arranjos vocais* singulares.

Na relação mútua de *emissão* e *percepção*, a criança, desde muito cedo, tem consciência do seu poder vocal, capaz de mobilizar os que se encontram em seu entorno. Essa consciência, certamente, resulta da mobilização do aspecto vocal da enunciação na relação com o outro, uma vez que a criança passa, aos poucos, a responder às emissões vocais daqueles que com ela convivem. Isso porque o homem constitui-se vivendo em sociedade e nela exercendo sua faculdade de simbolizar, por meio da linguagem, o que se efetiva a cada ato enunciativo, a cada vez que mobiliza aspectos vocais, construindo sentidos e unindo duas existências, tal qual afirmou Benveniste (1963/2005, p. 30): “torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua”. Acessar o mundo à sua volta, portanto, é uma necessidade para a criança mover-se nesse mundo, e isso só acontece na relação simbólica vivida com e na língua, o que acontece em atos enunciativos e vai constituir a experiência da criança na linguagem.

Nessa relação intersubjetiva, constituída sempre por meio de frases, destacamos o aparelho de funções sintáticas referido por Benveniste, uma vez que é por meio de interrogações, intimações e asserções que, em geral, o adulto convoca a criança a ocupar seu lugar na linguagem. Assim, vemos as grandes funções sintáticas de interrogação, intimação e asserção, as quais refletem, segundo Benveniste (1970/1989), comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso. Cremos que o aparelho de funções sintáticas se constrói e se revela via arranjos do aspecto vocal. Para Benveniste (1964/2005), a asserção, a interrogação e a intimação refletem três comportamentos fundamentais do homem no discurso em sua relação com o outro, o que leva o autor a entendê-las como funções inter-humanas que trazem, na enunciação, o sentido e a referência dos discursos vocais. São justamente essas duas propriedades da frase que tornam possível a experiência da aquisição da linguagem: o sentido traz a noção de significação atrelada à noção de referência a uma determinada situação.

A mobilização do aspecto vocal da enunciação imprime ao modo de dizer do locutor sentidos específicos que se convertem numa sintaxe enunciativa capaz de realizar as funções de asserção, interrogação e intimação, com as quais a criança se relaciona desde muito cedo, a partir da intersubjetividade constituinte de sua linguagem. Conforme já apontado, grande parte do conteúdo semântico que se apresenta ao bebê em seus primeiros anos de vida, ao menos em nossa cultura, chega até ele via interrogações da mãe, como convocações ao dizer, e isso se marca na realização vocal. O mesmo ocorre com a ordem, veiculadora de papéis sociais marcados no dizer, via aspecto vocal. É sabido o quanto, em nossa cultura, o modo de se dizer uma ordem marcado na realização vocal é capaz de veicular sentidos particulares e promover a relação com o outro de forma bastante íntima e intensa.

Ao viver tal experiência, como já afirmamos, a criança, logo ao nascer, explora as possibilidades de emissão vocal em seu balbúcio. A cisão entre som e palavra, no entanto, não pode marcar a história do homem, a qual inicia com a linguagem, com a palavra. Nunca encontramos, portanto, o homem separado da linguagem. Por essa razão, o papel de percepção das emissões vocais da criança pelo outro, por meio das relações simbólicas da língua, é imprescindível para a vivência dessa experiência, uma vez que da relação entre emissão e percepção dos *arranjos vocais* advém a possibilidade de significação. E é dessa relação também que advém a possibilidade de a criança se historicizar na língua-discurso, constituindo sua história de linguagem, uma vez que, em suas enunciações, ela se apropria dos elementos vocais da língua-discurso à sua maneira, imprimindo-lhes um caráter particular. Acerca disso, apoiamo-nos no dizer de Silva (2009, p. 247): “a criança, pela língua-discurso, constrói uma semântica particular, produzindo estruturas no uso, que se convertem em formas da língua na

relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*”. Defendemos a ideia, portanto, de que os arranjos do aspecto vocal da enunciação fazem parte da semântica particular característica da linguagem da criança, a qual permite a relação entre o semiótico e o semântico a cada enunciação. A criança, assim, nas relações enunciativas decorrentes da *emissão* e da *percepção* dos elementos vocais da língua, inscreve-se na língua-discurso, imprimindo à língua um caráter particular, o que revela, nos *arranjos vocais* da frase, uma relação direta da criança com a língua, com o outro, com a instância enunciativa.

Vemos nessas implicações o segundo princípio do aspecto vocal na experiência da criança na linguagem: *A emissão e a percepção dos sons da língua em relação na enunciação possibilitam a criança historicizar-se na língua-discurso, para fundamentar sua subjetividade na linguagem, ao se apropriar dos aparelhos de formas e de funções.*

Nesse trabalho de construção simbólica, lembramos Flores (2013b). Ao abordar a problemática do sujeito da enunciação a partir do conceito de sintaxe da enunciação, o autor afirma: “Afunilar o sentido, ou seja, enunciar é, vale repetir, em última instância, uma apropriação imaginária marcada no simbólico por operações singulares que integram a *syntaxe d’énonciation*.” (FLORES, 2013b, p. 119, grifo do autor). Apesar de o autor não focalizar, nesse trabalho, o aspecto vocal da enunciação, vemos na referência a “operações singulares que integram a *syntaxe d’énonciation*” a possibilidade de relacionarmos o afunilamento de sentido que representa toda enunciação aos arranjos que integram o aspecto vocal da enunciação. Por meio da relação singular entre forma e sentido, os *arranjos vocais* que caracterizam as línguas em geral se particularizam no discurso por um ato do locutor que deles se apropria e se torna sujeito do seu dizer. É esse sujeito que, por meio de *arranjos vocais*, mobiliza a língua e impõe um ritmo ao dizer que o singulariza. A singularidade enunciativa, então, nos limites de nossa pesquisa, se faz conhecer via aspecto vocal, por meio de *arranjos vocais* específicos mobilizados pelo locutor. Isso porque cada criança que nasce e vive no mundo dos adultos reproduz⁵ sua experiência a cada ato enunciativo. Sendo assim, a criança entra no mundo da linguagem não via sistema de signos, mas via discurso, o que acontece, precipuamente, por meio da realização vocal, constituindo, assim, sua história.

Com Benveniste vimos que, antes de tudo, a linguagem significa e que, para tanto, ela se realiza por meio de signos vocais que se organizam em palavras dotadas de sentido. Com

⁵ Destacamos, na perspectiva benvenistiana, a qual assumimos nesta tese, a importância do uso do prefixo “re” em “reproduz”, uma vez que ele aponta para o fato de que, embora as formas linguísticas sejam as mesmas, elas se revestem, a cada enunciação, de características renovadas, próprias de cada ato enunciativo, conforme raciocínio de Dessoins (2006).

essa proposição, o linguista apresenta uma outra maneira de se verem os fatos da língua, um outro domínio, a língua como semântica, resultante de “uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 230). O sentido, na acepção semântica, se realiza formalmente na língua pelo agenciamento de palavras, pela relação que elas exercem umas sobre as outras, diferentemente da acepção semiótica. Com o semântico, o linguista reconhece a entrada no modo de significância engendrado pelo discurso.

Dessa forma, vemos a criança vivenciar a singularidade enunciativa, a qual, de acordo com Benveniste (1970/1989), marca, em especial, a enunciação fônica, dada a diversidade das situações nas quais os elementos vocais são mobilizados. Entendemos que a instância enunciativa afeta o aspecto vocal da enunciação, mobilizando *arranjos vocais* específicos determinados pelo *aqui-agora*. Convocamos, nesse sentido, os conceitos de significação e de referência, os quais revelam a duplicidade de propriedades da frase. Para Benveniste (1970/1989, p. 84), “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo”, a qual só se realiza no cumprimento da necessidade, para o locutor, de referir pelo discurso, e, para o outro, de correferir. Assim, o autor afirma que o sentido da frase é a ideia que ela expressa, enquanto a referência é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou do fato a que ela se reporta, e, que, dessa forma, é imprevisível, não havendo possibilidade alguma de trabalharmos com modelos fixos.

Na experiência da linguagem, portanto, que é a experiência da significação, a criança atualiza a língua no aqui-agora da vivência enunciativa, o que a leva a revestir as formas da língua de *arranjos vocais* mobilizados no discurso sempre renovados, dependentes da relação entre *eu* e *tu*.

Posto está, então, nosso terceiro princípio: *Na experiência da criança na linguagem, ela vive a singularidade enunciativa via aspecto vocal, por meio de arranjos vocais específicos emitidos e percebidos, os quais constituem referência no discurso.*

Logo, os elementos vocais constituem sentidos particulares no modo como o locutor engendra as formas. Esse olhar para o discurso, para o uso do signo em frases, extrapola o próprio signo e convoca um outro olhar, um olhar para o funcionamento da linguagem, “na comunicação viva” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 140). No ato de aquisição, a criança, mesmo antes de dominar as unidades linguísticas fonemas, morfemas, lexemas/palavras, já se apropria da frase, concebida aqui, a partir de Benveniste (1964/2005), como unidade do discurso, o que confere a ela outro estatuto, completamente diferente daquele das unidades de cada nível de análise e, portanto, exige um olhar diferenciado do pesquisador, o qual não poderá buscar, no discurso, as mesmas relações que encontra na língua.

Há, na mobilização do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, o caráter derivado da noção de emprego da língua: a realização vocal reveste todas as formas da língua como uma espécie de invólucro possível de lhes afetar sobremaneira o sentido. Essa relação é tão viva que se revela capaz de apontar sentidos independentes das formas linguísticas mobilizadas, mas, ao mesmo tempo, pressupondo sua existência.

Os *arranjos vocais* mobilizados pela criança em suas enunciações, ao longo da sua experiência de linguagem, revelam operações que afetam as formas da língua e cumprem a função de integralizar essas formas no discurso, na totalidade da frase. Flores e Surreaux (2012, p. 86) veem nessa função determinadas relações às quais chamam de “ligação gramático-vocal-enunciativa”, já que as compreendem como decorrentes da concatenação entre os elementos segmentáveis da frase, o que coloca em evidência a transversalidade enunciativa sobre a qual se apoia o sentido no discurso.

Esse é nosso quarto princípio: *Os arranjos vocais do aspecto vocal da enunciação, em relação na emissão e na percepção, são integralizadores de formas para comunicar e evocar sentidos nas enunciações que constituem a experiência da criança na linguagem.*

Com esse raciocínio, descrevemos os princípios que regem o papel da realização vocal na experiência da criança na linguagem, os quais, em nosso trabalho, encontram-se imbricados numa convocação mútua e permanente. Para fins elucidativos, elencamos, no quadro a seguir, os princípios focalizados em nossa reflexão.

Quadro 2: A realização vocal na experiência da criança na linguagem

- | | |
|---|---|
| 1 | Na relação intersubjetiva, o aspecto vocal da enunciação evoca valores culturais impressos no discurso do outro, os quais possibilitam a experiência singular da criança na linguagem. |
| 2 | A <i>emissão</i> e a <i>percepção</i> dos <i>arranjos vocais</i> da língua em relação na enunciação possibilitam a criança historicizar-se na língua-discurso, para fundamentar sua subjetividade na linguagem, ao se apropriar dos aparelhos de formas e de funções. |
| 3 | Na experiência da criança na linguagem, ela vive a singularidade enunciativa via aspecto vocal, por meio de <i>arranjos vocais</i> específicos emitidos e percebidos, os quais constituem referência no discurso. |
| 4 | Os <i>arranjos vocais</i> do aspecto vocal da enunciação, em relação na emissão e na percepção, são integralizadores de formas para comunicar e evocar sentidos nas enunciações que constituem a experiência da criança na linguagem. |

Fonte: A autora (2014).

A esses princípios retornaremos no próximo capítulo, uma vez que eles sustentam a proposta de análise dos fatos enunciativos fundamentada na noção de “propósitos significantes sobre a significância”. Explicitar como esses princípios se manifestam na concretude dos propósitos evidenciados nos fatos enunciativos analisados é nosso objetivo no próximo capítulo.

3 O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO E A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA

Neste capítulo, dedicamo-nos a definir princípios metodológicos para tratarmos do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, os quais funcionam como base para configurarmos os procedimentos de coleta, de transcrição e de análise dos fatos enunciativos com que trabalhamos. Nessa incursão, pautamos nossos princípios na orientação enunciativa já abordada na fundamentação teórica deste trabalho, uma vez que se torna possível derivarmos, a partir do que propõe Benveniste em *O aparelho formal da enunciação*, uma metodologia de trabalho em enunciação. Além disso, vemos, no exercício da coleta, da transcrição e da análise dos fatos, a convocação do conceito de interpretância (BENVENISTE, 1969/1989), segundo o qual, a língua é o sistema interpretante de todos os demais sistemas, inclusive, dela mesma. Entendemos, em nossa metodologia, que, ao investigarmos o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem, ocupamo-nos de relações de interpretância, entendendo esse trabalho como a metassemântica anunciada por Benveniste (1969/1989), a ser construída sobre a semântica da enunciação. Ao afirmar que a ultrapassagem da noção saussuriana do signo se daria por duas vias, sendo uma delas a “análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso”; e a outra, a “análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67), o autor deixa suspensa a questão. Logo, mais uma vez, enveredamos pelos caminhos benvenistianos para buscarmos explicitar de que forma esses conceitos de metassemântica e de análise translinguística se revelam potencial em nossa pesquisa.

Ao definirmos a linguagem da criança como objeto de interesse e assumirmos nossa pretensão de investigar a aquisição da linguagem pelo viés enunciativo, convocamos a tríade homem-linguagem-cultura como sustentação da proposta por nós apresentada. Sendo assim, vemos a aquisição da linguagem como o mover da criança, por meio da vivência de experiências enunciativas, nesse meio cultural que é o mundo dos homens. Ao propormos uma metodologia de pesquisa que procure dar conta desse amplo fenômeno, entendemos que vamos além das marcas da enunciação no enunciado, entendemos que atingimos a primeira via apontada por Benveniste, que é a dimensão da significância, do discurso, mas vamos além dela, chegando à segunda via. Entendemos que o linguista (1969/1989, p. 67), ao referir a “análise translinguística dos textos, das obras”, autoriza que pensemos o prefixo “trans” como veiculador do sentido de “através”: através da Linguística, chegamos à análise de realidades

tradicionalmente concebidas como exteriores ao universo de estudos linguísticos. Como afirma Ono (2007, p. 135), a análise enunciativa é, assim, ampliada para as “atividades significantes dos homens em sua interação social”. Para dar conta desse universo, Benveniste propõe a elaboração de uma metassemântica, ou seja, a relação existente entre semiótico e semântico, que se configura na enunciação, passa a servir para análises mais amplas, como a que propomos acerca das especificidades do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem.

Na análise dessa experiência, apoiamo-nos na semântica da enunciação, o que nos leva a entender o trabalho de análise por nós realizado como uma metassemântica, tal qual ela foi apontada por Benveniste (1969/1989). A metodologia por nós adotada, portanto, leva em conta as relações existentes entre: a) língua e discurso, visto ser no discurso que os signos da língua, genéricos, são utilizados como palavras, assumindo sentidos particulares e circunstanciais; b) língua e sociedade, já que o locutor, pelo ato de enunciação, mobiliza a língua para interpretar o mundo à sua volta na relação que estabelece, via linguagem, com esse mundo e com o outro da enunciação, pautado nas possibilidades que se abrem a partir do fato de a linguagem ser a “atividade significativa por excelência” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 223); c) *emissão e percepção* dos elementos do aspecto vocal da enunciação, nas relações intersubjetivas que constituem a enunciação. No centro dessa experiência, portanto, estabelecemos a relação entre homem, linguagem e cultura, como já explicitado no primeiro capítulo do desenvolvimento. Logo, o que estamos propondo é uma investigação translinguística, porque não ficamos nos limites da língua como objeto de análise; apropriamo-nos das análises linguísticas para buscar entender um fenômeno maior: a aquisição da linguagem, o que, para nós, configura a análise translinguística referida por Benveniste.

Nosso papel de pesquisador da experiência da criança na linguagem realiza-se, dessa forma, por meio da vivência de nossa própria experiência de dizer sobre o dizer dessa criança, o que, para nós, revela-se também como uma experiência de linguagem, manifestada nos atos de coleta, transcrição e análise dos fatos enunciativos. Segundo Normand (2009, p. 181), o estudo enunciativo “depende menos de uma análise linguística do que de um comentário de texto cada vez particular”. A que tipo de comentário se refere Normand? A autora explica que esse comentário se apoia na descrição semiótica, a dos marcadores da enunciação, pertencentes ao sistema da língua, mas com a propriedade específica de atualização no *aqui-agora* da enunciação. Assim, a análise do semântico configura-se com a associação de uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação particular de cada enunciação. No entanto, trata-se de uma interpretação, sem a pretensão de se captar o sentido por completo,

pois trabalhamos com a certeza de que, conforme afirma Teixeira (2012, p. 71), “o ato de linguagem comporta um enigma que não tem como ser totalmente decifrado”. Trabalhamos, então, com a parcialidade que representa nossa investigação frente ao fenômeno amplo e complexo que é a linguagem.

3.1 Princípios metodológicos para o estudo do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem

Quando nos propomos a realizar uma investigação acerca das especificidades do aspecto vocal da enunciação reveladas no ato de aquisição da linguagem, deparamo-nos com a necessidade de definir aspectos metodológicos coerentes aos princípios enunciativos com os quais trabalhamos. Conforme já mencionamos na fundamentação teórica, Benveniste (1970/1989) fornece orientações preciosas acerca de tais princípios em *O aparelho formal da enunciação*. No início do seu artigo, o autor deixa claro que uma análise enunciativa envolve “uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82), e, com essa afirmação, acena para o fato de que um estudo pautado nos princípios enunciativos trabalha com a diversidade das estruturas linguísticas, o que impossibilita pensar em definições de estruturas *a priori*. A própria definição de enunciação, apresentada pelo linguista em *O aparelho formal da enunciação*, aponta para uma abordagem metodológica segundo a qual as regularidades não mais constituem objeto de análise, mas, sim, as singularidades produzidas pela individualidade posta em cena.

Em relação a isso, lembramos Hilgert, autor que, a partir da concepção de *status nascendi* do texto falado, destaca o seguinte:

eu (eu/tu) enuncia no tempo agora e no espaço aqui. Esse espaço e esse tempo estão na dependência do eu, na medida em que se definem pelo fato de neles ocorrer o ato da enunciação. Portanto, as categorias de espaço e de tempo na língua se definem a partir da categoria pessoa, e o eu-aqui-agora do ato da enunciação é ponto de partida para definir todas as demais relações de pessoa, de espaço e de tempo na língua. (HILGERT, 2007, p. 70, grifos do autor).

Com base nessa constatação acerca da enunciação, trabalhamos em nossa análise sem definições de categorias *a priori* a serem investigadas nos dados colhidos, pois acreditamos que a “dependência do eu” referida por Hilgert impossibilita tal definição. Ao contrário, trabalhamos com as especificidades de cada situação enunciativa vivida pelo locutor, como experiência única e irrepetível que contribui para sua constituição humana na cultura que o cerca. Ultrapassamos a dimensão do semiótico para entrarmos na dimensão do semântico, a

qual, segundo Benveniste (1965/1989, p. 21) assim se revela: “A semântica é o sentido resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo”. Em nossas análises, portanto, deparamo-nos com o imprevisível, resultado dessa abertura da língua para o mundo.

Essa condição nos remete a outros princípios metodológicos definidos por Benveniste. Entre eles, destacamos os aspectos a partir dos quais ele propõe, em *O aparelho formal da enunciação*, o estudo do processo de enunciação. O primeiro deles é justamente a realização vocal da língua, marcada pelas diferenças entre uma experiência e outra originárias da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida (1970/1989). Em nosso estudo, a realização vocal passa a ser o dado observável, marcado pela singularidade de cada enunciação. Como segundo aspecto e apresentado pelo linguista como “maior”, o autor anuncia o mecanismo dessa produção, ou seja, a conversão individual da língua em discurso. Embora se trate de um outro aspecto, entendemos que ele se relaciona intimamente com a realização vocal, uma vez que vemos na mobilização da realização vocal o destino da palavra, o discurso; logo, estamos analisando a conversão da língua em discurso. Trabalhamos com uma análise que busca, em última instância, compreender como a criança, em sua manifestação linguística individual e subjetiva, mobiliza sentidos em sua relação com o outro, o que nos leva a princípios pautados pela intersubjetividade, constitutiva de toda enunciação. Por fim, o autor apresenta o terceiro aspecto, entendido como o quadro formal da realização enunciativa. Em nossa investigação, concebemos o aspecto vocal da enunciação como pertencente ao quadro formal da enunciação, uma vez que o entendemos como procedimento de acesso do locutor às formas da língua, das quais se apropria em sua enunciação. Não podemos, assim, em nossa análise, eleger um nível, uma ou outra forma linguística na qual nos deteremos, pois nosso objeto de estudo não se constitui de um elenco de formas linguísticas específicas. Como já explicitado em nossa fundamentação teórica, a realização vocal da língua como aspecto da enunciação realiza-se segundo o princípio da transversalidade enunciativa e afeta, portanto, a língua como um todo.

Para o estudo do aparelho formal da enunciação, Benveniste (1970/1989) propõe um princípio metodológico, segundo o qual devemos analisar sucessivamente o ato da enunciação, a situação em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização.

Movidos por esse fundamento, cremos, portanto, que o papel do aspecto vocal da enunciação deva ser entendido como constitutivo do ato executado pelo locutor que se apropria da língua por meio da enunciação: “forma sonora que atinge um ouvinte e suscita uma outra

enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84). Assim, consideramos o diálogo promovido entre a criança e o outro a condição de análise necessária para entender o ato de aquisição da linguagem no quadro figurativo. Nesse diálogo, a criança é assumida pelo outro como alguém que é capaz de significar pela linguagem. A existência do locutor é a exigência primeira na constituição do ato de enunciação. E sua existência depende da percepção do outro, o qual, a partir das emissões vocais da criança, mesmo quando elas ainda não são palavra, reveste-as de elementos simbólicos capazes de garantir uma relação que vai muito além da mera comunicação de dados objetivos, como fome, sede ou hostilidade, presentes na voz animal. O simbolismo que reveste as vocalizações da criança na relação com o outro é responsável pela historicidade humana, na qual a criança vive sua experiência de dizer. O ato de enunciação, portanto, só pode ser analisado se levarmos em conta essa relação intersubjetiva, na qual as vocalizações da criança comunicam sua singularidade.

Em relação à situação, a metodologia proposta por nós neste trabalho segue a ideia de que “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84). Assim, a aquisição da linguagem é a constituição, pela criança, dessa relação com o mundo via aspecto vocal da enunciação, o que se apresenta como uma experiência de significação. Tal relação constitui-se ao longo da trajetória vivida pelo homem, o que, nos parece, ser permanente. Entendemos que, ao se deslocar na cultura da qual faz parte, a criança, por meio da linguagem, apropria-se de um saber institucionalizado que marca a relação da língua com o mundo e que afeta o modo como ela se enuncia. Pensar nos elementos culturais, portanto, mobilizados pela realização vocal da enunciação é fundamental para entendermos a passagem vivida pela criança da condição de não falante a falante e de locutor a sujeito da enunciação.

O fundamento metodológico faz menção ainda aos instrumentos da enunciação. Em relação a eles, apresentamos o aspecto vocal revelado nos *arranjos vocais* operados pelo locutor no seu discurso, os quais se encontram, para nós, relacionados à noção de sintaxe enunciativa. Dessa forma, a metodologia que ora propomos se volta para *arranjos vocais* particulares a cada ato enunciativo, revelados na sintagmatização da frase. Esses arranjos nos interessam à medida que são capazes de revelar a relação forma-sentido instaurada a cada enunciação, o que coloca em destaque a figura do sujeito que emerge da enunciação, segundo interpretação de Flores (2013a). Por essa razão, não nos deteremos na descrição das formas que estão para além das unidades segmentáveis *per se*, mas na relação de sentido que elas mobilizam na instância enunciativa, constituindo as modalidades da frase de interrogação, de intimação e de asserção, as quais “refletem os comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso

sobre seu interlocutor” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 139). Na análise, o que está se observando é o sentido mobilizado pelo locutor que, via arranjos decorrentes da mobilização do aspecto vocal da enunciação, constitui a sintaxe do seu discurso e atinge, pelo seu dizer, o outro. Fugimos de uma análise metodológica quantitativa, construída sobre a precisão matemática e mecanicista dos fenômenos da linguagem. Quanto a essa questão, lembramos Meschonnic (1982 a, p. 17), com sua “crítica do ritmo”, segundo a qual o ritmo na linguagem tem sido estudado de forma tecnicista pelos especialistas do verso. No entanto, lembra o autor, não pode ser dessa forma, pois a ciência da linguagem deve ser estudada diferentemente do modo como se estudam as ciências exatas ou as ciências da natureza, uma vez que ela representa uma metalinguística. Por isso, ao trabalharmos com a realização vocal da enunciação, nos aproximamos da orientação de Meschonnic (1982), segundo a qual uma teoria da linguagem implica uma teoria da sociedade.

Apresentamos, na sequência, por uma questão de organização e direcionamento da leitura de nosso texto, um quadro-síntese dos princípios metodológicos discutidos anteriormente e que alicerçam a coleta, a transcrição e as análises dos fatos de linguagem que servem para reflexão de nossa tese.

Quadro 3: Síntese dos princípios metodológicos

- 1 Uma pesquisa na perspectiva enunciativa aquisicional trabalha com unidades de distintos níveis linguísticos que emergem na enunciação, o que impossibilita pensar, para fins de estudo, em escolha de formas e estruturas *a priori*.
- 2 A especificidade do aspecto vocal define-se em relação aos dois outros aspectos da enunciação, semantização e aparelho formal.
- 3 O aspecto vocal da enunciação realiza-se segundo o princípio da transversalidade enunciativa e afeta, como um constituinte integralizador da frase, as unidades apropriadas dos distintos níveis e constituintes da frase, na comunicação intersubjetiva e na evocação de sentidos na relação de emissão e percepção.
- 4 O papel do aspecto vocal é constitutivo do ato enunciativo, executado pelo locutor que se apropria da língua por meio da enunciação: “forma sonora que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno”. O diálogo, portanto, caracteriza os dados de análise.
- 5 O aspecto vocal da enunciação é responsável pela mobilização de sentidos particulares na busca empreendida pela criança de uma “certa relação com o mundo” a cada emprego de língua. Sendo assim, na análise, considera-se a situação enunciativa na qual os discursos emergem.

Fonte: A autora (2013).

Definidos os princípios metodológicos que nos movem na análise, empreendemos esforços na tentativa de elucidar de que forma tais princípios se manifestam na atividade de coleta dos fatos enunciativos com os quais trabalhamos.

3.2 Da coleta de fatos enunciativos da experiência da criança na linguagem

Trabalhamos com a pretensão de captar, por meio da coleta, fatos enunciativos da experiência da criança na linguagem que possam nos revelar as especificidades do aspecto vocal da enunciação; no entanto, sabemos que nossa pretensão não será jamais satisfeita por completo, em função, primeiramente, de acompanharmos apenas recortes dessa experiência vivida pela criança.

Optamos por usar a expressão “fatos enunciativos” e não “dados”, como comumente se usa em pesquisas que se valem do recurso da coleta. Nossa opção se deve à concepção de que o “dado” se converte em “fato” (FLORES et al., 2008, p. 40), mediante a ação do analista, o qual recorta o dado com base no seu ponto de vista específico. Tal qual um cinegrafista se posiciona para conseguir o melhor ângulo para suas filmagens, também o coletador recorta a realidade para seus fins específicos, guiado pelos seus propósitos investigativos.

Buscando alcançar esse objetivo, empreendemos uma coleta de fatos enunciativos com as seguintes configurações:

- a) Situações informais: as sessões de coleta se realizam num clima familiar, caracterizado por atividades domésticas, com a presença do pai, da mãe, de amigos da criança, a maioria adultos, e de outra criança, também amiga, de, aproximadamente, nove anos de idade. Também nós estamos inseridos no grupo de amigos. Além disso, em algumas sessões, contamos também com a presença de animais, com os quais a criança brinca livremente. Todos esses fatores contribuíram para que a criança, sujeito de nossa pesquisa, pudesse se manifestar com naturalidade e espontaneidade, mesmo sabendo ser observada. Acreditamos que, dessa forma, satisfazemos a necessidade de familiaridade do adulto em relação à cultura da criança, a fim de vencer a artificialidade da coleta em situações muito assimétricas. Certamente, na busca de satisfazer essa exigência, promovemos sessões de coleta em ambientes nos quais a criança se sentiria mais acolhida, como em sua própria casa, em meio aos seus brinquedos, na casa de amigos ou em locais que exploram a ludicidade. Essas situações influenciaram a coleta dos fatos enunciativos, uma vez que há mais ruídos, falas secundárias, mudança de espaços físicos durante as sessões de coleta. No entanto, preferimos trabalhar nessas condições com o intuito de garantir a naturalidade da enunciação da criança.

- b) Relações dialógicas: o diálogo constitui nosso recorte de análise, uma vez que, conforme já explicitado, o papel de escuta da voz da criança empreendido pelo outro e que suscita uma enunciação de retorno é fundamental para os fins a que nos propomos em nossa investigação. Sendo assim, as sessões de coleta apresentam diferentes configurações dialógicas: 1) criança – investigadora (desempenhamos o papel do *tu* da enunciação, ao mesmo tempo em que coletamos os fatos ou, em alguns casos, outras pessoas presentes na cena fazem a coleta enquanto ocupamos nosso espaço de dizer); 2) criança – mãe/pai (nessas situações, fazemos a coleta, mas sempre participamos do ato enunciativo para justificar nossa presença na cena da coleta); 3) criança – adultos amigos (coletamos os fatos, participando em alguns momentos do diálogo); 4) criança – criança mais velha (fazemos a coleta, mas também participamos da conversação das crianças, alimentando, muitas vezes, o diálogo, com novas informações e perguntas).
- c) Coleta longitudinal: a coleta longitudinal não tem o objetivo de apontar estágios ou períodos de desenvolvimento da aquisição da linguagem, como apregoam muitas teorias da aquisição. Pelo contrário, numa perspectiva enunciativa, como Silva (2009) já mostrou, a aquisição é vista como ato. Segundo essa concepção, a criança apropria-se da língua e é esse ato de apropriação que a instaura como sujeito em sua língua. Dessa forma, cada ato enunciativo configura-se a partir de uma singularidade, que diz respeito tanto ao sujeito como à situação enunciativa. Se cada ato é singular e se constitui no *aqui-agora* da enunciação, não vemos possibilidade de descrição de estágios de desenvolvimento, uma vez que as regularidades do sistema linguístico dão lugar às singularidades da enunciação. No entanto, como entendemos a aquisição da linguagem na tríade homem-linguagem-cultura, vemos uma relação da criança, constituída no simbólico da linguagem, revestida de valores culturais, com os sentidos construídos em alocações anteriores, conforme abordado por Silva (2009), capaz de ser resgatada num estudo longitudinal. Assim, a escolha por esse tipo de coleta está intimamente relacionada à tríade homem-linguagem-cultura, a qual nos motiva a olhar a realização vocal da enunciação como constitutiva do ato enunciativo e determinante na instauração do sujeito da enunciação como elemento único e particularizado na relação intersubjetiva na qual ele emerge. Entendemos que tal instauração se constitui a partir de determinadas mudanças características do mover da criança na linguagem, o que revela sua historicidade e caracteriza a experiência de aquisição da linguagem.

A criança cujos fatos enunciativos compõem nosso *corpus* é filha única de um casal classe média residente na zona urbana, falantes de língua portuguesa como língua materna. Durante o período de coleta, frequentou escola de Educação Infantil por três meses apenas. Seu convívio diário se dá com a família e com a sua cuidadora, com quem fica de segunda a sexta-feira, durante todas as tardes.

Ao definirmos o método de coleta de fatos enunciativos usado com o propósito de nos revelar a especificidade do aspecto vocal na experiência da criança na linguagem, sabemos que estamos diante da experiência da significação, a qual implica também a consideração de elementos que tradicionalmente a Linguística entendeu como substância extralinguística ou paralinguística. Nosso método de coleta, então, baseia-se na consciência que temos do poder interpretante da língua anunciado em *Semiologia da língua*: “A língua combina dois modos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro.” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64, grifo do autor). Ao coletarmos os fatos enunciativos da criança, deparamo-nos com essa realidade: ao mobilizar o aspecto vocal da enunciação, a criança se move no semântico, “no modo específico que é engendrado pelo DISCURSO” (p. 65, grifo do autor) e nesse mover vale-se da dimensão semiótica da língua, na qual o signo é reconhecido. Logo, como já afirmamos, a “língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66). Por essa razão, ao trabalharmos com a coleta dos fatos enunciativos, temos como centro do nosso interesse esse mover-se da criança entre as formas enunciativas e as formas da língua, uma vez que, segundo Silva (2012, p. 107), “É justamente a apreensão dessa dupla capacidade da língua que possibilita à criança engendrar as formas para produzir referências no discurso”. Posta está a dimensão intralinguística de nossa coleta; procuramos relacionar, na experiência da criança na linguagem, semiótico-semântico via realização vocal da língua na enunciação.

Porém, sabemos que a criança vive esse movimento entre semiótico e semântico na busca de cumprir, por meio da ocupação de seu lugar enunciativo na linguagem, sua condição social: reconhecer-se e ser reconhecida como parte do mundo dos homens, tal qual afirmou Benveniste:

A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 1963/1995, p. 31).

Para o autor, o simbolismo é o que une homem, língua e cultura. A partir dessa ideia, propõe o aprofundamento da natureza da linguagem, descobrindo as relações tanto com a inteligência como com o comportamento humano e com os fundamentos da cultura. Eis a dimensão translinguística concebida em nossa investigação. Com tal perspectiva, assumimos a coleta de fatos sob o viés enunciativo, o que, para nós, engloba os vestígios da cultura na experiência vivida pela criança na linguagem.

Partimos do princípio de que o aspecto vocal se marca na enunciação por meio de *elementos vocais integralizadores das unidades da frase*, constituindo, por meio de *arranjos vocais*, o engendramento de unidades. A esse respeito, Flores e Surreaux (2012) lembram os estudos de Barbosa (2010), segundo os quais, as funções linguísticas do ritmo, da entonação encontram lugar na perspectiva linguística enquanto fenômenos languageiros e comunicativos; os marcadores discursivos, atitudes, emoções e fenômenos ligados a fatores sociais e individuais teriam lugar nos estudos extralinguísticos e paralinguísticos. Flores e Surreaux (2012, p. 91) apontam para a possibilidade de se ver os fenômenos entendidos por Barbosa como extralinguísticos e paralinguísticos de outra forma, numa “perspectiva linguística – mesmo que não a clássica – entendida de um ponto de vista enunciativo”. É essa perspectiva sugerida pelos autores que assumimos em nosso trabalho; por essa razão, como já anunciamos, nossa investigação caracteriza-se por uma análise translinguística. Assim, os elementos decorrentes da realização vocal da língua na enunciação são vistos como constitutivos do ato de enunciação, uma vez que “estabelecem uma sintagmática na enunciação dos elementos segmentais, uma espécie de concatenação entre eles” (FLORES; SURREAUX, 2012, p. 87). Por essa razão, a coleta de fatos enunciativos não poderia se limitar ao verbal, o que nos levou a empreender uma coleta em formato audiovisual, possibilitando o acesso ao movimento corporal constitutivo da realização vocal da enunciação, uma vez que, com ele, a criança mobiliza sentidos particulares em sua enunciação.

As sessões de coleta variam em relação ao tempo de duração, sendo que algumas são bastante breves, enquanto outras ultrapassam 30 minutos de duração, em função da dinâmica enunciativa instaurada a cada coleta. Os intervalos entre uma coleta e outra também variam em função da disponibilidade da família, chegando, em alguns casos, a mais de 30 dias. Sendo assim, as sessões de coleta caracterizam-se pela captura de fatos enunciativos colhidos longitudinalmente, num período que vai dos dois anos aos dois anos e sete meses de idade da criança, conforme mostra, na sequência, o quadro de coletas.

Quadro 4: Sessões de coleta

Sessão	Data	Idade
1	13/6/2012	2; 0;19
2	30/6/2012	2;1;6
3	28/8/2012	2; 3;4
4	06/10/2012	2;4;13
5	28/10/2012	2;5;4
6	15/11/2012	2;5;21
7	27/12/2012	2;7;3
8	12/01/2013	2;7;18

Fonte: A autora (2013).

De posse dessa coleta, buscamos, na sequência, explicitar nossa metodologia de registro dos fatos coletados, a qual contribui para constituir o olhar que assumimos frente aos fatos enunciativos com os quais trabalhamos, uma vez que o fazemos à luz do conceito benvenistiano de interpretância.

3.3 Os registros da experiência da criança na linguagem: transcrição ou interpretação?

Temos consciência de que uma experiência na linguagem não poderá jamais ser registrada por completo, pois ela extrapola o âmbito do registro e se constitui na efemeridade do *aqui-agora* de cada enunciação.

Além disso, a atividade de transcrição, sem dúvida, é altamente influenciada pelo olhar interpretativo do transcritor sobre o fato coletado. Por essa razão, entendemos que a transcrição constitui um ato subjetivo, uma nova enunciação, marcada pelo agir do transcritor, conforme Silva e Endruweit (2011, p. 250):

O transcritor, ao se apropriar do aparelho formal de enunciação, institui-se como locutor para produzir referências e sentidos no discurso transcrito. Tais sentidos construídos pelo locutor-transcritor para o observável instanciam o teórico não presente na linearidade do discurso transcrito, mas constitutivo dele, já que está presente no transcritor um ponto de vista teórico *a priori* que prevê produção de referências, através de marcas específicas e comentários para elementos verbais e não-verbais contidos na cena. Esse ponto de vista teórico é criador do objeto transcrito.

Como uma nova enunciação, as marcas da transcrição, no dizer de Silva e Surreaux (2011, p. 294, grifo das autoras), “instanciam o caráter de *intersubjetividade* da enunciação (intersubjetividade na medida em que envolve um *eu* transcrevendo para um *tu*)”, uma vez que

o transcritor almeja constituir um dado como um fato que foi apreendido e que se revela possível de ser analisado para um outro ou para ele próprio em outro momento, quando desempenhará sua função de analista.

Entendemos, assim, com base em Silva (2009), que a transcrição dos dados coletados já representa uma etapa de análise desses dados. Em nossa fundamentação teórica, destacamos o papel de percepção do aspecto vocal da enunciação que o outro desempenha a cada enunciação. Ao pensar a atividade de transcrição, percebemos que também o transcritor desempenha o papel de percepção, com todas as implicações que esse papel traz, o que nos leva a pensar com maior cuidado ainda o método de transcrição, o qual, sem dúvida, precisa ser definido pelos princípios teóricos basilares da investigação enunciativa. Julgamos, dessa forma, ser muito difícil adotar um modelo de transcrição único ou definido previamente, já que nos depararemos com as singularidades de cada ato, de cada fato, o que exige uma decisão de registro sempre renovada por parte do transcritor. Para tanto, lembramos Flores (2006, p. 74) quando diz que “Cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível: é o efêmero”. De fato, a singularidade do ato enunciativo move a singularidade da transcrição.

Além disso, vislumbramos a complexidade dos dados com os quais trabalhamos. Nosso tema de investigação envolve as especificidades da realização vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Esse tema nos leva a observar fenômenos de realização fônica, nos quais os *arranjos vocais*, em sua materialidade, mobilizam sentidos particulares das formas linguísticas, mas também exigem que observemos a gesticulação, os movimentos corporais e faciais, uma vez que esses recursos também afetam o sentido na situação enunciativa. Em alguns casos, as formas da língua ainda não se encontram completas, e o sentido é garantido tão somente pela mobilização da realização vocal na particularidade de cada enunciação. O método de transcrição escolhido, frente a essa complexidade de informações, precisaria contemplar todos esses registros. Temos certeza de que, independente do método de transcrição escolhido, teremos apenas uma imagem representativa do fenômeno da enunciação falada e jamais conseguiremos resgatar toda a sua complexidade. Acerca disso, Silva e Surreaux (2011) trabalham com a ideia de que na transcrição perde-se a voz, restando um efeito da escuta do transcritor. Em nossa pesquisa, esse fato assume grande importância, uma vez que precisamos buscar recursos na transcrição para representar os *arranjos vocais* específicos de cada enunciação. Além disso, sabemos que a transcrição não é uma operação mecânica, mas uma tentativa de reconstituição das condições de produção do ato enunciativo. Nesse sentido,

a oralidade excede os limites da transcrição. A verificação do dado oral transcrito nas pesquisas revela a heterogeneidade de sua constituição, pois ora o discurso transcrito aparece com muitas marcas específicas, ora com poucas marcas, ora com comentários do transcritor e ora sem comentário do transcritor. (SILVA; ENDRUWEIT, 2011, p. 248).

Frente a isso, a transcrição por nós usada precisa dar conta de, por meio do registro escrito, marcar as manifestações dos *arranjos vocais*, tarefa que envolve a passagem do oral para o escrito, conforme estudo de Silva (2009). A autora, com base em Rey-Debove (1996), afirma que na atividade da transcrição há sempre um “resto”, uma vez que não se pode passar diretamente de um sistema para outro. E aí deparamo-nos com o conceito de interpretância proposto por Benveniste (1969/1989), segundo o qual a relação que se estabelece entre sistemas é de interpretante e interpretado.

Essa constatação, apresentada em *Semiologia da língua*, convoca à discussão as relações entre sistemas de signos, tema central para a atividade de transcrição. Nesse texto, o linguista (1969/1989, p. 51) mostra, a partir da ideia de que “utilizamos concorrentemente e a cada instante vários sistemas de signos”, um elenco de signos que marcam a vida social de todo indivíduo. Nesse elenco, Benveniste (1969/1989, p. 51) apresenta: “em primeiro lugar os signos da linguagem, que são aqueles cuja aquisição começa mais cedo, com o início da vida consciente; os signos da escrita;...” e segue sua lista de variados signos que marcam a existência humana e sua vida em sociedade. O que une todos os sistemas a que se refere e ainda os outros tantos existentes, segundo o autor, é a propriedade de significância de todos eles e a sua composição em signos, unidades de significância. O autor depreende dois princípios que dizem respeito às relações entre sistemas semióticos. O primeiro deles é o princípio de não-redundância entre sistemas, ou seja, não há sinonímia entre sistemas semióticos de base diferente. Deparamo-nos aqui com o que poderia ser um limitador para nossa atividade de transcrição: se, de fato, não se pode “dizer a mesma coisa” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53) pelo sistema oral e pelo sistema escrito, a transcrição a que nos dedicamos nesta investigação seria inatingível, uma vez que “O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação.” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53, grifo do autor). No entanto, salientamos que o argumento de Benveniste diz respeito a “sistemas semióticos de base diferente”, o que não se presta ao exame das relações entre sistema oral e sistema escrito, os quais encontram na língua sua mesma base. Acerca dessa questão, voltaremos mais adiante, por ora, apenas anunciamos a complexidade da questão, já apontada por Benveniste anteriormente nesse mesmo artigo: “Da escrita diremos nada aqui, reservando para um exame particular este difícil problema.” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51). Como segundo princípio

que rege as relações entre sistemas semióticos, o autor afirma que um mesmo signo pode fazer parte de dois sistemas sem caracterizar sinonímia, uma vez que o valor do signo só pode ser definido no sistema que o integra. Há, no entanto, entre os sistemas uma relação de natureza semiótica, “determinada primeiramente pela ação de um mesmo meio cultural, que de uma maneira ou de outra produz e alimenta a todos os sistemas que lhe são próprios”. Essa relação aponta para a possibilidade ou impossibilidade de autointerpretação, responsável pela existência de sistemas interpretantes e sistemas interpretados. E é justamente por essa condição que “a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos”: ela será sempre o sistema interpretante de todos os demais sistemas, inclusive dela mesma, pois “a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54; 55; 62).

Explicitada a situação particular que a língua ocupa no universo dos sistemas de signos, podemos ir além e buscar entender a que Benveniste se referiu quando afirmou que a escrita mereceria um exame particular. Encontramos esse exame particular nas notas manuscritas deixadas pelo linguista e organizadas por Coquet e Fenoglio em *Dernières Leçons* (BENVENISTE, 2012) e em cuja tradução, apresentada em *Últimas aulas no Collège de France*, publicada no Brasil (BENVENISTE, 2014), nos apoiamos. Na obra organizada, encontramos, no capítulo 2, *A língua e a escrita*, a discussão referida em *Semiologia da língua*. A partir de notas manuscritas de Benveniste, os organizadores apresentam a visão do mestre acerca dessa relação específica. O linguista apresenta um complexo raciocínio acerca da escrita, apresentando-a como “uma imagem da língua”:

A atividade completa na qual o locutor está engajado, esse comportamento tanto gestual quanto fonoacústico, essa participação do outro, de todos os outros, da totalidade dos parceiros possíveis nessa manifestação individual e coletiva, tudo isso é substituído por signos traçados à mão. (BENVENISTE, 2014, p. 129-130).

Não podemos deixar de identificar o trabalho de transcrição a que nos dedicamos na pesquisa com a descrição apresentada por Benveniste: de fato, temos a pretensão de substituir por signos traçados à mão toda a completude da atividade de enunciação, a qual envolve os *arranjos vocais* na experiência da criança na linguagem. Assim, em nossas transcrições, reservamos espaços para o “comportamento gestual”, uma vez que entendemos os gestos e os movimentos corporais e faciais como constitutivos dos *arranjos vocais* e temos necessidade de registrá-los em nossas transcrições. Fazemos esse registro por meio de comentários descritivos.

Benveniste (2014), em seus manuscritos, aprofunda suas ideias acerca da escrita, trazendo outras revelações sobre a questão: a escrita é vista pelo autor como uma forma secundária da fala. Essa visão benvenistiana baseia-se no princípio de que a escrita é uma autosemiotização da língua, uma vez que ela comporta as duas propriedades específicas do discurso: semiótica e semântica. A partir da ideia de sistema interpretante e sistema interpretado, Benveniste (2014, p. 79) afirma que a escrita permite à língua se semiotizar ela mesma, trata-se da “fala convertida pela mão em signos falantes”, uma vez que a relação estabelecida pelo aspecto vocal da língua por meio da escuta é retransmitida pelo sistema da escrita, o qual envolve o mecanismo interpretante do traçado das letras. Entendemos que é justamente essa a relação que vivemos na transcrição, ao passarmos do falado para o escrito: o papel do pesquisador, na função de transcritor é, inicialmente, o papel de percepção das emissões vocais, com toda a complexidade gestual e corporal que caracteriza as vocalizações com as quais ele trabalha. Na sequência, o mesmo transcritor passa à atividade de registro escrito dessas emissões vocais, o qual precisa ser lido pelas demais pessoas, a fim de que, de fato, a pesquisa possa se dar a conhecer. Na base desses dois processos, está a língua, o que nos leva a entender as relações possíveis entre a fala e a escrita. Para isso, retornamos ao *Semiologia da língua*, uma vez que é nesse texto que encontramos as possibilidades de relações entre sistemas semióticos. Para Benveniste (1969/1989), um sistema semiológico caracteriza-se pelo seu modo operatório, pelo seu domínio de validade, pela natureza e pelo número de signos, assim como pelo tipo de funcionamento. Quando pensamos na passagem do oral para o escrito, faz-se necessário que o modo operatório se modifique de auditivo para visual, o que implica um esforço grande do transcritor para buscar marcar os fenômenos característicos do sistema falado no sistema escrito ou iconográfico. Também os domínios de validade são diferentes: o falado é reconhecido na efemeridade de sua realização, enquanto o registro escrito se mantém válido no papel enquanto durar o registro; acreditamos que em relação à natureza, linguística, não há modificações, mas quanto ao número dos signos, sim, assim como quanto ao seu funcionamento: no falado, os fonemas funcionam em relação de oposição, enquanto no registro escrito esse papel cabe às letras e aos sinais iconográficos em geral. No entanto, esses sistemas mantêm relações entre si, as quais marcam o trabalho de transcrição a que nos dedicamos. Essas relações, baseadas na classificação de Benveniste (1969/1989, p. 61), atestam o que afirmou o linguista: “Um sistema pode engendrar outro sistema”.

Acreditamos que há, sim, entre eles, uma relação de engendramento, uma vez que se trata de “dois sistemas distintos e contemporâneos, mas de mesma natureza” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 61), entendida por nós como a natureza linguística. E, por fim, a relação mais

evidente: a relação de interpretância, referida por Benveniste nas notas traduzidas em *Últimas aulas no Collège de France* (2014), reveladora da capacidade de autosemiotização da língua. A escrita é, para Benveniste, a prova de que a língua se autosemiotiza, de que ela pode interpretar a si mesma. Ou seja, o que temos, essencialmente, tanto na escrita quanto na fala, são as propriedades da língua. No caso específico da transcrição, transposição da fala para a escrita, cumpre-se o que afirmou Benveniste (2014, p. 179): “Não teria sido possível refletir acerca da análise da linguagem falada se não se dispusesse dessa ‘linguagem visível’ que é a escrita.” De fato, para tomarmos consciência do aspecto vocal da enunciação em nossa investigação lançamos mão de recursos da escrita que se “revezam” em relação aos *arranjos vocais* mobilizados no discurso, realizando a “fala transferida” mencionada pelo linguista (BENVENISTE, 2014, p. 179).

Apesar de termos clareza de que as questões apresentadas nos manuscritos de Benveniste são ainda recentes no meio acadêmico e que ainda suscitarão muitas reflexões, acreditamos ser possível associarmos esse complexo e original raciocínio de Benveniste a respeito da escrita às ideias de Meschonnic (2008b) sobre a relação da voz e do registro gráfico. Segundo o autor, a escolha de determinados recursos tipográficos pode mostrar a relação entre o falado e o visual, levando a uma transformação da escrita capaz de revelar as marcas vocais do discurso. O autor discute a questão ao se referir ao trabalho da Poética; em nosso trabalho, há possibilidade de também buscarmos recursos gráficos para representar, ao menos de forma aproximada, o discurso marcado pelos *arranjos vocais* revelados na sintagmatização da frase.

Por essa razão, propomo-nos desenvolver uma metodologia de transcrição específica para os fins desta pesquisa, com o objetivo de dar conta do registro, se não de todas, ao menos de grande parte das especificidades que pretendemos marcar. Certamente, fomos influenciados por metodologias já existentes, de muitas delas tomamos emprestadas marcações e decisões de registros, em especial, as oriundas do trabalho de Silva (2009). Por outro lado, vimo-nos, muitas vezes, frente a fronteiras enunciativas que nos moviam a novos desdobramentos de transcrição definidos no *aqui-agora* do desvelamento dos dados. Sendo assim, optamos por usar as marcações apresentadas a seguir para registrar a transcrição dos fatos enunciativos analisados.

Quadro 5: Normas de transcrição

Procedimentos	Recursos de registro
Tons ascendentes	Letras maiúsculas
Tons descendentes	Sublinhado
Entonação de interrogação	Ponto de interrogação ?
Entonação de exclamação	Ponto de exclamação !
Alongamentos	Repetição da letra representativa do som alongado
Pausas breves, com duração de até 3 segundos	...
Pausas longas, com duração de mais de 3 segundos
Gesticulação, movimentos corporais e faciais da criança	Comentários descritivos do pesquisador em trilha específica para esse fim denominada “corpo” e relacionada à trilha da enunciação com a qual há concomitância com o sinal : Quando o sinal : não é usado, trata-se de gesticulação, movimentos corporais e faciais da criança realizados na sequência em que aparecem na transcrição, não concomitantes ao enunciado.
Concomitância entre a gesticulação, movimentos faciais e corporais e o enunciado verbalizado:
Interrupções bruscas do enunciado	/
Sobreposição de vozes	[
Silabação	- (sílabas separadas por hífen)
Entonação de fechamento de frase, marcada somente quando a situação exigir a explicitação de tal entonação na interpretação dos fatos	Ponto final .
Comentários contextualizadores	Comentários descritivos do pesquisador, em trilha específica para esse fim denominada “comentários”, em relação ao <i>aqui-agora</i> da enunciação que não envolvem gesticulação, movimentos corporais e faciais da criança

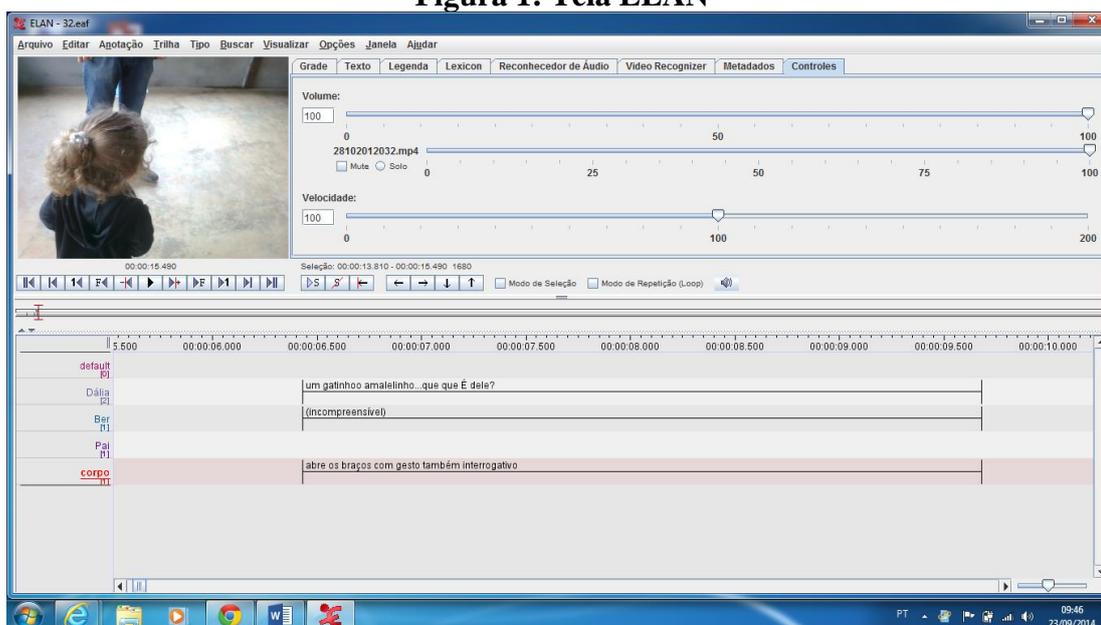
Fonte: A autora (2013).

Salientamos que a marcação dos fenômenos discursivos apontados encontra sua razão de ser na análise qualitativa a que nos propomos fazer da realização vocal da enunciação nos dados de linguagem da criança observados, para melhor entendermos a experiência da criança na linguagem numa perspectiva enunciativa. Logo, a marcação dos fenômenos é extremamente importante para nossa análise, pois nos pautamos nela para analisarmos a mobilização de sentidos particulares em cada ato enunciativo. No entanto, por não termos o interesse em desenvolvermos uma pesquisa quantitativa na busca de regularidades nos fenômenos discursivos, em nenhum momento apresentamos um quadro com números de fenômenos

percebidos em cada ato enunciativo ou período da história de enunciações da criança. Além disso, cabe destacar que, como não elegemos elementos *a priori* e o aspecto vocal envolve *elementos integradores dos constituintes da frase*, os quais evocam sentidos, os comentários do transcritor, como o que se encontra na percepção do vocal, poderão trazer elementos importantes para a análise, nesse gesto de interpretação do transcritor.

Nesses registros, contamos com o apoio do *software* Eudico Language Annotator (ELAN), denominação usada para identificar um recurso tecnológico desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, na Holanda, que permite a criação, edição, visualização e busca de anotações através de dados de vídeo e áudio. O *software* livre pode ser obtido em <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>. A escolha por esse *software* se deve a várias razões. Destacamos, entre elas, o fato de que ele permite a associação da transcrição e de quaisquer outras anotações que o pesquisador julgar necessárias a trechos dos vídeos, o que contribui para a representação do fato enunciativo. Isso porque o recurso audiovisual permite recuperar, ao menos em parte, o ato de enunciação, o qual é revivido pelo pesquisador, ao mesmo tempo em que é apresentada a sua interpretação para os fatos enunciativos eleitos para análise, por meio da transcrição pelo registro escrito e das anotações de comentários já indicativos de uma análise a se realizar, como percebemos na tela a seguir.

Figura 1: Tela ELAN



Fonte: Max Planck Institute for Psycholinguistics.

No alto da tela, encontra-se o arquivo em audiovisual; na parte de baixo da tela, é possível visualizar os registros por nós inseridos, a partir de nossa escolha metodológica, os quais dizem respeito a:

- a) outro (mãe, pai, Ber, Mar, tio) – enunciado proferido por alguém que desempenha o papel do outro na enunciação em relação à criança sujeito da pesquisa;
- b) Dália – enunciado proferido pela criança sujeito da pesquisa;
- c) corpo – registros do pesquisador que dizem respeito à gesticulação, aos movimentos corporais e faciais da criança, constitutivos da realização vocal da enunciação;
- d) comentários – registros do documentador em relação ao contexto situacional da enunciação, os quais não dizem respeito aos movimentos corporais, faciais ou à gesticulação da criança.

Além da possibilidade de termos numa mesma tela todas essas informações, é importante ressaltar o recurso de seleção de trechos escolhidos pelo pesquisador, os quais podem ser rapidamente acessados, sem a necessidade de se assistir a todo o vídeo a cada vez que se pretende analisar um fato. Com o uso do ELAN, podemos também exportar as transcrições e anotações realizadas em diferentes formatos e com diversas informações, inclusive como documentos de texto, conforme demonstramos, a seguir, na figura 2.

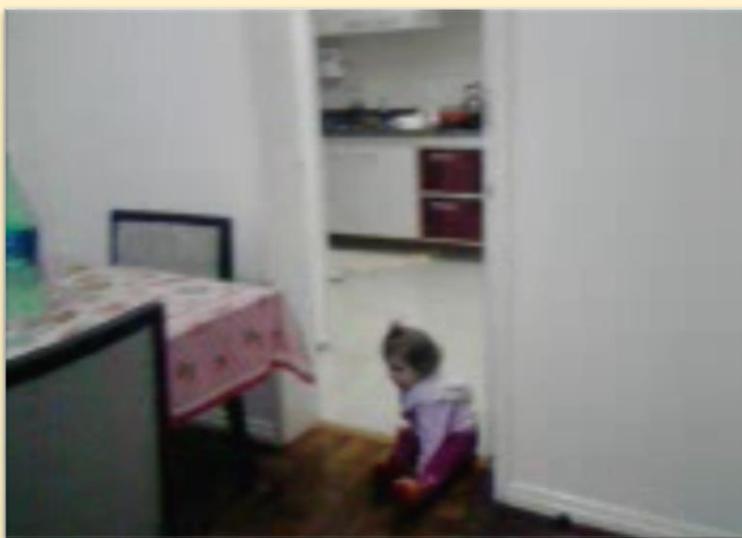
Figura 2: Normas de transcrição aplicadas a um recorte enunciativo

Participantes: Dália, Ber, Mar, mãe

Data da coleta: 13/06/2012

Idade da criança: 2;0;19

Situação: Dália e Ber brincam na casa de Dália, sob os olhos dos seus pais e dos pais de Ber.



Dália benaadoooo
 ::::::

corpo Franze a testa ao alongar a vogal final.

Mar bernardOOO ...vem brincá co'a dália

Dália bincá c'a dáliaaa

corpo Levanta-se do chão e corre para perto de Ber.

Dália VAI LÁ Buno
 ::::::::::::::

corpo Aponta com o braço direito na direção a que se refere.

Dália VAI buno ... BUUno ... VAI LÁ ... buuno ...VAI LÁ buuno VAI LÁ BUNO
 ::::::::::::::

corpo Mexe os braços e se abaixa em frente a Ber.

Dália VAI LÁ BUNO ... VAI LÁ ... BUNO BUNO

Dália vai buno VAI vai lááá vai LÁ buno
 ::::::::::::::

corpo Aponta com o braço direito na direção a que se refere.

Ber bernardo

Nesse recorte enunciativo, usado aqui para ilustrar as normas de transcrição adotadas em nossa pesquisa, apresentamos, inicialmente, um cabeçalho descritivo com informações contextuais que visam a situar o fato enunciativo na situação em que ele ocorreu: os participantes da situação de comunicação expressa no recorte, por meio da citação de seus nomes ou iniciais de seus nomes ou funções que desempenham na relação afetiva; a data da coleta do fato enunciativo; a idade da criança no momento da coleta; uma breve descrição da situação na qual

a criança se encontrava quando a coleta foi realizada. Em seguida, inserimos uma imagem representativa da situação em que se encontram os participantes do ato enunciativo, na tentativa de trazer maior concretude aos elementos situacionais. Nos registros das falas da criança e dos demais participantes, optamos por não usar letra maiúscula no registro dos nomes próprios, porque a letra maiúscula representa, em nossa transcrição, tons ascendentes. Usamos letra maiúscula para os nomes próprios apenas na trilha “comentários” e na trilha “corpo”. Assim procedemos em todos os recortes enunciativos com os quais trabalhamos nas análises: o recorte enunciativo é, para nós, o espaço de discurso em que determinado sentido é mobilizado por meio de determinados procedimentos na relação *eu-tu*. A configuração de cada um desses recortes é decisão nossa, baseada nos objetivos desta pesquisa: entendemos que o recorte enunciativo precisa nos interrogar e, ao mesmo tempo, nos dizer algo sobre as especificidades da realização vocal na experiência da criança na linguagem. Com base na análise empreendida desses recortes, apresentamos os procedimentos de análise a seguir, entendidos, no âmbito da análise translinguística, como propósitos significantes.

3.4 Propósitos significantes sobre a significância: a análise do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem

Na fundamentação teórica apresentada anteriormente, discutimos o papel da realização vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem como lugar de passagem no universo cindido em que o homem assume sua existência via linguagem. Portanto, analisar a relação da criança com o mundo a partir do papel do aspecto vocal da enunciação nos leva também a reconhecer nessa relação os hiatos com os quais o homem se depara na constituição de sua existência na sociedade e na cultura em que vive. Por isso, nossa análise se volta para a mobilização do sentido pelo locutor que enuncia na busca dessa “certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84) a cada emprego de língua, tendo o papel da realização vocal como nosso interesse central.

A partir das manifestações do aspecto vocal nas enunciações da criança, observamos as especificidades por ele desempenhadas no ato de aquisição, reveladas nos propósitos de análise nos quais nos detemos, denominados “propósitos significantes sobre a significância”, com base no que Benveniste (1969/1989, p. 66) diz acerca do privilégio da língua de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Dessa condição é que, segundo o autor, provém o poder da língua de criar um segundo nível de enunciação, “em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE,

1969/1989, p. 66). A experiência da criança na linguagem, portanto, é sempre revelada por meio dos propósitos significantes sobre a significância, os quais se realizam na relação de interpretância da língua em relação aos demais sistemas e em relação a ela mesma, concretizada na tríade homem-linguagem-cultura e na qual o aspecto vocal da enunciação assume papel fundamental. A criança, ao mobilizar *arranjos vocais* na constituição do discurso, realiza propósitos significantes que procuram dar conta da realidade significativa que não apenas a cerca, mas da qual ela faz parte, e os quais se sustentam em outras relações de significância instauradas a cada enunciação, na mobilização dos domínios semiótico e semântico superpostos no ato enunciativo.

Para melhor compreender a configuração desses propósitos na análise dos fatos enunciativos, a qual compõe o próximo capítulo, entendemos ser importante, antes, retomarmos os princípios enunciativos definidos no capítulo 3 – “O aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem” – e que nos direcionam o olhar para o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Sendo assim, retomamos esses princípios em nossa metodologia a fim de melhor explicitarmos sua relação com os propósitos significantes sobre a significância que determinam toda a análise que fazemos do papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Nessa retomada, por questões metodológicas, seguiremos uma outra sequência de princípios que não exatamente aquela apresentada no capítulo 3, mas que com ela se encontra em relação.

O primeiro princípio a ser levado em consideração é aquele que trata da singularidade enunciativa decorrente da mobilização de *arranjos vocais* específicos: *Na experiência da criança na linguagem, ela vive a singularidade enunciativa via aspecto vocal, por meio de arranjos vocais específicos emitidos e percebidos na constituição da frase.* A criança, ao mover-se no mundo que a cerca, vive a singularidade enunciativa a cada ato de enunciação, uma vez que, segundo Benveniste (1970/1989), a diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida faz com que os mesmos sons não sejam nunca reproduzidos com exatidão pelo mesmo sujeito.

Para darmos conta da singularidade, portanto, do aspecto vocal da enunciação, precisamos voltar nosso olhar para a situação enunciativa, para o *aqui- agora* em que a enunciação se manifesta. Acreditamos que os mesmos *arranjos vocais* assumem funções comunicativas diversas em função da singularidade enunciativa, e que a criança, ao mobilizar os *arranjos vocais* em diferentes situações enunciativas, acessa a capacidade de adaptação dos “traços individuais da enunciação fônica” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82), constituindo, pelo uso da linguagem, a vivência de experiências singulares que afetam o seu dizer e a impelem

à escolha de elementos vocais sempre renovados no *aqui-agora* da enunciação, os quais afetam a língua como um todo e revelam “o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 24). Por essa razão, o princípio da singularidade enunciativa se faz presente na definição dos propósitos significantes que nos interrogam nos fatos enunciativos analisados.

Já vimos também que, na experiência da criança na linguagem, há marcas da historicidade da criança na língua-discurso: *A emissão e a percepção dos elementos vocais da língua em relação na enunciação possibilitam a criança historicizar-se na língua-discurso, para fundamentar sua subjetividade na linguagem.* Em nosso trabalho, concebemos a realização vocal da enunciação como recurso que garante à criança a passagem de locutor a sujeito. A realização vocal, assim, configura-se como recurso de entrada da criança na língua de forma que lhe permite apropriar-se dessa língua. Na história de enunciações da criança, essa passagem é consequente da relação intersubjetiva, marcada pela *emissão-percepção* do vocal na relação *eu-tu*.

Isso se dá na experiência do simbólico, a qual possibilita a relação entre o homem e o mundo, entre os homens, estabelecendo-se, dessa forma, por meio da linguagem, a estrutura social. Tal estabelecimento anuncia-se, desde cedo, na história da linguagem da criança, via aspecto vocal. A criança, portanto, que emite seus primeiros sons como uma prática de prazer, encontra a percepção do outro e com isso dá entrada no universo simbólico da linguagem. A potência da realização vocal realiza-se em ato na acolhida da percepção do outro, trata-se da passagem do puro som à palavra. Em nosso trabalho, relacionamos essa questão com as “grandes funções sintáticas” referidas por Benveniste (1970/1989, p. 86). Isso porque vemos, nos recortes enunciativos com os quais trabalhamos, a mobilização dos *arranjos vocais* como forma de atingir o outro e “suscitar uma enunciação de retorno”. É a criança se presentificando na enunciação por meio de diferentes *arranjos vocais*.

A entonação assume papel decisivo no estabelecimento do aparelho de funções, mobilizando e marcando interrogações, intimações e asserções no discurso da criança, como forma de singularizar sentidos a cada ato enunciativo, na busca permanente de “influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86), e, nessa busca, entendemos que a criança realiza propósitos significantes sobre a significância, uma vez que, por meio dos *arranjos vocais* específicos mobilizados em seu discurso, ela “utilizará, em parte, estruturas dadas, mas renovando-as, preenchendo-as de objetos novos [...]”

(BENVENISTE, 1968/1989, p. 19), o que ocorre por meio de relações de interpretância que marcam a experiência da criança na linguagem.

Trata-se, até aqui, de uma mera constatação, mas que nos guia ao questionamento que pretendemos responder com a análise dos dados: Até que ponto os traços que caracterizam o vocal da enunciação da criança se apoiam na percepção das emissões vocais do outro? A percepção como atitude ativa de audição e empreendida pelo outro e pela própria criança pode assumir estatuto diverso a cada enunciação? Que estatutos seriam esses?

Sabemos que os *arranjos vocais* afetam a língua como um todo, o que aponta para outro princípio a ser focalizado em nossa metodologia: *Os arranjos vocais do aspecto vocal da enunciação, em relação na emissão e na percepção, são integralizadores de formas para comunicar e evocar sentidos nas enunciações que constituem a experiência da criança na linguagem.* Com base no que afirmou Benveniste (1968/1989, p. 18), observamos na aquisição da linguagem a criança “fabricar” a língua de forma extremamente produtiva e original; o aspecto vocal, portanto, organiza a frase, o “conjunto completo” de tal maneira que deixa ver, nas enunciações da criança, “um arranjo original”, por meio do qual ela se apropria da língua à sua maneira. Nesse arranjo, vemos o aspecto vocal da enunciação afetar as unidades segmentáveis da língua por meio de recursos vocais específicos que se definem no *aqui-agora* da enunciação.

Acerca dessa questão, precisamos relembrar, conforme já explicitado (capítulo 3 – O aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem), a noção de “agenciamento sintagmático”, a qual, segundo Benveniste (1966/1989, p. 230), está relacionada à ideia de conexão entre os elementos do enunciado, na mobilização de um determinado sentido, numa dada circunstância. Assim, trabalhamos com a ideia de que os *arranjos vocais* de entonação ascendente e alongamento vocálico, com as manifestações corporais, faciais e gestuais que lhe são constitutivas, nas enunciações faladas da criança, cumprem a função de relacionar níveis e unidades para “evocar” sentidos no outro para além das unidades segmentáveis sintagmatizadas. Os recortes enunciativos com os quais trabalhamos nos mostram que, na relação com o outro, a criança, desde muito cedo, é capaz de, por meio desses *arranjos vocais*, evocar e instaurar sentidos até mesmo quando lhe faltam as formas da língua. Relacionamos essa realidade ao que Flores e Surreaux (2012, p. 94) chamam de “necessidade de falar à sua maneira” a língua que se constitui como sua língua materna. Encontramos referência a essa questão também em *Últimas Aulas no Collège de France* (BENVENISTE, 2014, p. 130, grifo do autor), quando Benveniste, referindo-se à relação existente entre fala e escrita, afirma: “O locutor deve tomar consciência de que, quando fala, coloca em ação uma

‘língua’ que o outro também possui e maneja; que cada um fala, mas que cada um, ao falar e ao falar diferentemente com uma voz diferente, entonações diferentes, circunstâncias diferentes, usa a *mesma* ‘língua’. Portanto, na *emissão* e na *percepção* dos *arranjos vocais*, a criança se apropria da língua e por essa apropriação sempre singular se historiciza na linguagem.

Certamente se, em nossa análise, estivéssemos olhando apenas para os elementos segmentáveis da língua, não poderíamos perceber a instauração de sentidos extremamente particulares, determinados pela instância do discurso e marcados pelos *arranjos vocais* que evocam, muitas vezes, queixas e pedidos por meio de elementos integralizadores da frase mobilizados pela criança em seu discurso na relação com o outro. Esses *arranjos vocais* revelam a singularidade da enunciação, a qual impõe ao discurso uma sintaxe enunciativa particular que afeta a língua como um todo e que nos faz olhar para a relação forma-sentido na sintagmatização do discurso, uma vez que todos os níveis linguísticos comparecem imbricados na enunciação.

Por fim, lembramos o raciocínio benvenistiano apresentado em *Estruturalismo e linguística* (1968/1989, p. 20-21), segundo o qual a criança, ao aprender uma língua, aprende o mundo do homem: “A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz.” Sendo assim, se objetivamos entender a apropriação da linguagem pela criança, precisamos explicitar o conjunto de dados que essa experiência traduz, os quais se confundem com a constituição do homem no meio cultural de que faz parte, caracterizado pelo conjunto de valores que se articulam e se dão a conhecer no simbólico da linguagem, realizando-se, assim, a tríade homem-linguagem-cultura. Trata-se do seguinte princípio a ser levado em conta em nossas análises: *Na relação intersubjetiva, o aspecto vocal da enunciação evoca valores culturais impressos no discurso do outro, os quais possibilitam a experiência singular da criança na linguagem.*

Esse princípio, relacionado à noção de propósitos significantes percebidos nos fatos enunciativos que compõem nosso *corpus*, nos leva a refletir acerca da noção de “semantismo social”, conforme discorre Benveniste (1968/1989) em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*. O autor, ao discutir as relações entre língua e sociedade, afirma que “a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 98). A partir dessa ideia, entendemos que toda a organização da vida em sociedade, para ser compreendida, precisa do seu interpretante, que é a língua. Assim, o “semantismo social” está relacionado, em nosso trabalho, aos valores culturais impressos na realização vocal da língua na enunciação. Ao falar,

portanto, o homem não apenas mobiliza formas e sentidos particulares explicitados na língua da qual se apropria, ele vai além, mobiliza, pela mobilização de *arranjos vocais*, valores sociais, capazes de revelar muito acerca da sua história construída no seio de uma sociedade e da experiência por ele vivida no mundo que o cerca.

Em nossa investigação, o conceito de cultura está relacionado ao sistema de valores, uma vez que na experiência da criança na linguagem vemos a realização vocal manifestar rudimentos da cultura, pois a criança entra no mundo do outro, o mundo do adulto, sai da liberdade da pura natureza para experimentar os limites simbólicos da cultura que a cerca.

Encontram-se nos *arranjos vocais* mobilizados pelo outro em relação à criança uma série de elementos decorrentes do sistema de valores que caracteriza a vida em sociedade, a saber: para certa situação social, por exemplo, a criança vivencia uma forma de mobilização da realização vocal: entonação descendente, sussurro, entre outras. Há, portanto, um semantismo social que se revela nos *arranjos vocais*. Assim, ao se valer de tais *arranjos* em suas enunciações, o locutor marca sentidos que estão relacionados às suas emoções, às relações familiares, aos elementos de ordem social, por exemplo. Na relação com o outro, a criança está sempre mobilizando sentidos particulares que encontram eco na cultura que a cerca. Para isso, o simbólico da língua é o elemento que restringe a mobilização do vocal na enunciação pela criança: ela não apenas “brinca” com a emissão fônica, mas se marca no discurso fazendo a passagem, por meio dos *arranjos vocais*, de locutor a sujeito.

Essa realidade é vivida pela criança desde que sua existência se confirma no mundo dos homens e a ela os adultos passam a se dirigir: a cada ato enunciativo, os valores culturais acima mencionados são revelados à criança e passam a constituir também a sua experiência na cultura. Ficam, assim, outros questionamentos para a análise que faremos dos fatos enunciativos: Que rudimentos da cultura manifestam-se no vocal? De que forma atuam como “inculcação” para o dizer da criança?

Além disso, vemos também que em nossa ação de analista da linguagem da criança, mobilizamos propósitos significantes sobre a significância. O que representa nosso comentário de analista se não uma tentativa de interpretar o dizer do outro baseando-se em princípios de significância? Portanto, em nosso trabalho, almejamos atingir o segundo nível de enunciação referido por Benveniste (1969/1989), uma vez que buscamos sustentar nossos propósitos a respeito do dizer da criança como propósitos que traduzem significados na experiência da criança na linguagem.

Entendemos que cada um dos propósitos discutidos a seguir manifesta-se na experiência da criança na linguagem como propósito de ultrapassagem dos hiatos por nós já referidos e que

marca a passagem da natureza à cultura, da língua à enunciação, do semiótico ao semântico, do som à palavra, e, justamente por isso, são eles que marcam a história da criança na linguagem de maneira única. Na vivência desses hiatos, os propósitos definem-se como relações de apropriação de realidades, de condições que se revelam fundamentais na constituição da criança como sujeito na linguagem. Isso porque a criança se move nesse universo cindido, por meio dos *arranjos vocais* mobilizados em seu discurso.

Na sequência de nosso trabalho, portanto, dedicamo-nos às análises dos fatos enunciativos coletados, para, a partir das especificidades do aspecto vocal da enunciação, vistos por nós como propósitos significantes de significância, compreender como a criança se move e se historiciza na linguagem.

4 A ANÁLISE DOS FATOS ENUNCIATIVOS: O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Neste capítulo, apresentamos a análise que fazemos dos fatos enunciativos revelados pela criança sujeito de nossa pesquisa. Tal análise é resultado do olhar interpretativo que lançamos aos recortes enunciativos definidos por nós a partir dos princípios metodológicos que conduzem nossa pesquisa. Sendo assim, trabalhamos, em nossas análises, sem a definição de categorias *a priori*, o que nos leva a vivenciar a interrogação dos fatos enunciativos a todo momento. Focalizamos em nossas análises o aspecto vocal da enunciação, um dos aspectos específicos propostos por Benveniste (1970/1989) para se analisar o fenômeno geral da enunciação; no entanto, concebemos esse aspecto sempre relacionado aos outros dois propostos pelo autor: semantização e quadro formal da enunciação. A enunciação é, portanto, o que marca nossas análises, e, por isso, o diálogo caracteriza os fatos com os quais trabalhamos, uma vez que toda pesquisa enunciativa precisa dar conta da relação que se constitui pela linguagem entre *eu* e *tu*. Essa relação é sempre atualizada no *aqui- agora* da enunciação, o que coloca também em evidência a instância enunciativa na qual ocorre o discurso.

Guiados por esses princípios metodológicos, elegemos o recorte enunciativo como nossa unidade de análise, entendendo-o como o espaço discursivo em que as relações estabelecidas entre *eu* e *tu* revelam, pelas referências estabelecidas no e pelo discurso, um determinado sentido global que possibilita ao analista tecer considerações acerca dos sentidos específicos mobilizados a partir de formas atualizadas no ato de enunciação. Certamente o estabelecimento dos recortes enunciativos em nossa pesquisa depende, em grande parte, dos objetivos a que nos propomos com o trabalho de análise e é, portanto, resultado de nossa escolha pautada nos princípios teórico-metodológicos que nos guiam. Lembramos que estamos propondo uma análise translinguística, o que aponta para realidades que possam ser discutidas e explicitadas a partir da semântica da enunciação, como o é a experiência da criança na linguagem. Sendo assim, a possibilidade de estabelecermos relações de significância que apontem para a tríade homem-linguagem-cultura manifestada nos fatos enunciativos determina os recortes de análise.

No capítulo anterior, discutimos a noção de propósitos significantes sobre a significância, nos quais pautamos a análise dos fatos enunciativos que marcam as especificidades do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Essa noção dialoga com os princípios enunciativos apresentados no capítulo 3 e retomados no capítulo 4, acerca das especificidades do aspecto vocal da enunciação. Isso porque entendemos que tais princípios constituem a relação da criança com a língua em sua vivência de atos

enunciativos, marcando sua história na linguagem e constituindo a tríade homem-linguagem-cultura. Neste capítulo, portanto, tais princípios retornam na análise dos fatos enunciativos para explicitar como o papel do aspecto vocal da enunciação, revelado em propósitos significantes sobre a significância, se concretiza na experiência da criança na linguagem.

Perguntamo-nos em nossas análises: Qual o papel do aspecto vocal da enunciação na manifestação da experiência da criança na linguagem? Na busca de definir esse papel, descrever o que é próprio do aspecto vocal da enunciação no ato de aquisição da linguagem constitui nosso objetivo geral. A especificidade do aspecto vocal é revelada em nossas análises nos *arranjos vocais* específicos que marcam a conversão da língua em discurso, o que nos leva a outra questão a que objetivamos responder: como o aspecto vocal se manifesta na constituição do quadro formal da enunciação no ato de aquisição? Com esse interesse, explicitamos, por meio dos fenômenos derivados do aspecto vocal da enunciação, a singularidade da criança que se apropria da língua por meio do discurso marcado pelos vestígios de sua cultura em sua experiência na linguagem.

Nas análises, concebemos os *arranjos vocais* mobilizados na enunciação como marcas da historicidade da criança na linguagem, constituída no mover da criança na linguagem via enunciações. Por essa razão, ao percorrermos sobre os propósitos significantes com os quais trabalhamos, ocupamo-nos em descrever, em relação a esses propósitos, os movimentos assumidos pela criança que acompanhamos ao longo dos sete meses representados na coleta por nós empreendida. No entanto, destacamos que, embora os fatos sejam vistos longitudinalmente, esse movimento nem sempre se revela em períodos cronologicamente distintos, uma vez que entendemos a enunciação como “um ato de apropriação”, o que nos leva a ver a criança construir sua história por meio da linguagem no *aqui-agora* dos fatos enunciativos. Para essa compreensão, o caráter de reversibilidade da enunciação é fundamental e caracteriza a experiência da criança na linguagem, definido na relação entre *eu* e *tu*, a qual constitui toda enunciação, uma vez que, ao se dirigir à criança, o adulto reveste as emissões vocais dessa criança de sentido e garante a ela a possibilidade de fazer a passagem de locutor a sujeito da enunciação.

Focalizaremos, na sequência, os propósitos significantes ilustrados pelos recortes enunciativos com os quais trabalhamos. Entendemos que os propósitos, nas relações descritas, focalizam o papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem a partir de relações de interpretância da língua em relação a determinados esquemas culturais. A noção de “esquemas” é derivada da leitura que fazemos do texto *Estruturalismo e linguística*. Nesse texto, ao discutir os novos parâmetros da Linguística e das ciências humanas em geral,

Benveniste (1968/1989, p. 27-28) afirma: “Do mesmo modo que não falamos aleatoriamente, quero dizer sem quadro, que nós não produzimos a língua fora de certos quadros, de certos esquemas que possuímos [...]” Autorizamos-nos a derivar dessa ideia a noção de “esquemas culturais”. Para tanto, relacionamos esse raciocínio de Benveniste a outras ideias do autor, explicitadas no mesmo texto: “Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre os valores. Muito bem! Esses valores são os que se imprimem na língua.” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22). Sendo assim, entendemos, com Benveniste, que “a língua carrega consigo uma série de dados herdados”, os quais se organizam em determinados quadros ou esquemas culturais, mobilizados sempre no seio da sociedade. A mobilização de *arranjos vocais* específicos na enunciação está relacionada, portanto, à vivência, pela criança, desses esquemas culturais, por meio dos quais ela vivencia o que Benveniste chamou de “coincidência”:

a língua que é assim a emanção do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda coletividade. É esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a relação paradoxal da língua com respeito à sociedade. (BENVENISTE, 1968/1989, p. 101).

Entendemos que é justamente essa relação entre o individual e o social que permite à criança vivenciar a experiência da aquisição da linguagem. Nessa experiência, os *arranjos vocais* mobilizados no discurso apontam para relações de interpretância do mundo cultural do qual a criança faz parte e que, por meio de esquemas culturais, se dão a conhecer no discurso da criança. Assim, ao se valer dos *arranjos vocais* em suas enunciações, o locutor marca sentidos que estão relacionados às suas emoções, às relações familiares, aos elementos de ordem social, por exemplo. No entanto, faz isso sempre de maneira renovada, singularizando-se no *aqui-agora* de cada enunciação. Isso porque, na relação com o outro, a criança está sempre mobilizando sentidos particulares que encontram eco na cultura que a cerca. Para isso, o simbólico da língua é o elemento que define a mobilização da realização vocal da enunciação pela criança: ela não apenas “brinca” com a emissão fônica, mas se marca no discurso fazendo a passagem, por meio dos *arranjos vocais*, de locutor a sujeito. Realiza-se, assim, na experiência da criança na linguagem, o que afirmou Benveniste (1968/1989, p. 103):

ela (a língua) produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria objetos lingüísticos que são introduzidos no circuito de comunicação.

Nos propósitos significantes específicos por nós focalizados na análise dos fatos enunciativos, vemos a criança, por meio da mobilização dos *arranjos vocais*, realizar o movimento, apontado por Silva (2014, p. 93), que vai da estabilidade das “significações inscritas na cultura onde se encontra imersa” para a singularidade da referência em seu discurso, o que, para nós, revela o semantismo social incorporado ao aspecto vocal da enunciação mediante relações de interpretância dos valores culturais que se imprimem na língua. É a especificidade e a particularidade desses valores culturais que nos guiam na organização dos propósitos significantes específicos. Podemos afirmar também que há, em todos os propósitos significantes eleitos para análise, a manifestação da dupla alteridade apontada nos estudos de Silva (2009, p. 186): “a do *tu* (outro) e a do ELE (cultura)”. Segundo a autora, na relação intersubjetiva, o *eu* institui o *tu* como outro de sua alocação, produzindo referências e instaurando o elemento que comporta a instância cultural, identificado pela autora como sendo ELE. Ou seja, a experiência da criança na linguagem, sempre singular e particular, fundamenta-se em relações com o *tu* da enunciação e com a cultura da qual ela faz parte, e são essas relações que se marcam na mobilização dos *arranjos vocais* que caracterizam seu discurso.

Todos os propósitos significantes específicos revelados na análise dos fatos relacionam-se a um propósito maior e global, indicador do grande movimento de síntese que caracteriza o papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem e, portanto, relacionado à questão aquisicional. Desse grande movimento ocupamo-nos ao final das análises, por entendermos que sua constatação é declinada das análises dos propósitos significantes específicos. Explicitar esses propósitos e esse grande movimento que marca a experiência da criança na linguagem é nosso trabalho.

4.1 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso

Elegemos esse propósito como o primeiro a ser discutido em nossas análises, porque vemos nele a condição primeira para a aquisição da linguagem: “É um homem falando com outro homem que encontramos no mundo.” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). E, nessa relação intersubjetiva, “O enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário.” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86). Desde muito cedo, a criança vive situações enunciativas nas quais o outro, por meio de *arranjos vocais* mobilizadores de entonações específicas, sintagmatiza asserções, interrogações e intimações. Têm-se nessas modalidades da frase as atitudes fundamentais “do homem falando e agindo pelo

discurso sobre seu interlocutor” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 139), o que pode ser entendido como decorrência da relação intersubjetiva que leva a criança a vivenciar a passagem de locutor a sujeito. Essa relação é marcada, inicialmente, pela ação do outro, o qual convoca a criança ao dizer por meio da mobilização de diferentes procedimentos, em especial, pelo aspecto vocal da enunciação, revelado no discurso por meio dos *arranjos vocais* que constituem o aparelho de funções sintáticas. Na vivência da reversibilidade enunciativa, condição da enunciação, já que *tu* pode ocupar o lugar do *eu* e vice-versa, a criança, ao longo de sua experiência na linguagem, apropria-se do aparelho de funções sintáticas e passa a ocupar, por meio da mobilização desse aparelho, o lugar de sujeito da enunciação. Há, nessa apropriação, o engendramento de determinadas formas e *arranjos vocais* específicos que colocam a criança em relação com as funções inter-humanas do discurso. Como sabemos, isso é possível em função de o lugar ocupado pela criança na estrutura enunciativa, conforme atestou Silva (2009, p. 233), ser primeiramente atribuído pelo outro, a cada vez que o outro lhe dirige a palavra. Ocorre, assim, o movimento, já abordado por Silva (2009), da passagem, pela criança, da condição de ser convocada à condição de convocar o outro. Essas duas realidades são abordadas na sequência, com a ilustração de recortes enunciativos. Ressaltamos que não se trata de períodos cronológicos diferentes na história de enunciações da criança, uma vez que, num mesmo recorte enunciativo, percebemos a criança assumir o seu lugar de sujeito na enunciação a partir da convocação do outro e também convocar o outro a enunciar, relações que se revelam por meio dos seguintes *arranjos vocais*:

I Alongamentos vocálicos, tons ascendentes impressos a enunciados longos e gestos constitutivos das emissões reveladoras da função de intimação

Recorte Enunciativo 1: Vai lá

Participantes: Dália, Ber, Mar, mãe

Data da coleta: 13/06/2012

Idade da criança: 2;0;19

Situação: Dália e Ber brincam de esconde-esconde sob o olhar das mães.



Mar	bernadooo... vem brincá co'a dáália
Dália	bincá c'a dáália
comentário	Dália corre para perto de Ber.
Dália	vai lá...vai lá BUNO...VAI LÁ BUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO... VÁLÁBUNO BINCÁ C'A DALA... vai lá...vai lá buno Aponta para outra direção.
corpo	
Ber	bê
Dália	bê... vá lá bê
comentário	Ber vai até a direção para a qual Dália apontou, Dália começa a engatinhar.
Dália	conde...
comentário	Dália ri.
Dália	cadê benado?
Mãe	cadê?

II Entonações ascendentes, alongamentos vocálicos e gestos constitutivos das emissões reveladoras das funções de intimação, de asserção e de interrogação

Recorte Enunciativo 2: Tirar as meias

Participantes: Dália, pai, mãe e tio

Data da coleta: 30/06/2012

Idade d

a criança: 2; 1; 6

Situação: Dália senta no sofá ao lado do pai e do tio, sob o olhar da mãe, e quer tirar as meias dos pés, sob protesto dos pais.



Dália tira a meia mãe

mãe e por que tu tá tirando? nnãõ

tio dáli/ a dali/ a dália tá teimaaando?

Dália tá tudo tá suujo

tio tá sujo? tem chulé aí no meio dos dedos?? EEca! que cheiro!

Dália huummm

.....

corpo Leva o pé até o nariz para cheirar.

tio huummmm eeeca

Dália tem dundé daqui mãe

pai não tira dalinha

Dália é só mais uma pai

tio tem dois pezinhos né? não tem só um

Dália tira pa mim pai!? aii

Dália tiráá a meia?

tio vai apanhá na bunda depois

pai não não é pra tirá a meia

Dália SIIMM

tio o que que a mamãe tá fazendo lá?

mãe Ó dália ó

tio hein dália? o que que a mamãe tá dizendo pra ti?

Dália pá

tio pra tirá a meia ou não tirá meia?

pai a mãe não qué que TIRE

Dália quero tiráá quero tiráá

.....

corpo Tenta tirar a meia.

mãe por QUÊ? por que tirá meia?

tio tá fediiidaa?

Dália táá/ tá fedida maiis...

corpo Joga a meia no chão.

Dália huumm chulé
:.....
corpo Levanta o pé para o pai cheirar.
tio huummm aaaii

III Pausas, tons ascendentes impressos a palavras específicas no interior do sintagma e gestos constitutivos das emissões reveladoras de intimação / alongamento vocálico e entonação exclamativa e interrogativa nas emissões reveladoras da função de interrogação

Recorte Enunciativo 3: Já chega

Participantes: Dália, Ber e Mar

Data da coleta: 27/12/2012

Idade da criança: 2;7; 3

Situação: Dália e Ber disputam o domínio sobre um teclado de brinquedo enquanto Mar acompanha a brincadeira.



- Dália** tu cant/canta um poquinho e depois (...) dexa'u dexa'u/ ber já CHEGA

corpo Empurra Ber.
- Dália** não liga cãxxxx
- comentário** Dália faz ruído com a boca como um chiado.
- Ber** eu não vô ligá dália
- Dália** tá ... não vai ligá... NÃO liga. não canta. não liga
 [
Mar cuida que estraga dália
- Dália** não liga. NÃO LIGA
- Ber** tá ... não vô ligá dália
- Dália** nããã!?
- corpo** Dália se encosta no corpo de Ber.
- Ber** NÃO VÔ LIGÁ
- Dália** vai pa lá sala

- corpo** Empurra Ber.
- Dália** vai pa sala vai pa lá sala
- Ber** eieieie
- comentário** Ber liga o teclado.
- Dália** agora já CHEG/
 [
Ber agora já chega dália. isso é feio. tem que arreparti. é feio. vô te fazê um monte de cócega
- comentário** Ber faz cócegas no pescoço de Dália e voltam a brincar com o teclado.

Vemos na relação intersubjetiva que marca as enunciações apresentadas nos recortes anteriores o outro convocar a criança a assumir o seu lugar de sujeito da enunciação. Isso ocorre explicitamente e marcadamente no recorte 1 e no recorte 2, uma vez que nesses fatos vemos o outro, por meio de intimações e interrogações, relacionar-se com a criança, convocando-a (SILVA, 2009) a ocupar o seu lugar de *eu* na estrutura enunciativa. A reversibilidade enunciativa garante à criança esse lugar, assumido por ela sempre que se apropria do aparelho de formas e de funções da língua. No caso de nossa pesquisa, entendemos que isso acontece principalmente por meio dos *arranjos vocais* revelados nos três recortes, os quais possibilitam à criança, por meio das funções sintáticas mobilizadas, vivenciar, na linguagem, “uma relação viva e imediata” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 86) com o outro no tempo em que se realiza a enunciação.

Essa relação viva e imediata com o outro no tempo da enunciação coloca em destaque a noção de referência, uma vez que há uma diversidade de *arranjos vocais* em função da particularidade do momento específico em que a enunciação ocorre e da especificidade da relação discursiva que se estabelece, o que permite dizer que a especificidade de tais *arranjos* mobilizados no discurso é dependente da especificidade da referência, fazendo com que “cada instância do discurso seja um centro de referência interno” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84).

No recorte 1, a intimação marcada pelos alongamentos vocálicos parte inicialmente do outro (Mar): “bernadooo... vem brincá co’a dáália”. A criança se apropria desse enunciado e o emite à sua maneira, mantendo o alongamento vocálico como forma de se impor frente ao outro (Ber) em seu apelo para a brincadeira: “bincá c’a dáália”. Nesse mesmo recorte, a intimação se destaca por meio dos tons ascendentes, os quais são mobilizados pela criança para atingir o outro e intimá-lo a participar da brincadeira proposta: “vai lá BUNO...VAI LÁ BUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO...VÁLÁBUNO... VÁLÁBUNO BINCA C’A DALA”.

No recorte 2, observamos a mobilização de *arranjos vocais* no cumprimento das funções de intimação, de asserção e de interrogação. O alongamento vocálico marca a asserção. No momento em que é convocada pelo pai a responder a um questionamento sobre por que está tirando a meia, a criança mobiliza esse *arranjo vocal* para constituir sua resposta assertiva “tá tudo tá suujo”, assim como faz em “quero tiráá quero tiráá” e em “SIIMM”, enunciado que se opõe ao que o pai havia dito anteriormente. Essa oposição é percebida, principalmente, pelo alongamento vocálico e pelo tom ascendente que marca a enunciação da partícula assertiva. Nessa situação, há um misto de entonação interrogativa e exclamativa, mobilizadas muito mais como apelo do que como pergunta: “tira pa mim pai!? aii”. Diferentemente do que ocorre em

“tiráá a meia?”, em que percebemos uma pergunta mais explícita em que o *arranjo vocal* denuncia uma entonação mais interrogativa sem a presença da entonação exclamativa.

No recorte 3, faz-se necessário que voltemos nossa atenção para as relações de sentido mobilizadas entre *eu-tu*, sempre na dependência da emissão e da percepção dos *arranjos vocais*. Na vivência do conflito com o amigo em torno da disputa pelo teclado eletrônico, a criança emite ordens marcadas principalmente pelos tons ascendentes: “NÃO LIGA”, “NÃO canta”. Esse tom é abandonado quando o outro afirma que não vai ligar o brinquedo: “tá ... não vô ligá dália” e o que entra no jogo enunciativo são *arranjos vocais* caracterizados por entonações exclamativas e interrogativas que mostram a criança apreendendo o discurso do outro como forma de confirmar o que o outro diz: “nããão!?”. Esse recorte enunciativo ilustra muito bem o quanto a emissão vocal da criança está na dependência da percepção que ela tem dos *arranjos vocais* do outro. Afirmamos isso porque percebemos que o outro, neste caso, a criança mais velha, busca sempre apaziguar o conflito por meio da sua enunciação. No entanto, suas atitudes mostram o contrário, ele continua realizando a ação de brincar com o teclado, embora, em seu discurso, afirma que não mais brincar. Essa situação constitui a enunciação dos *arranjos vocais* mobilizados pela criança na relação de interpretância do evento vivido. A mobilização de sentidos particulares dependentes da emissão e da percepção dos *arranjos vocais* na relação criança-outro é visível no segmento em que Dália novamente mobiliza tons ascendentes para impor uma ordem ao outro. O outro, na percepção do sentido mobilizado por esse *arranjo vocal*, imprime ao seu enunciado um caráter apaziguador, retomando o enunciado de Dália, mas com outra entonação, o que mobiliza nova referência e novos sentidos na instância de discurso:

“**Dália** agora já CHEG/

[
Ber agora já chega dália. isso é feio. tem que arreparti. é feio. vô te fazê um monte de cócega “

Percebemos que, sem a entonação ascendente, com marcações bem pausadas, o enunciado de Ber assume um novo sentido, que acaba se opondo à ideia de conflito instaurada por Dália em seu discurso, o que nos leva a afirmar que, de fato, os *arranjos vocais*, constitutivos dos atos de *emissão* e de *percepção*, afetam o sentido mobilizado na particularidade do discurso.

Merece destaque também, entre esses *arranjos*, a mobilização dos gestos constitutivos do dizer da criança. Nos três recortes, podemos perceber, em especial, pelos aspectos descritivos que são revelados nas trilhas “comentário” e “corpo”, que a criança também mobiliza os gestos como meio para atingir o outro no seu dizer, como uma forma de intensificar,

asseverar, reafirmar o que explicita em seu discurso verbal, uma vez que tais gestos se relacionam de forma particular com os *arranjos vocais* específicos por ela mobilizados no discurso e, por isso, são entendidos como constitutivos do dizer.

Sendo assim, vemos nos *arranjos vocais* que caracterizam os recortes 1, 2 e 3 a manifestação da subjetividade da criança na linguagem, já que ela mobiliza tais arranjos de forma a se relacionar com a língua e com a enunciação, condição para sua existência na linguagem. Ao se apropriar, portanto, dos *arranjos vocais* na constituição das modalidades da frase na relação viva e imediata com o outro, a criança assume sua condição de sujeito: ora os tons ascendentes marcam toda uma frase, ora marcam apenas um sintagma, ou apenas uma palavra; além disso, a criança, em alguns momentos, apropria-se do enunciado do outro, mas o enuncia com outra entonação, como ocorre nos três recortes que ilustram esse propósito, mobilizando um novo jogo de formas e sentidos, o que põe em evidência a singularidade enunciativa decorrente do *aqui-agora* em que a enunciação acontece.

Afirmamos, por fim, que há, nesses arranjos, a evidência da interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso, uma vez que, ao mobilizar os *arranjos vocais* específicos nas modalidades assertivas, interrogativas e imperativas da frase, a criança se move no simbólico da língua para agir sobre o outro e “transmitir-lhe um elemento do conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 139). A análise dos recortes enunciativos apresentados nos permite afirmar que tais arranjos assumem formas e sentidos dependentes da relação de emissão e de percepção vivenciada entre a criança e o outro da enunciação.

Por entendermos, a partir de Benveniste (1964/2005, p. 139), que tais modalidades refletem “os três comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso sobre seu interlocutor”, é que elegemos esse propósito como o primeiro de nossa análise. Na sequência, observamos a criança se mover na experiência da linguagem vivenciando outras relações de interpretância entendidas por nós como propósitos significantes sobre a significância, mas é claro que em todas elas se encontram também implicadas as funções inter-humanas do discurso, mais ou menos marcadas em um ou outro recorte enunciativo.

4.2 Propósito signifiante sobre a significância: a interpretância da língua em relação à reprodução de acontecimentos e de experiências com a/na linguagem

Como um sistema de valores que é, a língua, em situações de discurso, traz traços culturais que se referem a um modo específico, na prática social, de se interpretarem determinadas

experiências vividas em eventos particulares, revelado pela criança na *retransmissão* de tais experiências, mobilizando a emissão e a percepção do aspecto vocal da enunciação. Afinal, a língua é inseparável da sociedade, e é a vivência dessa relação existente entre língua e sociedade que permite à criança a experiência da linguagem, uma vez que “São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra.” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). Acerca da indissociabilidade da língua e da sociedade, Dessons (2006, p. 40) trabalha com a ideia de que, pela linguagem, as relações entre os viventes recebem uma significação sempre renovada. No caso de nossa pesquisa, vemos a criança na relação com o outro se presentificar na enunciação, mobilizando, pelo aspecto vocal, traços culturais que revestem o emprego da língua em eventos sociais específicos, responsáveis por experiências particulares com a linguagem, os quais apontam para discursos já produzidos ao mesmo tempo em que revelam o novo a ser reinventado a cada mobilização da língua. Relacionamos essa constatação ao princípio proposto por Benveniste e já referido por nós: “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido.” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 26). Para o autor, “renascer” refere-se ao fato de a realidade vivenciada ser produzida novamente, mas submetida à organização da linguagem. Há uma função mediadora da língua na reprodução dos acontecimentos vividos. Por meio desse propósito, realiza-se o caráter da linguagem definido por Benveniste (1952/2005, p. 65): “propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço”. Ao narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, diferentes mundos, instanciando-os no *aqui-agora* da enunciação.

Nesse ato de apropriação, o aspecto vocal da enunciação, manifestado nos *arranjos vocais* mobilizados a cada enunciação, constitui-se de traços individuais, o que nos leva a lembrar o conceito de aspecto vocal da enunciação com o qual trabalhamos. Segundo esse conceito, “os mesmos sons não são jamais repetidos exatamente”, sendo a identidade apenas aproximativa, “mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83). O que estamos focalizando no propósito significativo 2 é justamente a reprodução, por meio do discurso, da experiência na linguagem vivida em determinado evento social. Trata-se da “experiência repetida em detalhe” a que se refere Benveniste e que permite que visualizemos, por meio da análise do aspecto vocal da enunciação, a dupla natureza da língua: social, manifestada nos esquemas culturais que determinam a mobilização dos *arranjos vocais*; individual, manifestada nas escolhas particulares da criança a cada ato e que constituem

os *arranjos vocais* específicos observados em cada situação e que dependem da relação de emissão e de percepção vivenciada a cada vez que a língua é mobilizada em atos enunciativos.

Essa apropriação, nos fatos por nós analisados, marca-se no vocal por meio dos seguintes arranjos vivenciados pela criança em sua experiência na linguagem:

I Silêncios e pausas

Recorte Enunciativo 4: Branca de Neve

Participantes: Dália, Ber, Mar, mãe

Data da coleta: 13/06/2012

Idade da criança: 2;0;19

Situação: Todos conversam ao redor de uma mesa enquanto mexem nos brinquedos de Dália.



Dália pines/ pinesa

Mar tem princeesa?

Dália

Mar e a branca de neeve que tu sempre me fala deeela? onde é que ela anda?

Dália ... buxa...

Mar a bruxa? quis pegá a branca de neve?

corpo Dália disfarça, come, olha para o lado

Mar e esse livro aíí? eu acho que eu conheço esse livro!!

II Alongamentos vocálicos, tons ascendentes, silabação e gestos constitutivos das emissões

Recorte Enunciativo 5: A minha coroa

Participantes: Ber e Dália

Data da coleta: 12/01/2013

Idade da criança: 2; 7; 18

Situação: Dália e Ber brincam no apartamento de Dália, sob os olhos das mães e dos pais. Dália procura uma coroa de brinquedo.



Dália mas EEle/ olha

.....

corpo levanta o indicador em riste

Dália quuaan-do eu vô botá a miinha/

corpo Mãos na cintura.

Dália QUUUAAANDO eu vô pe-gá a minha COO-ROO-A eu vô botá

.....

corpo Ergue as mãos como os adultos fazem quando contam um caso.

Dália minhAcroa sssrempe PARA

.....

corpo Mãos em frente ao rosto se abrem num gesto expansivo.

Dália mais eu num consiiguu achá minha/

.....

corpo Mãos na cintura se erguem até se encontrarem num bater de palmas frente ao corpo para depois se abrirem num gesto de desolação.

Ber ó táaqui dentro

III Alongamentos vocálicos, entonação específica de interrogação, silabação, tons ascendentes, pausas e gestos constitutivos das emissões

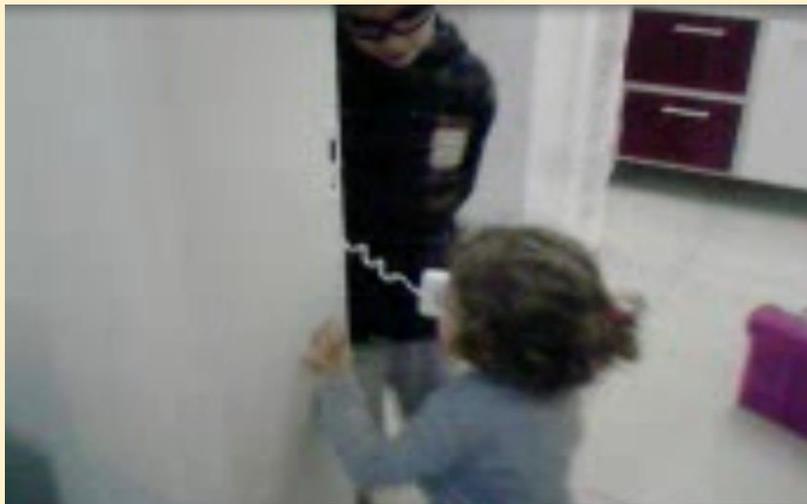
Recorte Enunciativo 6: Alô

Participantes: Ber e Dália

Data da coleta: 28/08/2012

Idade da criança: 2; 3; 4

Situação: Dália e Ber brincam no interfone do apartamento de Dália, sob os olhos das mães. Dália toma o interfone e simula estar falando com alguém.



Ber diz alô

Dália alôô você tá ii?

.....

corpo Mexe a cabeça para baixo acompanhando a emissão verbal de pergunta.

comentário Dália fica em silêncio parecendo aguardar uma resposta ao interfone.

Dália QUE TU TE AÍ NÓIS uma su-pee-sa uma noova ... mia casa tem uma supesa/

.....

Fica olhando para o alto.

corpo

Dália tá bom

.....

corpo Faz menção de desligar o interfone.

Ber tiau diz tiau

Dália tiau

IV Alongamentos vocálicos e gestos constitutivos das emissões

Recorte Enunciativo 7: Dois-Três

Participantes: Dália, Ber, Mar, Mãe

Data da coleta: 28/08/2012

Idade da criança: 2;3;4

Situação: Dália e Ber colam adesivos na parede enquanto são observados pelas mães.



Dália dooois teeiss
:~::~::~::~::~

corpo Cola adesivos na parede.

Mar o quee vocês tão fazendooo?

Dália tamoo colan/

 [
Ber tamoo colaandoo

V Alongamentos vocálicos, tons ascendentes, uso de formas vocais indistintas e gestos constitutivos das emissões

Recorte Enunciativo 8: Gol

Participantes: Dália, Ber, Mar, pai

Data da coleta: 12/01/2013

Idade da criança: 2;7;18

Situação: Todos os participantes estão reunidos na sala, enquanto as crianças brincam com um teclado de brinquedo com um microfone acoplado.



Ber	goooooooooll... .. vai o internacional vvaaii forlann
comentário	Ber simula narração de futebol ao microfone de brinquedo do teclado, enquanto Dália ri com as mãos nos olhos.
Mar	cuiDado Ber... LARGA esse microfone
comentário	Dália tenta tirar o microfone das mãos de Ber e quase derruba o teclado de brinquedo.
Dália	nnããuuu
comentário	Dália procura impedir Ber de usar o brinquedo.
Ber	deixa eu cantá! deixa eu cantá!
Tio	desliga agora bê chegachegachega
Mar	agora chega
comentário	Mar ri.
comentário	Dália puxa a cadeira de Ber e segue brincando com outros objetos sobre uma mesinha próxima.
Ber	vainternacional vai bater vai fazer o gol gooooool
Dália	[eeeeeeee caaaaaaaaaaaaaa
comentário	Dália, cantarolando, mexe nos objetos.
Ber	é DOO IINTER
Dália	[ÉUIIII

Ao perceber, na análise dos fatos, que a criança mobiliza determinados *arranjos vocais* em função da especificidade do evento *retransmitido*, o que a leva a retomar, por meio da linguagem, determinados esquemas culturais, entendemos que o aspecto vocal da enunciação é capaz de evocar sentidos para além das unidades sintagmatizadas no discurso: são valores culturais estabelecidos na prática social, os quais, por meio da linguagem, se tornam traços

comuns aos indivíduos em relação. Essa constatação nos leva às duas propriedades inerentes à língua propostas por Benveniste (1968/1989): a propriedade de ser formada por unidades significantes e a propriedade de poder arranjar estes signos de maneira significativa. Ou seja, “Nada pode ser compreendido que não tenha sido reduzido à língua.” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 99). A compreensão da especificidade dos modos de narrar determinados eventos, os quais a sociedade, em sua movimentação cultural, organizou em esquemas, se manifesta, portanto, em *arranjos vocais* específicos apreendidos na vivência de práticas no meio social, mas sempre dependentes do *aqui-agora* em que a enunciação se realiza e da atitude do locutor que assume a língua para estabelecer, com o outro, relações de interpretância, como verificamos a seguir.

No recorte 4 e no recorte 5, são as narrativas infantis que marcam o dizer da criança: ao marcar seu discurso com pausas, alongamentos vocálicos, tons ascendentes, silabação, entonação interrogativa e gestos constitutivos das emissões, a criança mobiliza valores culturais que dizem respeito ao mundo da literatura, da fantasia, das princesas e das bruxas. Sabemos que parte desse universo chega à criança, de forma indireta, por meio da escrita, uma vez que são histórias narradas, geralmente pelos pais, com base em livros de literatura infantil. No caso específico do universo cultural de Dália, essa realidade se confirma: seu quarto, sua casa são marcados pela presença de livros, CDs, DVDs que refletem o mundo de fantasia das histórias infantis, as quais são contadas e cantadas pelos pais, pela cuidadora e pelos amigos que com ela dividem as horas. Destaca-se, no recorte 4, a sintagmatização que mobiliza um sentido particular a partir do enunciado de Mar e que só encontra sua completude no enunciado de Dália, decorrente de um conhecimento já instituído na história de vivências da criança no universo da linguagem, o que lhe permite mobilizar “Buxa” como elemento significativo, na *emissão-percepção* do alongamento vocálico que marca a interrogação insistente mobilizada pelo outro, acerca da personagem Branca de Neve: “e a branca de neeve que tu sempre me fala deeela? onde é que ela anda?”. A percepção dos *arranjos vocais* mobilizados permite que a criança reconstrua a relação de sentido instituída na vivência de experiências em outros eventos que a levam a recuperar a relação entre o elemento Branca de Neve e o elemento Bruxa. Ao responder, a criança enuncia marcando seu discurso por duas pausas, o que, para nós, pode ser interpretado como “um modo de enunciar” que evoca relações significantes de medo e de suspense provenientes da narrativa da história infantil da Branca de Neve, em especial, da relação de sentido mobilizada na história quando a referência é *Branca de Neve versus Bruxa*. Vemos essas pausas como significativas no *aqui-agora* em que são mobilizadas, uma vez que se estabelecem em relação sintagmática com o enunciado do outro, numa espécie de

continuidade da narrativa, a qual é complementada com um novo quadro, mas relacionado semanticamente àquele anteriormente enunciado pelo *tu* (Branca de Neve – Bruxa). Sem dúvida, temos aqui a explicitação da relação de referência e correferência mobilizada na comunicação intersubjetiva, sendo que esse estabelecimento de sentido só é possível em função dos dados culturais impressos na língua e nos *arranjos vocais* que marcam de forma particular a enunciação e revelam a maneira pela qual determinados elementos são valorizados.

No recorte 5, a criança usa tons ascendentes, silabação e alongamentos, “QUUUAAANDO eu vô pe-gá a minha COO-ROO-A, acompanhados de gesticulação, para imprimir à sua enunciação um modo de dizer particular, o qual também tem como referência o universo da leitura e da contação de histórias, em especial, das histórias que envolvem princesas, reis e rainhas, como denota a presença do elemento “coroa” na situação enunciativa. Com o dedo em riste, a criança usa tons ascendentes para convocar o outro a ocupar o seu lugar de alocutário na enunciação e, portanto, perceber o sentido por ela mobilizado na enunciação, realizando-se a coenunciação. Esse sentido evoca um esquema cultural da literatura infantil, no qual a fantasia, em geral, reina. Há, na emissão vocal dos fatos enunciados pela criança, recursos que lembram a dramatização, a teatralização das peças infantis, como percebemos na gesticulação bastante marcada e nos demais *arranjos vocais* já apontados, em especial, os alongamentos vocálicos e a silabação. A criança, portanto, se instaura, mais uma vez, por meio do aspecto vocal da enunciação, na língua, a qual traz em sua constituição as marcas do esquema cultural que caracteriza as relações entre língua falada e língua escrita, já que as histórias dramatizadas chegam até ela, em geral, pelo mundo da escrita. Mobilizar essas relações em sua enunciação é, para a criança, realizar a passagem de locutor a sujeito da enunciação, mas, para isso, está na dependência do outro, do *tu* da enunciação, já que enunciar implica coenunciar; referir implica correferir. Acerca dessa dependência, destacamos, no início do recorte 5, o uso do verbo no imperativo, “olha”, o qual busca atingir a atenção do outro, propósito que volta a se manifestar na enunciação da criança a cada alongamento, tom ascendente, silabação e gesto constitutivo das emissões vocais da criança em sua relação com o outro.

No recorte 6, observamos a criança vivenciar duas situações enunciativas distintas: numa delas, a posição de *tu* é ocupada pela criança mais velha, Ber, que traz, ao orientar Dália a adotar um determinado enunciado na situação vivenciada, elementos culturais que determinam valores impressos na língua: “diz alô”; “tiau diz tiau”. Trata-se de uma relação de alteridade vivenciada pela criança e que lhe permite recuperar informações acerca de esquemas culturais determinantes da situação vivenciada: falar ao interfone. Ao vivenciar essa situação, Dália, porém, mobiliza outra relação intersubjetiva, na qual a posição de *tu* é agora ocupada

pelo outro imaginário, para o qual ela narra as novidades do cotidiano por meio da interlocução a distância. É sempre interessante observar a enunciação em situações de interlocução a distância, como aquelas ao telefone ou ao interfone, como é o caso da situação vivenciada nesse recorte. Isso porque, não somente para a criança, mas para qualquer locutor, há a necessidade de se mobilizar a língua em relação ao outro que não se encontra no *aqui* do locutor, condição que se encarrega de criar toda uma especificidade enunciativa na mobilização de recursos que minimizem essa distância espacial. No caso do recorte 6, a situação é mais complexa ainda por se tratar de um outro imaginado, não real: de fato, não há um interlocutor ocupando o lugar do *tu* enquanto figura reversível; a criança enuncia para um *tu* imaginário. Por essa razão, acreditamos, haja a evocação de elementos culturais vivenciados em outras situações enunciativas, os quais determinam a forma de enunciar a alguém que está a distância, real ou imaginário. É o que mostram os alongamentos que marcam a emissão do enunciado de abertura e a instauração da presença do *tu* imaginário por meio da interrogação: “alô você tá ii?”, revelando uma relação de dupla alteridade: criança-tu; criança-cultura. A criança assume, em sua enunciação, as orientações da criança mais velha, mas reveste as formas enunciadas de elementos vocais renovados por ela, como o tom ascendente, a entonação de pergunta, os gestos e os movimentos corporais que acompanham o dizer: esses arranjos renovados a cada enunciação revestem as palavras de noções particulares vinculadas à atitude do sujeito e ao *aqui-agora*. Há em sua enunciação elementos culturais impressos na língua que dizem respeito a essa situação em particular: ao narrar fatos novos que ocorrem em sua casa, a criança se apropria de forma singular dos elementos vocais da língua e os reveste de *arranjos vocais* como silabação: “su-peee-sa”; alongamentos vocálicos: “noova”; pausas: “uma noova ... mia casa tem uma supesa”; tons ascendentes: “QUE TU TE AÍ NÓIS” para marcar, na enunciação, sua experiência acerca do acontecimento.

No recorte 7, ao enunciar a *retransmissão* de um modo de contagem específico ao colar adesivos na parede, a criança demonstra ter uma informação acerca de um modo cultural que determina o dizer nessas situações. A que situações estamos nos referindo? A situações de contagem, as quais, em geral, principalmente no contexto escolar, são marcadas por alongamentos vocálicos. Esses alongamentos, no recorte 7, encontram-se imbricados com o próprio ato de colagem dos adesivos na parede: a duração do alongamento vocálico acompanha a duração do ato de colar, mostrando que a criança vincula corpo (o não-verbal) e discurso (o verbal) na produção de sentidos. A referência, portanto, se constitui no *aqui-agora* da enunciação. Além disso, é possível também visualizar o jogo forma-sentido, lembrando que a dissociação em constituintes de nível inferior nos dará a forma, enquanto a integração em uma

unidade de nível superior nos dará o sentido. Ao arranjar os fonemas por meio de alongamentos vocálicos, a criança opera com essas duas capacidades da língua: há a dissociação das unidades e a sua integração, realizando-se a função integralizadora dos *arranjos vocais*, uma vez que esses arranjos constituem o sentido enunciado como um todo.

No recorte 8, observamos os *arranjos vocais* marcarem a experiência linguística da criança com a narração de um jogo de futebol. Na dependência da emissão e da percepção dos elementos vocais, na relação com o outro, neste caso, uma criança mais velha (Ber), Dália vivencia a simulação do dizer, o poder que a linguagem tem de recriar mundos. Percebemos que o microfone de brinquedo é o elemento do mundo real que desencadeia em Ber a evocação de uma outra situação: o jogo de futebol, cujas cenas são narradas por ele. Nesse jogo enunciativo em que comparecem as relações de alteridade do *tu* e da cultura, cabe destacar a mobilização dos *arranjos vocais* empreendida por Dália como forma de imposição frente a Ber, o que entendemos estar presente também na simulação da narração do jogo de futebol, como recurso enunciativo para se igualar ao outro. Nossa interpretação desse fato é decorrente da observação que fazemos da posição que Dália assume frente à enunciação do outro: ela mobiliza alongamentos vocálicos em sua enunciação para impor sua vontade e buscar impedir que Ber brinque com o microfone, como vemos em “nnããuuu”. Apesar dos esforços de Dália e dos adultos presentes, Ber segue usando o microfone e ocupando seu espaço de dizer. Frente a isso, Dália, fazendo a passagem de locutor a sujeito, também apropria-se, por meio da linguagem, do mundo simulado pelo outro. Ela se desloca entre estruturas enunciativas, “eeeeeee caaaaaaaaaa” e “EUIII”, e estruturas da língua reveladas na narração de futebol de Ber, “goooooooooIII... .. vai o internacional vvaaii forlann”, para ocupar seu espaço, o que ocorre por meio dos tons ascendentes e dos alongamentos vocálicos que se relacionam com os elementos vocais arranjados por Ber, os quais integralizam forma e sentido na enunciação. Há, portanto, um sentido nos *arranjos vocais* mobilizados pela criança que apontam para o universo da narração futebolística, referência construída na relação com o outro, na particularidade da emissão e da percepção dos *arranjos vocais*, que está atrelada à condição de reversibilidade da enunciação e à dependência da atribuição de sentidos pelo outro.

Por fim, esclarecemos que estamos discutindo esses esquemas e não outros porque foram esses que se apresentaram na análise dos dados, mas acreditamos que muitos outros esquemas culturais que revestem os modos de dizer de traços específicos podem se fazer presentes na experiência da criança na linguagem.

4.3 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de substituição e de integração de unidades na relação de sentidos entre emissão e percepção vocal

Benveniste afirma (1969/1989, p. 62): “a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” Isso se deve à propriedade que o sistema da língua tem de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Mobilizar essa propriedade na sua experiência na linguagem é condição para a criança produzir discursos e sentidos para o outro. Assim, entendemos que a criança está sempre vivenciando a passagem entre o mundo do signo e o mundo da enunciação. Para instaurar-se como sujeito, ela necessita vivenciar a dupla significância da língua, o que ocorre em todas as suas manifestações de linguagem. No entanto, selecionamos alguns fatos enunciativos revelados nos recortes a seguir que explicitam de forma mais marcada essa relação. Na apropriação da faculdade metaenunciativa da língua, a criança mobiliza determinados *arranjos vocais* que manifestam um modo de dizer por meio do qual a significação da enunciação se volta à sua própria condição de significância. Isso ocorre em relação ao sistema de nomeações, em que a criança descobre “que tudo tem um nome e que aprender o nome das coisas lhe dá a disposição das coisas” (BENVENISTE, 1963/1995, p. 31), uma vez que “um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 1939/1995, p. 56). Vemos a criança, nos recortes 9 e 10, a seguir, vivenciar o ato de nomeação na singularidade do discurso por meio da substituição e integração de unidades, em que o jogo entre percepção e emissão de *arranjos vocais* tem papel fundamental para criança e outro constituírem a relação entre forma e sentido na língua-discurso. Situação semelhante é constatada nos recortes 11 e 12, nos quais os *arranjos vocais* mobilizados pela criança revelam a interpretância da língua em relação às marcas de plural. A enunciação, nesses casos, volta-se sobre a sua própria constituição, por isso, nesse propósito, elegemos a interpretância da língua em relação a ela mesma como elemento de análise, observada na propriedade que os *arranjos vocais* assumem ao marcar as relações de substituição e de integração de unidades:

I Alongamentos vocálicos, pausas, tons ascendentes, tons descendentes, emissões vocais musicadas

Recorte Enunciativo 9: Gatinho amarelinho

Participantes: Dália, Mar e Ber

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Dália e Mar caminham no pátio observando um gato de cor amarela que passeia entre elas.



- Dália** OLHA ! o pintinho amaleelinho... não. espera. não i fica qui.
comentário Dália fala dirigindo-se ao gato que passa por ela.
- Dália** não é a maluca. é o pintinho... oi... ... vem vem vem
Dália olha o pintinho amaleelinho
Mar CUIDADO. ele é UM PINTIINHO amarelinho??
Dália ééé ... vem PINTiiihuu ... o que o pinTInho tá fazeenndo?
Mar ele não é um gatinho?
Dália ele é gatinho miaaauuuu oi gatiin/gatinho
Mar por que tu chama ele de pintinho?
Dália chama eele ... PINTINHOO... GATINHOOO.... PINTINHOOO gatinhopintinho
comentário Mar ri baixinho.
Mar o nome dele é gatinho pintinho amarelinho?
Dália vaivai... vai lá na água
:.....
- corpo** Movimenta o braço fazendo sinal para o gato ir em frente.
Dália olha o gatinho ama/lelinho... é é PINtinho amaleelinho?
Mar é pintinho amareLInho? ... igual o da música né?... vamo cantá PRA ELE?
Dália vaamu
Mar como é que é?
corpo Dália faz o movimento de bater um dedinho na palma da mão, silenciosamente, numa referência à mímica da música infantil.
- Mar** caabe aqui ?
Dália na minha mão
Mar QUEM que cabe na tua mão?
Dália o piintinho
Mar o pintinho amarelinho? e dá pra cantá uuum gatiinho amareliinho... dá?
comentário Mar enuncia o trecho da música infantil cantarolando-o.
corpo Dália corre, distraindo-se com a visão de Ber que se aproxima.

II Tons ascendentes, alongamentos vocálicos, silabação, emissões vocais musicadas

Recorte Enunciativo 10: Marota

Participantes: Dália, Ber e Mat

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Dália, Ber e Mar voltam a atenção para uma gata doméstica que entra no quiosque onde eles se encontram.



Mar chãchã SAI PRÁ LÁÁÁ MAROTA. MAROTA NÉ Dáália !?

Dália MAIOOTA MAA-ROO-TAAA

.....

corpo Volta-se para a gata ao falar.

Ber maarootAAA

comentário Ber enuncia a palavra com musicalidade, cantando-a.

Dália marootaa marootaa

comentário Dália também procura impor um ritmo musical ao dizer

Dália di vem

.....

corpo Dália corre, fugindo da gata

Ber CARA DITATU

Dália CATUTUUU catutuuu catu

.....

corpo caminha atrás do gato

comentário Dália procura captar o enunciado de Ber e enuncia cantarolando

III Alongamento consonantal para marcar plural

Recorte Enunciativo 11: Cachorros

Participantes: Dália e Mar

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Mar e Dália passeiam pelo jardim.



Dália vem titia...vem

Mar onde é que nós vamuuu?

Dália olha a comida do cachorrosss

comentário Dália refere-se a um enfeite de jardim com dois cachorros em frente a dois potes.

Mar ããh! quee liindos néé?!

Dália ele qué/ele qué comê/ a água do cachorross

Recorte Enunciativo 12: Águas

Participantes: Dália e Mar

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Mar e Dália passeiam pelo jardim.



Dália o que é isso titiia?

Mar é água. água do cachorro

Dália essa é a comida do cachorro?

Mar é... ele comeu tudo

Dália é aa águaass

Mar claro são dois potes né? é águas. tá certo

Dália tem doi potiss

Mar tem dois potiss é águas do cachorro

Dália []
tem doi água tem umaaa...

O recorte enunciativo 9 congrega muitos *arranjos vocais* que contribuem para ilustrar o que estamos focalizando aqui: a criança, na relação intersubjetiva com o adulto, que, como sabemos, é quem detém o saber da língua da qual a criança precisa se apropriar a fim de poder se mover por meio da linguagem para assumir seu lugar na cultura que a cerca, ajusta forma e sentido em sua enunciação. Nesse ajuste, há o papel de um elemento da cultura que marca o diálogo em questão: a concorrência entre a palavra “pintinho” e “gatinho” só é vivenciada em função do *arranjo vocal* que dá conta do ritmo da música infantil para o qual as duas formas são satisfatórias, independentes do que significam. Verificamos, portanto, nesse fato, a criança se apropriar da singularidade enunciativa via aspecto vocal da enunciação, uma vez que reconhece haver um sentido mobilizado pelos *arranjos vocais* que marcam a música infantil que independe do sentido da palavra em si.

Nesse jogo de apropriações, a criança mobiliza, sempre na relação intersubjetiva constitutiva da enunciação, *arranjos vocais* que buscam “afunilar sentidos”, o que coloca em

evidência a relação sintagmatização-semantização. No discurso, portanto, na semantização, no ato de converter os signos em palavras, concorrem para a mobilização do sentido na instância enunciativa, *os arranjos vocais* específicos que garantem ao discurso o estatuto de música, estabelecendo no enunciado a sintagmatização dos elementos segmentáveis, como são os fonemas, as palavras e, em destaque, o sintagma “um gatinho amarelinho”. Lembramos o fato de que a criança e, muitas vezes, até mesmo o adulto, quando não conhece ou não lembra a letra de uma música por completo, acaba por cantarolar formas indefinidas na língua, mas que se revelam significantes na enunciação por fazerem referência ao compasso de determinada canção. Nessa situação, o sentido é mobilizado muito mais pelos *arranjos vocais* do que por uma ou outra unidade de um nível linguístico. Por outro lado, devemos lembrar também que as formas “gatinho” e “pintinho” se assemelham fonicamente em função do sufixo “inho”, o que, nessa situação enunciativa, funciona como importante elemento na sintagmatização da frase, permitindo que associemos essa característica mobilizada no discurso à relação forma-sentido, uma vez que uma unidade linguística define-se como a sua capacidade em dissociar-se em constituintes de nível inferior; o sentido, por sua vez, encontra definição na capacidade que a forma linguística tem de integrar-se a uma unidade de nível superior. Ao concorrer com as duas formas em relação associativa para constituir seu discurso, a criança mobiliza propriedades de dissociação e de integração das unidades linguísticas, atualizando-as, por meio do ritmo musicado, na singularidade da enunciação.

A dupla significância da língua, portanto, é explicitada no discurso da criança, que efetiva novas formas, “gatinho amarelinho”, “gatinho pintinho”, no uso, na comunicação viva que vem marcada pelo conhecimento do universo cultural do qual a música infantil faz parte. Assim, é possível ver no ajuste de forma e de sentido mobilizado no recorte que a palavra retém apenas uma parte do seu valor enquanto signo, sendo que os *arranjos vocais* constituem novas formas e sentidos na particularidade do discurso, evocando elementos dos esquemas sociais vivenciados pela criança.

É importante destacar o papel do outro da enunciação nesse ajuste de formas e sentidos: o adulto interroga a criança acerca da propriedade do uso da forma “pintinho” e o faz principalmente a partir de tons ascendentes e entonação bastante marcada de interrogação. Devido à insistência do outro, a criança resolve a questão alternando as formas “gatinho” e “pintinho” na busca de referência e correferência que atenda à relação intersubjetiva necessária para que a enunciação/coenunciação aconteça. Sendo assim, a criança se apropria do sistema de substituição e de integração de unidades da língua na mobilização de sentidos particulares. Esse sistema, portanto, é afetado pela relação singular que marca a emissão e a percepção dos

sons da língua, na vivência da “diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83).

No recorte 10, há muitos outros elementos, no que diz respeito ao aspecto vocal da enunciação, que poderiam ser analisados. No entanto, centramos nossa análise em algumas relações específicas que nos interessam sobremaneira e que dizem respeito ao sistema de nomeações da língua, o qual a criança, na experiência da aquisição da linguagem, vivencia. A reversibilidade enunciativa constante garante à criança executar a passagem de locutor a sujeito da enunciação, o que ocorre, principalmente, por meio de tons ascendentes e alongamentos, quando a criança é convocada pelo outro (Mar). A relação de alteridade é visível na dependência parcial da criança do dizer do outro, mas, especialmente, dos esquemas culturais que atravessam esse dizer. Inicialmente, Dália usa tons ascendentes e silabação para xingar a gata por meio do adjetivo “marota”, explicitando a dependência do enunciado do adulto. No entanto, essa relação se reveste de novos arranjos quando a criança mais velha (Ber) enuncia a mesma palavra de forma cantarolada. São *arranjos vocais* musicados, os quais derivam de determinados esquemas culturais, dos quais Dália também se apropria, mas sempre com propriedades particulares e singulares, pois, conforme Benveniste (1970/1989, p. 82), “os sons emitidos e percebidos [...] procedem sempre de atos individuais”. É justamente como ato individual que a enunciação permite à criança mobilizar os sons da língua à sua maneira, o que ocorre, acreditamos, a partir deste e de outros recortes analisados, por meio dos *arranjos vocais* específicos que caracterizam “a diversidade de situações nas quais a enunciação é produzida” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83) e constituem a experiência da criança na linguagem.

A mobilização das formas da língua por meio de *arranjos vocais* musicados faz com que algumas dessas formas tenham sua estrutura modificada na enunciação, o que leva a criança a ocupar o seu lugar de sujeito, e, portanto, apropriar-se de tais formas à sua maneira, fazendo escolhas particulares na constituição de referências e correferências, como é o caso da apropriação de formas como “marota”, a ser adotada no diálogo, visto que essa forma enunciada com arranjos musicados mobiliza novos sentidos e experiências na situação vivida. Certamente deixa de ser um xingamento e passa a ressignificar o já dito. Há, portanto, um deslocamento do valor dessa forma do semiótico, domínio no qual uma entidade é reconhecida como signo, para o semântico, domínio no qual há a comunicação intersubjetiva da experiência singular de cada enunciação, por meio da qual o sentido se realiza formalmente na língua pelo agenciamento de palavras, pelos *arranjos vocais* que integralizam formas da língua⁶. Por isso, os *arranjos vocais*

⁶ Aqui dialogamos com a célebre discussão de Benveniste (1967/1989, p. 233 e 234) em *A forma e o sentido na linguagem*: “Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso contrói uma semântica própria, uma

derivados de elementos culturais caracterizam a língua-discurso, na integração dos dois domínios.

A análise dos fatos enunciativos nos recortes 11 e 12 permite dizer que a criança percebe, desde cedo, que, na língua, alguns sons assumem estatuto diferenciado em relação a outros. Isso só é possível a partir da vivência de situações enunciativas, por meio das quais a língua é tomada como objeto de interpretância, na relação de emissão e de percepção dos *arranjos vocais*. Nos recortes 11 e 12, o alongamento do /s/ aponta para um saber linguístico, um saber sobre a língua que perpassa o ato enunciativo e nele se marca por meio do *arranjo vocal*. A criança reflete em seu discurso um conhecimento de estrutura gramatical específica: o /s/ é um elemento vocal que marca plural. Na enunciação, esse dado se manifesta no arranjo obtido por meio do alongamento do /s/, ou seja, ao enunciar o alongamento consonantal, a criança ajusta, na relação com o outro, o sentido mobilizado, comunica a experiência que tem com a língua, assumindo uma estrutura já dada em sua vivência de linguagem, mas revestindo-a de arranjos renovados, singularizando-se, portanto, na particularidade do discurso. O conhecimento que temos da situação em que se realiza a enunciação e o uso das imagens, que contribuem para melhor entendermos a questão, nos leva a ponderarmos acerca da situação constitutiva da enunciação: nos dois recortes, a criança se vê frente a objetos da realidade em duplicidade: são dois cachorros de pedra (recorte 11) e são dois pratos de comida (recorte 12) que estão à sua frente. Em seu discurso, relaciona, por meio do alongamento consonantal, um conceito acerca da língua com o referente material, mas que dele se distingue: é a vivência do simbólico da língua. Tal vivência se estabelece e se sustenta na relação de emissão por parte da criança e de percepção por parte do adulto do alongamento do som /s/ como interpretância do sistema de substituição e de integração de unidades na mobilização de sentidos particulares. O adulto percebe esse movimento de interpretância por parte da criança e explicita-o em sua enunciação. Faz isso de maneira mais sutil no recorte 11, “ããh!”, mobilizando a forma exclamativa marcada pelo alongamento vocálico, e de maneira mais explícita no recorte 12, quando verbaliza a relação forma-sentido estabelecida pelo alongamento do “s” na enunciação da criança: “claro são dois potes né? é águas. tá certo”; “tem dois potiss é águas do cachorro”. Essa forma de enunciar do adulto explicita a percepção dos *arranjos vocais* e das relações de interpretância engendradas pelo discurso da criança, revestindo de significação os *arranjos vocais* emitidos por ela.

significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”.

4.4 Propósito significativo sobre a significância: a interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de escrita

Para iniciarmos a discussão desse propósito significativo na experiência da criança na linguagem, parece-nos importante, inicialmente, retormarmos as palavras de Benveniste (2014, p. 127), proferidas em 1969, mas extremamente atuais: “Vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura. Nosso pensamento está, em qualquer nível, constantemente informado pela escrita.” Certamente, hoje, poderíamos retomar as palavras de Benveniste, atualizando-as da seguinte forma: “Vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, [do livro digital], da escrita e da leitura.” Não temos dúvida de que em nossa pesquisa as enunciações que compõem nosso corpus de análise evidenciam o “pensamento informado pela escrita” a que o autor se referiu. Deixemos claro que não temos a pretensão de discutir questões específicas do universo de pesquisa que envolve as definições de letramento, mas centramos nosso olhar no fato de a escrita permitir à língua realizar “uma objetivação de sua própria substância” (BENVENISTE, 2014, p. 156). A escrita, dessa forma, passa a ser o meio de se representar o discurso e, justamente por isso, entendemos que a criança, em suas enunciações, relaciona-se com esse meio de significação de forma particular, estabelecendo relações entre o universo cultural da escrita e o universo da fala, os quais implicam um mover singular da criança para se apropriar dos “dados herdados” que se imprimem nos discursos específicos que envolvem esses universos, ou seja, acreditamos que a criança mobiliza um modo de dizer “o que está escrito”, o que, em suas enunciações, pode ser relacionado a uma simulação do ato de ler um enunciado. Ela faz isso por meio dos seguintes *arranjos vocais*:

I Alongamentos consonantais, alongamentos vocálicos, silabação, pausas e gestos constitutivos das emissões

Recorte Enunciativo 13: Leitura

Participantes: Dália, Ber, Mar, Mãe

Data da coleta: 12/01/2013

Idade da criança: 2;7;18

Situação: Dália e Ber brincam no quarto quando Dália se envolve com um porta-retrato com uma foto sua e com seu nome escrito.



Dália i aqui uhn

.....

corpo Tenta pegar o porta-retrato de cima do móvel e o derruba.

Mar uui dá a foto não podi pegá

Dália mas eu quiriiiiia a foto essa A MInha foto agri ... a minha foto

Dália tá a DRR-A

.....

corpo Segura o porta-retrato com a foto, mexe a cabeça enquanto fala, como se estivesse lendo.

Mar quem é essa?

Dália é da daa - liiii - iaa

.....

corpo Mexe a cabeça para baixo acompanhando os movimentos de silabação.

Mar tá escrito aí?... aondi?

Dália tááá quii ... aqui tá

.....

corpo Aponta com o polegar para a escrita.

Mar uuhmm

Mar o que que tá escritoo??

Dália ãã no- mii ... DA - liiiiiiii- a

.....

Corpo Exagera nos movimentos dos lábios e da boca ao silabar.

É possível afirmarmos, com base na análise dos fatos enunciativos revelados no recorte, que a criança mobiliza os *arranjos vocais* na enunciação numa relação de interpretância da significação da própria língua. Essa relação diz respeito à língua em sua forma escrita. A respeito disso, já referimos em nossa fundamentação teórica o complexo raciocínio de

Benveniste apresentado em *Últimas aulas no Collège de France* (2014), segundo o qual a escrita seria uma forma de a língua interpretar a si mesma, entendida, pelo linguista, como uma forma secundária da fala. Essa relação é evidenciada no recorte enunciativo, no qual algumas relações merecem destaque: a criança, por meio da mobilização dos *arranjos vocais*, interpreta a escrita e o mundo que a contém, mostrando que, em sua experiência de significação construída na e pela linguagem, há um modo de emitir vocalmente a língua em sua forma escrita, o qual se distingue das outras formas de a língua ser língua, como comprovam os alongamentos consonantais, os alongamentos vocálicos, a silabação e a gesticulação constitutiva dessas emissões, uma vez que a criança soletra as palavras escritas e acompanha esse dizer com o gesto de percorrer, com o dedo, as palavras escritas, mesmo sem ter adquirido ainda a habilidade da leitura. Mesmo sem essa habilidade constituída, há, em seu dizer, a mobilização de um saber sobre esse modo de dizer o que está escrito. Ela se apropria, portanto, de valores culturais advindos do universo letrado, impressos no discurso. Paralelo a isso, o recorte enunciativo mostra a relação de intersubjetividade criança-outro; neste caso, o outro é um adulto e, portanto, conhecedor dos esquemas culturais que caracterizam a relação da modalidade de língua falada e de língua escrita na sociedade. Essa relação se marca na percepção que o outro tem dos sons emitidos pela criança, interpretando o *arranjo vocal* mobilizado pela criança como significativo e próprio do ato de leitura da palavra escrita, ou seja, os alongamentos consonantais, os alongamentos vocálicos, as pausas e a silabação, acompanhados pela gesticulação particular, constituem referência para o outro resgatando dados culturais que se imprimem na língua e que denotam “uma certa relação com o mundo”. No caso desse recorte, com o mundo do letramento, da escrita, da leitura, do universo de valores que determinam o modo específico de dizer o que está escrito.

Discutimos até aqui os propósitos significantes sobre a significância específicos percebidos na análise dos fatos enunciativos com os quais trabalhamos. Como afirmamos no início desse capítulo, todos esses propósitos concorrem para o estabelecimento de um propósito global que deriva de algumas constatações que fizemos ao longo das análises e do enfoque dos propósitos específicos. Detemo-nos nessas constatações:

- a) a criança se instaura na língua por meio da apropriação do aparelho formal vocal da língua, o que ocorre via *arranjos vocais* específicos constituídos nas relações de emissão e de percepção no *aqui-agora* da enunciação;
- b) esses arranjos assumem funções específicas na efemeridade do discurso da criança, dependentes da situação enunciativa em que se realizam e da atitude do locutor que os assume no seu discurso;

- c) a criança reveste as formas dadas da língua de sentidos renovados por meio da mobilização dos *arranjos vocais*, numa relação de dependência da atribuição de sentido pelo outro, que toma suas manifestações como significativas;
- d) na relação de emissão e de percepção dos *arranjos vocais*, a criança evoca acontecimentos, experiências, significados que trazem marcas de esquemas culturais característicos da sociedade em que ela vive e que, na enunciação, são revestidos de novos elementos significantes, dada a particularidade do discurso.

A partir dessas constatações, podemos, por fim, focalizar o propósito significativo global derivado dos propósitos específicos com os quais trabalhamos e que apresenta o movimento de síntese revelado na experiência da criança na linguagem a partir da especificidade do aspecto vocal da enunciação. Afinal, todos os propósitos significantes anteriormente discutidos apontam para uma verdade incondicional: *Ao mobilizar os arranjos vocais em sua enunciação, a criança se apropria da língua e dos rudimentos da sua cultura que se acham nela impressos.* Logo, trabalhamos com o seguinte movimento de síntese vivenciado pela criança, via aspecto vocal da enunciação, na sua experiência de aquisição da linguagem: *Na experiência de aquisição da linguagem, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaura-se, via arranjos vocais constitutivos dos atos de emissão e de percepção, no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito de/na linguagem.* Acerca desse movimento, discorreremos na seção seguinte.

4.5 O movimento que marca a historicidade da criança em sua experiência de aquisição da linguagem: a vivência do semantismo social incorporado ao aspecto vocal da enunciação

Ao mobilizar os *arranjos vocais* em sua enunciação, a criança se apropria da língua e dos rudimentos da sua cultura que se acham nela impressos. Isso acontece na dependência da emissão e da percepção dos arranjos do outro, numa relação de dupla alteridade: o outro traz impressos na língua os traços culturais dos quais a criança, de maneira singular, também se apropria, apreendendo, com a língua, o mundo do qual faz parte. Todos os propósitos significantes específicos por nós focalizados apontam para realidades instituídas na sociedade e na cultura, cumprindo-se a relação de interpretância da língua em relação aos demais sistemas e, inclusive, em relação a ela mesma, que também é um sistema cultural. A respeito dessa experiência, Benveniste (1963/2005, p. 31) afirma:

A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome. Descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam.

Segundo o autor, é dessa forma que a criança terá consciência do meio social onde está mergulhada e “moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem”. Vimos, com as análises efetuadas, que os *arranjos vocais* que marcam a experiência da criança na linguagem traduzem o simbólico da linguagem, contribuindo para o deslocamento da criança na cultura via linguagem, conforme vimos em Benveniste (1963/2005, p. 31, grifo do autor): “À medida que se torna capaz de operações intelectuais mais complexas, integra-se na *cultura* que a rodeia”. Essa integração se constitui na tríade homem-linguagem-cultura, a qual permite que a criança viva a experiência da aquisição da linguagem, modificando sua relação com a língua e com o outro.

Sendo assim, chegamos ao grande movimento de síntese que caracteriza a experiência da linguagem vivida pela criança via especificidade do aspecto vocal da enunciação como uma experiência de aquisição da linguagem: *Na experiência de aquisição da linguagem, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaura-se, via arranjos vocais constitutivos dos atos de emissão e de percepção, no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito da/na linguagem.* Essa experiência revela o semantismo social incorporado ao vocal e evocado a cada relação de interpretância da língua em relação aos demais sistemas: a criança, portanto, ao mobilizar *arranjos vocais* em sua enunciação, apropria-se do geral da língua com a cultura nela impressa para singularizar-se na linguagem. A aquisição da linguagem revela o movimento de *emissão* e de *percepção* de *arranjos vocais* mobilizados na enunciação e que, em integração com a cultura, possibilita a entrada da criança no mundo do homem. Essa integração só é possível em decorrência do simbolismo articulador que une homem-linguagem-cultura e que, via *arranjos vocais*, permite à criança estabelecer relações de interpretância entre a língua e os sistemas culturais que fazem parte de sua vida. Essas relações são estáveis, institucionalizadas na e pela sociedade; no entanto, ao se apropriar delas, a criança se singulariza e as particulariza, uma vez que estabelece sua própria maneira de mobilizá-las em seu discurso, o que, em nossa pesquisa, se revela por meio dos *arranjos vocais*, os quais acabam por cumprir, na experiência da criança na linguagem, propósitos significantes sobre a significância, que revelam o nascimento do homem na cultura e sua passagem da natureza para o mundo do homem, conforme Benveniste (1966/1974). Na realização desses propósitos, a criança acessa valores culturais revelados no simbólico da língua e mobiliza-os sempre na

dependência do aqui-agora por ela vivenciado em suas enunciações, o que permite que ela, em sua historicidade, relacione-se de forma diferente com a língua e com o outro, revestindo suas enunciações de *arranjos vocais* particulares que a colocam em relação com os valores culturais por eles mobilizados. Esses valores, na particularização do discurso, são atualizados e revelam sempre um sujeito em constituição pelo seu próprio dizer. Essa é a grande experiência da criança na linguagem: a experiência da significação..

A singularidade enunciativa é derivada das relações entre *eu* e *tu* no *aqui-agora* em que a enunciação acontece. Os *arranjos vocais* percebidos nas enunciações da criança assumem funções específicas sobre as formas da língua que só se explicam quando focalizamos a particularidade do discurso. Um alongamento vocálico, por exemplo, exerce papéis diferentes, dependendo da instância enunciativa, como mostram os recortes enunciativos que elegemos em nossa análise; e o sentido por ele mobilizado não pode ser “captado” apenas pelas palavras enunciadas, uma vez que ele se encontra no *arranjo vocal* que caracteriza a frase como um todo, no como se diz e não no que foi dito. Essa singularidade não é acessória, mas, ao contrário, segundo Flores (2013), é fundamental para que se atribua um ou outro sentido ao que foi dito. Sendo assim, há um movimento constante nas enunciações da criança entre o geral da língua e o específico do discurso; trata-se da atualização da língua, experiência na qual o aspecto vocal da enunciação assume papel fundamental como marca do sujeito que, segundo Flores (2013), advém da enunciação, uma vez que os *arranjos vocais* mobilizados pela criança na frase denunciam a posição que ela assume, a posição de quem pode enunciar. Nesse sentido, o ato de apropriação da língua, a enunciação, constitui-se no modo próprio pelo qual a criança mobiliza os *arranjos vocais* que afetam os elementos da língua. Essa condição leva a criança, ao longo dos sete meses em que observamos sua fala, a se apropriar de mecanismos vocais capazes de, na relação de emissão e de percepção com o outro da enunciação, ajustar sentidos na instância enunciativa, trabalhando com “Valores contextuais, sempre instantâneos, aptos a se enriquecer e a desaparecer, em resumo, sem permanência, sem valor constante” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 232), e que, justamente por isso, precisam ser “afunilados” sempre em relação, cumprindo-se a correferência necessária a toda enunciação. Por essa razão, entendemos que a experiência da aquisição da linguagem é a experiência da significação. O quadro a seguir apresenta, sinteticamente, as ideias derivadas da análise que realizamos.

Quadro 6: Síntese da análise da especificidade do aspecto vocal da enunciação na realização dos propósitos significantes

PROPÓSITOS SIGNIFICANTES SOBRE A SIGNIFICÂNCIA NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM	ARRANJOS VOCAIS MOBILIZADOS PELA CRIANÇA NA ENUNCIÇÃO NO ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DE INTERPRETÂNCIA
A interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso	<p>Alongamentos vocálicos, tons ascendentes impressos a enunciados longos e gestos constitutivos da emissão reveladores da função de intimação</p> <p>Entonações ascendentes e alongamentos vocálicos reveladores das funções de intimação, de asserção e de interrogação e gestos constitutivos da emissão</p> <p>Pausas, tons ascendentes impressos a palavras específicas no interior do sintagma e gestos constitutivos da emissão reveladores de intimação / alongamento vocálico e entonação exclamativa e interrogativa reveladores da função de interrogação</p>
A interpretância da língua em relação à reprodução de acontecimentos e de experiências com a/na linguagem	Silêncios e pausas, alongamentos vocálicos, tons ascendentes, silabação e gestos constitutivos da emissão, emissões vocais musicadas, uso de formas vocais indistintas
A interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de substituição e de integração de unidades na relação de sentidos entre emissão e percepção vocal	Alongamentos vocálicos, alongamentos consonantais, pausas, tons ascendentes, emissões vocais musicadas, silabação
A interpretância da língua em relação a ela mesma – o sistema de escrita	Alongamentos consonantais, alongamentos vocálicos, silabação, pausas e gestos constitutivos do dizer



MOVIMENTO QUE MARCA A HISTORICIDADE DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Na experiência de aquisição da linguagem, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaura-se, via arranjos vocais constitutivos dos atos de emissão e de percepção, no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito da/na linguagem.

Fonte: A autora (2014).

Nosso objetivo geral nesta investigação é explicitar como a especificidade do aspecto vocal da enunciação constitui a relação homem-linguagem-cultura no ato de aquisição da linguagem, manifestada na experiência da criança na linguagem. Acreditamos que nossas análises apresentadas nesse capítulo, baseadas nos propósitos significantes sobre a significância, conduzem à explicitação de tal especificidade, no entanto, vemos, ainda, a necessidade de tecermos considerações que “costurem” as constatações decorrentes de nossa análise com os fundamentos que nos guiaram desde o primeiro capítulo, o que faremos na sequência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nosso trabalho; os fatos enunciativos foram interrogados e as respostas registradas. O papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem se revela aos nossos olhos e exige que relacionemos as respostas obtidas com o restante de nossa investigação, a fim de que possamos, também por meio de relações de interpretância, tecermos nossas considerações finais.

5.1 Retomada do caminho percorrido

Identificar e compreender a especificidade do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem é o grande objetivo que nos moveu nesta pesquisa. Para atingirmos nosso objetivo, partimos da tríade homem-linguagem-cultura, derivada da leitura que fazemos da obra de Benveniste. Na constituição da tríade proposta, vimos o aspecto vocal da enunciação como elemento de passagem na vivência de um universo cindido que marca a experiência do homem na linguagem. Na vivência desse universo cindido, quatro problemáticas enunciativas apresentadas por Benveniste mereceram destaque e revelaram especificidades do aspecto vocal da enunciação na experiência do homem na linguagem, a saber:

a) *o homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura*: com o estudo desta problemática, vimos o homem se constituir na cultura que o cerca, o que acontece via inserção na linguagem. Pela linguagem, ele sai da pura natureza e assimila, perpetua ou transforma a cultura; e isso ocorre sempre por meio de relações simbólicas. Entendemos que o aspecto vocal da enunciação contribui para o estabelecimento dessas relações simbólicas, articulando homem-linguagem-cultura. Isso porque, ao mobilizar os elementos vocais da língua em palavras, o locutor mobiliza um conjunto de valores que marcam o mundo à sua volta. E, ao fazê-lo, imprime à emissão vocal as particularidades advindas da sua constituição como homem nesse meio cultural;

b) *a comunicação intersubjetiva e a constituição do homem na linguagem*: o homem se constitui na cultura que o cerca, por meio da linguagem, o que só acontece por meio de relações intersubjetivas, pois é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. O locutor, assim, assume a língua por um ato de apropriação na relação com o outro. Esse ato une não apenas homem e língua, mas também *eu* e *tu*. Essa relação se dá no discurso, por meio de emissões e percepções vocais, as quais, para o locutor, representam a realidade; para o ouvinte, recriam a realidade. No simbólico da língua, portanto, o homem se constitui.

c) *a forma e o sentido na linguagem e os níveis da língua*: na experiência da linguagem, o locutor vivencia mundos distintos revelados no semiótico e no semântico, os quais se superpõem no discurso, realizando a língua-discurso. Nesse jogo entre semiótico e semântico, a unidade linguística se define em sua capacidade em dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido, por sua vez, encontra definição na capacidade que a forma linguística tem de integrar-se a uma unidade de nível superior. E a frase, do domínio do discurso, é a vida da linguagem em ação. E é no discurso que o aspecto vocal, por meio de arranjos específicos, integra unidades da língua e evoca sentidos singulares na enunciação.

d) *a língua no discurso e as relações de interpretância*: A vida em sociedade está organizada em sistemas de signos. Nessa organização, a língua assume uma situação particular, uma vez que, segundo a relação de interpretância, é possível afirmar que nenhum outro sistema dispõe de uma língua na qual possa se categorizar e interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode tudo categorizar e interpretar, até ela mesma. Isso ocorre a cada ato enunciativo: Ao apropriar-se da língua, o locutor apropria-se do aparelho formal da língua e nesse ato de apropriação particulariza o emprego das formas a tal ponto que elas se configuram no aparelho formal da enunciação. Nessa configuração, encontram-se os índices específicos, os procedimentos acessórios e o aparelho de funções, imbricados na relação intersubjetiva. Os arranjos decorrentes da mobilização da realização vocal da língua podem ser interpretados como um mecanismo de engendramento das formas linguísticas capaz de afetá-las no discurso, pois, ao revestir as formas linguísticas de determinadas características decorrentes do *arranjo vocal*, o locutor atualiza o sentido dessas formas, em relação à situação específica da enunciação, afunilamento que o outro da relação, em seu ato de percepção, também realiza.

Ao relacionarmos o aspecto vocal da enunciação a essas problemáticas, passamos a entendê-lo como *o arranjo integralizador do discurso implicado na emissão e na percepção dos elementos vocais da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida*. Essa definição encontra-se complementada por princípios teóricos também derivados do estudo que fizemos das problemáticas benvenistianas e que podem ser resumidos da seguinte forma: O aspecto vocal da enunciação envolve elementos segmentáveis e não-segmentáveis presentes na *emissão* e na *percepção* dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida; ele traz impressas as particularidades advindas do homem no meio social e cultural; torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, resultante do *arranjo*

vocal realizado numa determinada língua; manifesta-se nos procedimentos acessórios, na atualização das formas e no aparelho de funções sintáticas; e, por fim, não se encontra apenas em unidades específicas ou num ou outro nível da língua, mas no *arranjo vocal* que produz, por meio do agenciamento realizado pelo locutor, os sentidos das formas atualizadas no discurso, integrando os processos de sintagmatização e semantização.

De posse desses princípios, passamos a entender o aspecto vocal da enunciação como um fenômeno específico em relação ao fenômeno geral da enunciação. Mas faltava-nos ainda nos aproximarmos da questão principal proposta em nossa investigação: como essas especificidades do aspecto vocal da enunciação se apresentam no ato de aquisição da linguagem? Conforme já apresentamos na introdução de nosso trabalho, percebemos uma lacuna nos estudos de aquisição no que diz respeito a essa questão. Os elementos vocais em geral são abordados pelos estudos da Aquisição da Linguagem com enfoque em suas regularidades e com especial destaque para os elementos formais que marcam sua realização na linguagem da criança. No entanto, nosso propósito neste trabalho foi outro: os *arranjos vocais* manifestados no discurso da criança tornaram-se objeto de nossa análise em função da singularidade enunciativa, merecendo destaque a atitude do locutor que deles se apropria e os enuncia de uma forma particular e a instância enunciativa em que são mobilizados. Além disso, nosso interesse sempre esteve voltado para a relação forma-sentido, uma vez que entendemos a experiência da criança na linguagem como uma experiência de significação.

Com esse interesse, chegamos a quatro outros princípios que dizem respeito ao aspecto vocal da enunciação na experiência de aquisição da linguagem vivenciada pela criança: Na relação intersubjetiva, o aspecto vocal da enunciação evoca valores culturais impressos no discurso do outro, os quais possibilitam a experiência singular da criança na linguagem. Essa experiência se realiza na dependência da emissão e da percepção dos elementos vocais da língua em relação na enunciação, os quais possibilitam à criança historicizar-se na língua-discurso, para fundamentar sua subjetividade na linguagem, ao se apropriar do aparelho de formas e de funções. Nessa experiência, ela vive a singularidade enunciativa via aspecto vocal, por meio de *arranjos vocais* específicos emitidos e percebidos, os quais constituem referência no discurso. Tais arranjos, em relação na *emissão* e na *percepção*, são integralizadores de formas para comunicar e evocar sentidos nas enunciações que constituem a experiência da criança na linguagem.

Esses princípios nos conduziram, no capítulo 4, na busca de uma metodologia para o estudo do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Assim, desde a coleta dos fatos enunciativos até sua análise, nos pautamos nos quatro princípios

anteriormente definidos. No registro dos fatos, trabalho de transcrição que se confunde com o trabalho de interpretação do analista, definimos normas de transcrição que pudessem abarcar também os elementos não verbais, já que os entendemos, em muitos casos, como constitutivos das emissões vocais da criança. Por essa razão, trabalhamos com a possibilidade de inserir comentários e descrições acerca do corpo da criança, enriquecendo os dados para a análise.

Na análise dos fatos enunciativos, elegemos propósitos significantes sobre a significância, os quais conduziram nosso trabalho no capítulo 5, pois entendemos que, ao mobilizar *arranjos vocais* em seu discurso, a criança estabelece relações de interpretância entre a língua e os demais sistemas que caracterizam seu meio cultural. São essas relações de interpretância, realizadas por meio de propósitos significantes, que sustentam a tríade homem-linguagem-cultura. Entender essas relações a partir da observação dos *arranjos vocais* presentes na enunciação foi a ação que marcou nosso trabalho de análise, cujas conclusões enfocamos na sequência.

5.2 Uma síntese: O que nos disseram os fatos interrogados

A criança nasce e se movimenta na linguagem, enquanto sistema simbólico. É nesse simbolismo de integração necessária entre língua e cultura que apreende o mundo à sua volta e vivencia o fato de que a língua, atualizada em discurso, é capaz de tudo interpretar. Com a análise que fizemos dos fatos enunciativos com os quais trabalhamos em nossa investigação, podemos afirmar que a experiência da criança na linguagem é uma experiência de significação. Nessa experiência, o aspecto vocal da enunciação assume um papel específico: *Na experiência de aquisição da linguagem, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaura-se, via arranjos vocais constitutivos dos atos de emissão e percepção, no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito da/na linguagem.*

Os esquemas culturais a que nos referimos caracterizam o semantismo social incorporado ao vocal e evocado a cada enunciação. Há, portanto, um movimento constante que vai do geral da língua para o particular do sujeito que enuncia. Realizar esse movimento e integrar-se nos sistemas significantes de sua cultura por meio da linguagem caracteriza o ato de aquisição da linguagem e marca a experiência da criança na linguagem. Mas como a criança se desloca nessa estrutura e constitui sua experiência na linguagem via aspecto vocal da enunciação? Vimos em nossa análise que, nessa experiência, as relações de *emissão* e de *percepção* constituídas no aqui-agora da enunciação permitem à criança instaurar-se na língua,

apropriando-se do aparelho formal vocal. Sendo assim, a criança reveste as formas dadas da língua de sentidos renovados por meio da mobilização dos *arranjos vocais*, numa relação de dependência da atribuição de sentido pelo outro, que toma suas manifestações como significativas. Essa relação se modifica à medida que se modificam as relações de interpretância mobilizadas pela criança via linguagem. Há, portanto, uma historicidade que marca as enunciações da criança reveladora da vivência de atos enunciativos capazes de, aos poucos, modificarem a relação da criança com a língua e com o outro, via *arranjos vocais*, caracterizando o movimento permanente do geral da língua para o específico da enunciação. Por isso, as funções dos *arranjos vocais* mobilizados na enunciação se constituem na efemeridade do discurso da criança, não são permanentes, mas dependentes da situação enunciativa em que se realizam e da atitude do locutor que os assume no seu discurso.

Há, nas relações de *emissão* e de *percepção* dos elementos vocais, a evocação de acontecimentos, de experiências reveladoras de esquemas culturais constitutivos de um semantismo social a partir do qual a criança se singulariza e ocupa seu lugar na enunciação. Essa singularidade é revelada nos alongamentos vocálicos, alongamentos consonantais, pausas, silabações, entonações ascendentes, entonações descendentes, entonações musicadas que revestem as formas da língua de sentidos particulares a cada enunciação, evocando o já dito, mas sempre renovando-o com os traços individuais do sujeito que enuncia.

Ao mobilizar os *arranjos vocais* em sua enunciação, a criança, portanto, se apropria da língua e dos rudimentos da sua cultura que se acham nela impressos. Faz isso por meio das relações de interpretância da língua em relação aos demais sistemas culturais. Em nossa análise, os fatos enunciativos mostraram a criança na realização de propósitos significantes sobre a significância a partir da interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso; à reprodução de acontecimentos e de experiências com a/na linguagem; a ela mesma – o sistema de substituição e de integração de unidades na relação de sentidos entre *emissão* e *percepção* vocal; a ela mesma – o sistema de escrita. Por meio da realização desses propósitos, a criança inscreve-se na linguagem (língua-cultura) e assume seu lugar na sociedade da única forma que lhe é possível fazê-lo: interpretando a realidade que a cerca por meio da apropriação do aparelho formal vocal da língua, tornando-o particular e próprio.

Como afirmamos anteriormente, não é nosso objetivo neste trabalho elencar os *arranjos vocais* mobilizados pela criança em cada relação de interpretância como uma regularidade característica do ato de aquisição, pois, como sabemos, a função que os arranjos desempenham é efêmera e singular, dependente do *aqui-agora* da enunciação, determinada pela relação de *emissão* e de *percepção* de tais arranjos. Por isso, destacamos o movimento de síntese

constitutivo do ato de aquisição da linguagem: *Na experiência de aquisição da linguagem, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, instaura-se, via arranjos vocais constitutivos dos atos de emissão e de percepção, no aparelho formal vocal da língua, para se singularizar como sujeito de/na linguagem.* Nele, destacam-se os *arranjos vocais* específicos que, na relação entre os atos de *emissão* e *percepção* vivenciados nas enunciações, permitem a criança vivenciar a singularidade assumida como sujeito de/na linguagem.

5.3 Palavras finais

Ao chegarmos ao final deste trabalho, retomando o percurso traçado até aqui, percebemos que também nós, em nossa investigação, à semelhança da criança, realizamos propósitos significantes sobre a significância a partir da interpretância estabelecida em relação aos princípios teóricos, aos princípios metodológicos e, principalmente, em relação ao discurso da criança. Por isso, entendemos que nosso trabalho de fato cumpre a análise “translinguística” proposta por Benveniste (1969/1989) e necessária para atingirmos a experiência da criança na linguagem, a qual, certamente, não desvelamos por completo, dada a ampla envergadura e a complexidade do fenômeno que se apresenta. Mas temos uma certeza: nessa enunciação também nos singularizamos, tornamo-nos sujeitos de uma enunciação que se volta à interpretação do discurso do outro. Logo, as emissões que aqui verbalizamos se encontram na dependência da percepção do discurso do outro e das relações de interpretância que o outro, em sua vivência na linguagem, estabelecerá. É dessa forma que nos constituímos na cultura via linguagem. Acreditamos que, a partir das emissões aqui apresentadas e das percepções do outro, as quais estão por vir, podemos pensar em novos temas que dialoguem com o aspecto vocal da enunciação da criança na linguagem, os quais poderão contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos que marcam a inserção da criança no mundo do homem, como a aquisição da escrita, da capacidade argumentativa, dos rudimentos da cultura em geral que caracterizam seu mover na sociedade e sua experiência humana na linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: _____. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ARESI, Fábio. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.
- BARBOSA, Plínio. A prosódia: uma entrevista com Plínio Barbosa. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010.
- BARROS, A. T. M. C.; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Diversidade prosódica na fala materna: o colorido vocal nas interações mãe-bebê. In: MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A.; SEDRINS, A. P. (Org.). *Novos desafios da língua: pesquisa em língua falada e escrita*. Vol. 1, p. 95-98. Maceió: EDUFAL, 2010.
- BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENTES, Anna Cristina & MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à Linguística, domínios e fronteiras*. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- BENVENISTE, Émile (1952). Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1954). Tendências recentes em linguística geral. In: _____. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: _____. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1963). Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1964). Os níveis de análise linguística. In: _____. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. (1965). A linguagem e a experiência humana. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. (1966). A forma e o sentido na linguagem. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. (1968). Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. (1968). Estruturalismo e linguística. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. (1969). Semiologia da língua. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. (1970). O aparelho formal da enunciação. In: _____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Dernières leçons: Collège de France (1968 et 1969)*. Édition établie par Jean Claude Coquet et Irène Fenoglio. EHESS/Gallimard/SEUIL, Paris, 2012.

_____. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. São Paulo: Unesp, 2014.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *O gesto de apontar como processo de coconstrução nas interações mãe e criança*. Dissertação de mestrado. UFPE, 1994.

_____. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de doutorado. UNICAMP, 1999.

_____; BRANDÃO, Lavínia. Gesticulação e fuência: contribuições para o estudo da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, jan/jun 2012, p. 55-66.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Inpress, 2006.

DIEDRICH, Marlete Sandra. *O texto falado da criança: estratégias de construção*. Passo Fundo: UPF, 2001.

E.LA.N. Disponível em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

FIGUEIRA, Rosa Attié Figueira. A criança na língua: marcas de subjetivação na aquisição do gênero. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, setembro, 2004.

FLORES, Valdir. Enunciação, singularidade e autoria. In: Leda Verdiani Tfouni. (Org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí/ RS: Unijuí, 2008, v. 1, p. 255 - 271.

_____. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, E; COLLISCHONN. *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. EDUCAT, Pelotas, RS, 2011.

_____. Sujet de l'énonciation et ébauche d'une réflexion sur la singularité énonciative. In: Claudine Normand; Estanislao Sofia. (Org.). *Espaces Théorique du langage: des parallèles floues*. Louvain: L'Harmattan Academia S.A, 2013a, v. 1, p. 87-128.

_____. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUC SP. Impresso), 2013b, v. 29, p. 95-120.

- _____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013c.
- _____; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir et alli. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____; SURREAUX, Luiza Milano. A voz e a enunciação. In.: NEUMANN, Daiane; DIEDRICH, Marlete Sandra. (Org.). *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. Passo Fundo: Méritos, 2012.
- HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio*. vol. 5, n. 2, p. 69-76, mai/ago 2007.
- JAKOBSON, Roman. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague-Paris: Mouton, 1968.
- JERUSALINSKY, Julieta. Prosódia e enunciação na clínica com bebês. In: _____. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese (Doutorado) PUC, São Paulo. São Paulo, 2009.
- KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: As modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Carmem Luci da Costa e Silva. Porto Alegre: 2012.
- LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste, l'inconscient et le pòeme*. Limoges: Éditions Lambert Lucas, 2011.
- LE MOS, Claudia Thereza G. de. Interacionismo e aquisição da linguagem. *DELTA*, v.2, n. 2, 1986.
- _____. Sobre o estatuto lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança. *Lingüística*, v. 13, 2001.
- _____. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. In.: *Linguagem: Cultura e Transformação*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling17.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo, 1997.
- _____. Oralidade e Letramento como práticas sociais. In.: MARCUSCHI, Luiz Antônio & DIONÍSIO, Ângela. (Org.). *Oralidade e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MESCHONNIC, Henri (a). *Critique du rythme : anthropologie historique du langage*. Éditions Verdier, Lagrasse, 1982a.

_____. Qu'entendez vous par oralité? In: *Langue française*. N° 56, 1982b. pp. 623. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023368_1982_num_56_1_5145>. Acesso em: 05 nov. 2013.

_____. Soul comme Benveniste. In.: *Dans le bois de la langue*. Paris: Laurence Teper, 2008. NEUMANN, Daiane; DIEDRICH, Marlete Sandra. *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelas, Bélgica: De Boeck & Larcier, 2002.

REY-DEBOVE, Josette (1988). À procura de distinção oral/escrito. In: CATAH, Nina (Org.). *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Ática, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In.: BENTES, Anna Cristina & MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à Linguística, domínios e fronteiras*, v. 2, São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Jan/dez 2005, p. 19-27.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. A experiência do vestibulando na linguagem: do diálogo com a proposta de redação à escrita do texto. In.: REBELLO, Lícia Sa; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). *O texto de vestibular em perspectiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

_____; ENDRUWEIT, Magali Lopes. *O oral e o escrito sob o viés enunciativo: reflexões metodológicas*. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

_____; SURREAUX, Luiza Milano. O tratamento do dado em aquisição e distúrbios de linguagem: uma leitura linguístico-enunciativa. *Estudos em aquisição fonológica*, v. 4, Pelotas, 2011.

_____; STUMPF, Elisa Marchioro. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 115-143, jan./jun. 2012.

_____; MILANO, Luiza. O lugar da voz na aquisição da linguagem. *Nonada Letras em Revista*, v.2, n. 21, Porto Alegre, 2013.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012.

TFOUNI, Leda V. (Org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. v. 1.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.